UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

IVAN SANT'ANA RABELO

Investigação de traços de personalidade em atletas brasileiros: análise da
adequação de uma ferramenta de avaliação psicológica

SÃO PAULO
2013

IVAN SANT'ANA RABELO

Investigação de traços de personalidade em atletas brasileiros: análise da
adequação de uma ferramenta de avaliação psicológica

Tese apresentada à Escola de Educação Física e
Esporte da Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Doutor em Educação Física e Esporte.

Área de Concentração: Pedagogia do Movimento
Humano

Orientadora: Profa. Dra. Katia Rubio

SÃO PAULO
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Serviço de Documentação

Faculdade de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo

Rabelo, Ivan Sant'Ana

Investigação de traços de personalidade em atletas brasileiros: análise da adequação de uma ferramenta de avaliação psicológica / Ivan Sant'Ana Rabelo. – São Paulo : [s.n.], 2013.

164 p.

Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Rúbio.

1. Psicologia do esporte 2. Avaliação psicológica
3. Atletas I. Título.

RABELO, I. S. Investigação de traços de personalidade em atletas brasileiros: análise da adequação de uma ferramenta de avaliação psicológica. Tese apresentada à Faculdade de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Educação Física.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra.: Katia Rubio

Instituição: Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra.: Maria Cristina Rodrigues Azevedo Joly

Instituição: Universidade de Brasília

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: Roberto Moraes Cruz

Instituição: Universidade Federal de Santa Catharina

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra.: Gislane Ferreira de Melo

Instituição: Universidade Católica de Brasília

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra.: Cristianne Almeida Carvalho

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a orientadora Profa. Dra. Katia Rubio, por seus enriquecedores ensinamentos, me permitindo desbravar o que para mim era um novo contexto investigativo, o ambiente esportivo, ao mesmo tempo que me guiou nos momentos onde meus passos não sabiam que direções tomar. Obrigado técnica, treinadora, orientadora e parceira de pesquisa, por ter me ensinado muitas coisas das quais és uma grande referência. É um verdadeiro privilégio atuar em parceria contigo.

Agradeço à Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo por ter sido este espaço de convivência e transformação de saberes. Agradeço aos professores do programa de pós graduação que também contribuíram para esta minha formação. Para não deixar de privilegiar nenhum, amplio meu agradecimento e carinho a todos, estendendo aos demais professores e mestres das outras etapas desta trajetória escolar e acadêmica. Não se dá passos certos para frente sem ter uma base sólida para apoiar os pés.

Agradeço aos meus familiares e grandes amigos que me apoiaram e também me entenderam nos momentos de ausência, sabendo que havia um caminho a ser trilhado. Um agradecimento especial ao André Melo, das quais as contribuições se ampliam ao contexto profissional e pessoal. Agradeço aos amigos e parceiros que, muito mais do que torcerem por meu sucesso, se propuseram ao auxílio das mais diferentes formas, da ajuda na coleta dos dados, à digitação, às análises, e fazem parte desta história, entre estes presentes de Deus, Gabriela de C. Monteiro Gonçalves, Luciana Ferreira Angelo, Paulo Vinícius Carvalho Silva, Augusto Naressi de Carvalho, Priscilla Mark Rodrigues, Diego Alves Tajés, Gabriel Puopolo de Almeida, Gisele Maria da Silva, Fátima Novais da Silva, Nelimar Ribeiro, Lariana Paula Pinto e tantos outros queridos parceiros e pesquisadores de nomes rmas de contribuição especial.

Agradeço também aos demais amigos que de uma forma indireta também contribuíram infinitamente com a força da presença, seja com uma palavra amiga e confortante, nas questões do dia-a-dia, no carinho e na parceria. Obrigado meus anjos. E por falar em anjos, meu carinho e agradecimento em destaque àquele que por mais de uma vez, ou melhor, por muitas vezes, foi o grande incentivador e responsável pelo meu caminhar profissional, motivando e apoiando meus passos, o amigo e parceiro Ingo Bernd Güntert.

Assim como nos demais, em mais um projeto agradeço à instituição que apoiou a realização desta pesquisa a Editora Pearson. Agradeço aos colegas que contribuíram, e muito, para a realização deste trabalho. Muitíssimo obrigado amigas Irene Leme, Gisele Alves, Silvia Pacanaro, Rodolfo Ambiel, Regina Marino, Ísis Rodrigues, Carina Pereira, Leila Brito, Sabrina Oliveira e todos os queridos amigos da estimada *Casa do Psicólogo*.

À Deus, nosso verdadeiro tutor, e à todos aqueles que apoiaram de alguma forma a realização desta pesquisa, o meu muito obrigado. Certamente este trabalho não teria atingido suas possibilidades sem a parceria de todas estas pessoas especiais.

RESUMO

RABELO, I. S. **Investigação de traços de personalidade em atletas brasileiros: análise da adequação de uma ferramenta de avaliação psicológica.** 2013. 163 f. Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física e Esportes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

O objetivo deste trabalho foi avaliar traços de personalidade em atletas brasileiros, de diferentes modalidades esportivas, por meio da teoria de personalidade dos Cinco Grandes Fatores. Os atletas foram submetidos ao teste Bateria Fatorial de Personalidade - BFP. Participaram do estudo 613 atletas, de 7 modalidades, entre elas, Atletismo, Futebol, Futebol de base, Rugby, Rugby olímpico, Tênis de mesa olímpico e paraolímpico. Os resultados demonstraram que o teste apresentou nível satisfatório de precisão na maioria de suas variáveis relacionadas aos cinco grandes fatores, com exceção do fator Abertura. Já em relação as facetas, das variáveis investigadas, apenas 4 facetas apresentaram níveis satisfatórios de precisão, quanto a amostra geral esportiva. Também foram verificadas alterações da confiabilidade dos resultados quando do agrupamento por modalidades, alternando fatores e facetas com níveis de precisão satisfatórios. Foram realizados estudos de diferenças de média por *t* de *Student*, análise de variância ANOVA e Tukey da diferença honestamente significativa – HSD. São apresentados estudos de comparação entre as modalidades investigadas e uma pesquisa em um processo de seleção de um programa de atletismo. As análises sugeriram não haver um perfil comum de personalidade do atleta, sendo verificado variáveis investigadas no teste que se diferem em amostras de atletas se comparado à normatização do teste, e também fatores e facetas da personalidade que se diferem entre modalidades esportivas. De maneira que são encontrados traços em comum no grupo de esportistas, tais como, rebaixada instabilidade emocional, índices medianos mais baixos em socialização e também rebaixado em abertura para novas experiências. No outro sentido, os atletas apresentaram médias mais elevadas em extroversão e interações sociais e também no fator Realização, apesar da baixa magnitude de diferença, porém significativas estatisticamente. Concluiu-se que os achados não foram suficientes para a afirmação da existência de um perfil comum de atleta, nem para o sentido de um perfil médio em razão das diferenças entre modalidades. Sugere-se que mais estudos sejam realizados com instrumentos de investigação de personalidade em esportistas, buscando uma maior compreensão psíquica e emocional dos atletas, considerando os determinantes das modalidades esportivas, em situações específicas de jogo, treinos e em momentos de competição, de maneira a contribuir com treinadores, equipes técnicas e sobretudo com os próprios atletas.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte, Avaliação Psicológica, Personalidade, Educação Física, Atleta.

ABSTRACT

RABELO, I. S. Investigation of personality traits in Brazilian athletes: analysis of the adequacy of a psychological assessment tool. 2013. 163 f. Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física e Esportes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

The aim of this study was to assess personality traits in Brazilian athletes of different sports, through the theory of the Big Five Personality Factors. The evaluation of athletes in these factors and their facets was performed using the Battery Factor Personality Test. 613 athletes participated in the study, divided into seven types of sport, including, Athletics, Football, grassroots Football, Rugby, Rugby Olympic, Paralympic and Olympic Tennis table. The results showed satisfactory level of confiability in most of its variables related to the Big Five factors, with the exception of Opening factor. Regarding the facets of the variables investigated, only 4 facets showed satisfactory levels of confiability in the sport overall sample. Changes in the reliability of the results when the grouping arrangements were also verified by alternating factors and facets with satisfactory levels of confiability. Were performed studies of mean differences by Student t test, ANOVA and Tukey's honestly significant difference variance. Studies comparing certain modalities and a research in the process of selecting an athletics program are presented. The analysis not suggested that there a common personality profile athlete, confirmed the test variables investigated that differ in samples of athletes compared to the standardization of the test, and also the personality factors and facets that differ between types sports. So that traces are found in common in the group of athletes, such as lower median rates in emotional instability, lower median rates in socialization and also relegated in openness to new experiences. In another sense, the athletes had higher means on extroversion and social interactions and also the Conscientiousness factor, despite the low magnitude of difference, though statistically significant. It was concluded that the findings were not sufficient to affirm the existence of a common profile athlete, nor the sense of an average profile due to differences between types of sports. It is suggested that further studies be carried out with instruments of investigation of personality in sports, seeking greater mental and emotional understanding of athletes, considering the determinants of sports in specific game situations, and training in times of competition, so that contributing coaches, technical staff and especially with athletes.

Keywords: Sport Psychology, Psychological Assessment, Personality, Physical Education, Athlete.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	6
ABSTRACT	7
1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Personalidade e esporte	15
1.2 Estudos sobre avaliação da personalidade	18
1.3 A personalidade investigada pelo modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF)	20
1.4 Os fatores de personalidade segundo modelo CGF	25
1.5 Avaliação psicológica e padronização de testes	28
2. OBJETIVO	42
2.1 Objetivos Específicos	42
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
3.1 – Participantes	43
3.2 – Instrumento	44
3.3 – Procedimento de coleta de dados	46
3.4 – Procedimento de análise de dados	46
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	48
4.1. ESTUDO 1 – Aplicação da Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) no contexto esportivo	48
4.2. ESTUDO 2 – Análise dos traços de personalidade no contexto esportivo	64
4.3. ESTUDO 3 - Descrição de traços de personalidade em diferentes modalidades esportivas	99
4.3.1. Interpretações do perfil médio de personalidade do atleta	101
4.3.2. Interpretações do perfil de personalidade do atleta por modalidade esportiva	105
4.4. ESTUDO 4 - Avaliação de traços de personalidade em atletas olímpicos brasileiros do Tênis de mesa	114
4.5. ESTUDO 5 - Investigação de traços de personalidade no Rugby e Futebol	125
4.6. ESTUDO 6 - Perfil de personalidade no Atletismo: aspirantes e aprovados em um programa de olimpismo	141
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
6. REFERÊNCIAS	155
7. ANEXO	163

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Estatística descritiva das modalidades compreendidas no grupo amostral esportivo.....	50
Tabela 2. Índices de precisão por alfa de Cronbach dos fatores em cada modalidade.....	52
Tabela 3. Prova de Tukey para a medida de Escolaridade por modalidade esportiva	55
Tabela 4. Comparação de médias entre os fatores considerando a variável sexo	56
Tabela 5. Correlações de Pearson das pontuações dos testes controlando a variável idade, sexo, escolaridade e grupo de modalidade	57
Tabela 6. Descrição do agrupamento de idades dos participantes	59
Tabela 7. Análise de variância (ANOVA) considerando o agrupamento de idades	59
Tabela 8. Prova de Tukey para a medida de Amabilidade (S1)	60
Tabela 9. Prova de Tukey para a medida de Realização	61
Tabela 10. Estatística descritiva das modalidades compreendidas no estudo 2	64
Tabela 11. Comparação entre médias (teste t de Student) em Neuroticismo	65
Tabela 12. Análise de variância (ANOVA) das modalidades esportivas em Neuroticismo	66
Tabela 13. Prova de Tukey para a medida de Neuroticismo	66
Tabela 14. Prova de Tukey para a medida de Vulnerabilidade ao sofrimento.....	69
Tabela 15. Prova de Tukey para a medida de Passividade.....	71
Tabela 16. Comparação entre médias (teste t de Student) em Extroversão	75
Tabela 17. Análise de variância (ANOVA) das modalidades esportivas em Extroversão.....	75
Tabela 18. Comparação entre médias (teste t de Student) em Socialização	80
Tabela 19. Análise de variância (ANOVA) das modalidades esportivas em Socialização.....	80
Tabela 20. Prova de Tukey para a medida Amabilidade.....	82
Tabela 21. Prova de Tukey para a medida Pró-sociabilidade	83
Tabela 22. Comparação entre médias (teste t de Student) em Realização	86
Tabela 23. Análise de variância (ANOVA) das modalidades esportivas em Realização	86
Tabela 24. Prova de Tukey para a medida Competência	87
Tabela 25. Prova de Tukey para a medida Empenho	89
Tabela 26. Comparação entre médias (teste t de Student) em Abertura	91
Tabela 27. Análise de variância (ANOVA) das modalidades esportivas em Abertura.....	92
Tabela 28. Prova de Tukey para a medida Busca por novidades	93
Tabela 30. Percentis médios de acordo com a tabela geral do manual da BFP.....	100
Tabela 31. Descrição da pontuação da amostra de atletas do Tênis de mesa.....	116
Tabela 32. Correlações significativas entre as facetas (N=17).....	121
Tabela 33. Precisão por Alpha de Cronbach para os cinco grande fatores	130
Tabela 34. Descrição da pontuação da amostra Rugby e Futebol.....	131
Tabela 35. Comparação entre médias por meio do teste t de Student.....	132
Tabela 36. Estatística descritiva do grupo amostral do atletismo	142
Tabela 37. Descrição da pontuação do grupo de atletas.....	143
Tabela 38. Comparação das médias da equipe dos 50 atletas	144
Tabela 39. Comparação das médias da equipe dos 30 atletas	145
Tabela 40. Comparação das médias dos atletas em relação ao manual da BFP.....	147
Tabela 41. Comparação de médias por meio da variável sexo.....	148

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Médias de nível de escolaridade por grupo de modalidade esportiva.....	54
Figura 2. Médias das modalidade em Neuroticismo	73
Figura 3. Médias das modalidade em Extroversão.....	78
Figura 4. Médias das modalidade em Socialização.....	85
Figura 5. Médias das modalidade em Realização	90
Figura 6. Média das modalidades em Abertura.....	94
Figura 7. Amostra total de atletas (376 sujeitos).....	101
Figura 8. Perfil médio para a modalidade Atletismo.....	105
Figura 10. Perfil médio para a modalidade Rugby.....	108
Figura 11. Perfil médio para a modalidade Futebol e Futebol base	111
Figura 12. Médias de pontuações no fator Neuroticismo.....	117
Figura 13. Médias de pontuações dos atletas no fator Abertura.....	119
Figura 15. Comparação das médias entre as pontuações do fator Neuroticismo	133
Figura 17. Comparação das médias entre as pontuações do fator Socialização.....	136
Figura 18. Comparação das médias entre as pontuações do fator Realização	137
Figura 19. Comparação das médias entre as pontuações do fator Abertura.....	138
Figura 20. Comparação das médias da equipe dos 50 atletas.....	144
Figura 21. Comparação das médias da equipe dos 30 finalistas	146
Figura 22. Comparação das médias entre as pontuações das equipes	147

1. INTRODUÇÃO

O esporte tem mobilizado um número muito expressivo de pessoas, materiais, instalações e recursos financeiros, constituído num dos fenômenos socioculturais mais importantes do século XX. No Brasil, sobretudo no fim da década de 1990 e início do novo século, pesquisas acadêmicas foram realizadas com o objetivo de apresentar à comunidade científica, instrumentos e possibilidades de avaliação utilizadas no entendimento das variáveis psicológicas no contexto esportivo (ANGELO; RUBIO, 2007). No entanto, apesar das pesquisas, o que se tem é a área de estudos em Psicologia do Esporte e Exercício buscando instrumentos que possam refletir a realidade do atleta de nosso país, mas dentro de uma realidade ainda de poucos instrumentos para o contexto esportivo propriamente dito.

Brandão (2007) explica que os psicólogos do esporte, apesar de se esforçarem em sua atuação, se deparam com algumas barreiras, tais como o desenvolvimento de critérios teóricos para ajudar na construção e aplicação dos testes e questionários, na análise da influência da cultura na avaliação e na adaptação dos testes para a cultura brasileira. Sobretudo no contexto esportivo deve-se considerar a capacidade de discriminar entre os diferentes níveis de atletas em suas habilidades e o desenvolvimento de instrumentos que possam ser usados para propósitos mais abrangentes com uma população menos limitada.

Além disso, tendo em vista a escassez de ferramentas para o contexto específico em nosso país, em estudo sobre o uso dos testes nos países Portugal, Espanha e países Ibero-Americanos, dentre eles o Brasil, os pesquisadores Almeida, Prieto, Muñiz e Bartram (1998) indicaram como problemas constantes a fotocópia de material de testagem, o uso de testes inadequados em diferentes contextos, avaliações incorretas por desconhecimento do tipo e material de testagem, a ausência de clareza das informações dos instrumentos quanto às normas, a falta de adaptação dos instrumentos para as regiões do país, entre outras.

Assim, observa-se cada vez mais a necessidade de dispor de uma maior variedade de instrumentos orientados para medidas de construtos psicológicos no âmbito esportivo, valendo-se de que temas como motivação, personalidade, agressão e violência, liderança, dinâmica de grupo, bem-estar psicológico, pensamentos e sentimentos de atletas e vários outros aspectos da prática esportiva e da atividade física têm requerido estudo e atuação de profissionais da área. O nível técnico de atletas e equipes de alto rendimento está cada vez mais equilibrado, sendo dada ênfase especial à preparação emocional, entendida como o diferencial.

No contexto do esporte, entende-se a avaliação psicológica como o processo de psicodiagnóstico esportivo, no qual o objetivo maior é a investigação de aspectos particulares do esportista, da equipe esportiva, vinculada à modalidade praticada. De maneira que dentro das funções do psicólogo do esporte e exercício, está a necessidade de uma postura de intervenção investigadora, com o objetivo de clarificar o que está se desenvolvendo com o atletas dentro do ambiente de treino e competições, e principalmente no que tange aos fatores que incidem na participação e execução esportiva do atleta, contribuindo para um melhor desempenho (RODRIGUEZ, 2003).

Assim sendo, com o intuito de investigar o nível de desenvolvimento de características psicológicas que contribuam para a prática esportiva ou atividades físicas e de lazer, utiliza-se um conjunto de procedimentos que podem conter entrevistas, escalas, questionários, testes projetivos, entre outras ferramentas (ANGELO; RUBIO, 2007). De acordo com Rodiónov (1990), em práticas esportivas de alto rendimento, a avaliação psicológica pauta-se na busca de qualificar e quantificar os estados emocionais em diferentes contextos, seja em situações de competição, treinamento, níveis de processos psíquicos e relações interpessoais, na otimização de trabalhos em equipes. Com base nesses dados, a comissão técnica poderá tomar decisões atreladas às particularidades do atleta ou da equipe, modificar o processo de treinamento, a preparação técnica, escolher uma estratégia e uma tática de conduta em competições visando otimizar os estados psíquicos. Para isso, segundo o autor, poderão valer-se de métodos de análise de particularidades de processos psíquicos, sejam eles, processos sensoriais, sensorio-motores, de pensamento, mnemônicos e volitivos, tanto quanto características psicológicas da dinâmica do grupo esportivo.

Em contraponto ao manuseio aquedado da avaliação psicológica no meio esportivo, verificam-se psicólogos que trabalham com esporte fazendo uso de técnicas inespecíficas à realidade esportiva. Os instrumentos são utilizados por profissionais que não têm conhecimento de como utilizá-los, nem tão pouco o modo de como fazer uma avaliação nesta área, assim, acabam prejudicando os atletas avaliados, além do mau uso atrapalhar a confiabilidade do psicodiagnóstico e o resultado da intervenção psicológica (GONZÁLES, 1997). Desaconselha-se, também, que psicólogos do esporte apliquem qualquer instrumento que apresente uma orientação clínica ou de outra área que não tenha estudos de adaptação para o esporte, pois é necessário que o ferramental escolhido compreenda estudos normativos com a referida população em que será aplicado. Desta maneira os dados analisados poderão refletir com maior confiabilidade os resultados oriundos desta testagem, diminuindo possíveis erros de medida.

Diante do exposto, este trabalho objetiva contribuir para a Psicologia do Esporte, apresentando estudos empíricos para o contexto esportivo, com atletas de alto rendimento, dada a necessidade de instrumentos de avaliação psicológica de personalidade validados e padronizados para o Brasil, com pesquisas para populações em contexto esportivo. Assim, objetiva-se analisar a utilização de um teste de personalidade em atletas, verificar se os resultados da aplicação do teste mostram-se sensíveis as peculiaridades da avaliação de esportistas e a apresentação de estudos que possam contribuir para a validação e interpretação do teste no âmbito esportivo.

A investigação da personalidade se justifica dentro do campo de atuação do psicólogo do esporte, considerando que entre as funções e contribuições do profissional, ressalta-se a importância de se identificar e compreender teorias e técnicas psicológicas a serem aplicadas ao esporte com o objetivo de maximizar o rendimento e desenvolvimento pessoal do atleta (FRASCARELI, 2008). De maneira que se possa inclusive destacar quais os aspectos dentro do modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) que atletas se diferenciam da população de não atletas, representadas nesta pesquisa pelos resultados médios da amostra de normatização do teste em estudo.

Williams (1991) traz questionamentos a respeito da personalidade e perfil psicológico de atletas de alto rendimento, identificando três fontes de ajuda para que se possa identificar as características psicológicas que se encontram na base das atividades esportivas, entre elas, as informações provenientes dos próprios atletas, por meio das percepções subjetivas experimentadas durante os momentos de alto desempenho de suas carreiras, a outra característica relacionada as informações geradas por estudos que comparam as características psicológicas de atletas exitosos com outros menos prósperos e, por fim, os dados recebidos pelas pessoas que prepararam os atletas mais talentosos de alto desempenho, como treinadores. Em especial, para a análise e compreensão da percepção por parte do próprio esportista, tem-se os testes psicológicos como uma possibilidade relevante e de cunho científico para complementar tais investigações.

No entanto, não se deve perder de vista que todo este espectro de características e interpretações possibilitadas pelos resultados dos testes necessitam de um olhar cauteloso dos profissionais que atuam com atletas, considerando a complexidade que envolve os componentes físico-motores, cognitivos, emocionais etc., que exigirão um trabalho reforçado sobretudo na escolha das ferramentas e técnicas que serão utilizadas, de maneira que permitam analisar aquilo que se deseja, considerando as características específicas deste contexto. De acordo com Manoel (1994), quando um atleta realiza um movimento, em

conjunto, observa o ambiente, estabelece uma meta, elabora um plano de ação, verifica seu plano por meio da execução motora, avalia o resultado e decide as correções ou formulações de novos planos, iniciando então, um novo circuito. O alcance das habilidades dependerá das experiências motoras básicas, reconhecidas como importantes na evolução do comportamento e desenvolvimento cognitivo, permitindo toda aquisição posterior das habilidades específicas. Movimentos fundamentais, tais como correr, saltar, arremessar, chutar, caracterizam-se por um aumento da eficiência biomecânica e pela incorporação de novos elementos à estrutura do movimento, quando treinados, e são produtos do processo de competência que se define como a capacidade de execução motora.

Mesmo aquilo que se considera uma sequência de desenvolvimento motor, tem como característica atuante sobre as ações o grau de interdependência entre os domínios do comportamento motor, incluindo aspectos afetivo-sociais e cognitivos, que vão se diferenciando gradualmente em necessidade e intensidade. A trajetória dessa sequência motora também dependerá da história da interação entre o atleta e seu ambiente, considerando que o objetivo do esportista é executar corretamente os movimentos de sua prática esportiva e, para isso, precisa desenvolver um planejamento, ou um programa de execução, incluindo necessidades além das características físico-motoras (CASTRO, 1988).

E, por fim, questionamentos poderiam ser feitos, indagando o papel da personalidade em todos estes processos vivenciados pelos atleta, sejam de domínios do comportamento motor, afetivo-social e cognitivo. Quais características de personalidade estariam atuando de maneira mais expressiva no contexto esportivo? Quais traços diferenciam esta população de não esportistas? Se as modalidades se diferem quanto àquilo que executam e para isso necessitam de habilidades físicas e psíquicas para esta atuação, a personalidade teriam características diferentes em atletas de modalidades diferentes? São estas as principais indagações que buscou-se investigar nesta pesquisa.

Destaca-se, por fim, que as informações obtidas por meio dos testes psicológicos, em especial dos testes de personalidade, podem ser úteis no trabalho psicológico com o esportista, uma vez que proporcionam melhor compreensão sobre como este atleta se apresenta do ponto de vista psíquico, naquele período de avaliação. Aperfeiçoa a ação do psicólogo, tornando-a possivelmente mais eficaz, além do auxílio ao técnico esportivo (quando orientado sobre todo o processo de avaliação) e também do suporte para o atleta. Ressaltam-se também as possibilidades de aproveitamento por parte do atleta quando este é capaz de perceber e repensar sobre seus comportamentos e atitudes a partir dos resultados levantados por ferramentas de avaliação, contribuindo para atingir seu sucesso e objetivos.

1.1 Personalidade e esporte

Estudos sobre a relação entre a modalidade esportiva praticada e o tipo de personalidade tem sido objeto de estudo de diversas pesquisas (BARTHOLOMEU et al., 2010; FISCHER, 1984; NAVEIRA; BARQUÍN; PUJALS, 2011; SILVA, 1984; VEALEY, 1992; WEINBERG; COULD, 1995). Tendo como referencial o conceito de personalidade enquanto diferença individual, os estudos nessa área são controversos e, por vezes, confusos, uma vez que, além da divergência sobre o que é personalidade, podendo ser tratada como característica subjetiva e/ou comportamental no âmbito da Psicologia, no contexto esportivo tem-se uma busca pelo padrão ou modelo que venha caracterizar o atleta de alto rendimento. Das questões relacionadas a métodos e técnicas até a relação entre tipologia e escolha e prática de determinadas modalidades esportivas ainda não se chegou a respostas conclusivas ou explicativas suficientes para satisfazer a técnicos e atletas ou mesmo aos estudiosos do assunto (RUBIO, 1999).

De acordo com Silva (1984), três perspectivas se destacaram diante dos vários modelos de estudo da personalidade em Psicologia do Esporte, sendo um modelo chamado de determinista, pouco adotado na área esportiva, próxima da psicodinâmica que tem como referência autores como Freud, Jung, Adler. Um segundo, considerado modelo de traço, no qual a personalidade é considerada dotada de características relativamente constantes que diferenciam uma pessoa das demais, baseando-se em autores como Allport. E um modelo interacional, que busca compreender a personalidade a partir da integração das influências pessoais com as do meio em que a pessoa está inserida, tendo em Bandura um dos teóricos referenciais, sendo esta a mais adotada em pesquisas nos últimos tempos. Um dado comum nos estudos relacionados a esse assunto é que ainda que a personalidade seja caracterizada pela composição individual dos traços de um sujeito, no esporte esse assunto ganha adjacências próprias ao buscar-se um perfil comum naquilo que se refere à conquista e ao êxito.

Machado (1997) menciona autores que pesquisaram a relação da personalidade com a prática esportiva, analisando pontos em comum. O autor concluiu que o estado psicológico do indivíduo influencia a resposta psicológica e o comportamento durante o exercício, que a prática esportiva produz efeito favorável no processo de desenvolvimento social e que as atividades físicas tornam-se mais efetivas quando associadas a um trabalho cognitivo. Já a respeito da personalidade no domínio esportivo, os traços de personalidade podem ser

considerados fracos preditores de desempenho, mas por outro lado apresentam-se como preditores de longo prazo para converter habilidades em conquistas.

A pesquisa de Weinberg e Gould (1995) indicou que as principais investigações sobre a personalidade dos esportistas estão orientadas para a identificação de um certo número de trações que os definam. O traço de personalidade representa a tendência característica da pessoa a atuar e se comportar de certa maneira. Estas investigações, essencialmente fundadas nos questionários de personalidade, baseiam-se na determinação dos traços de personalidade correspondentes à participação esportiva e na obtenção de melhores resultados nas competições.

Messias e Pelosi (1997) realizaram um estudo onde se evidenciou que mesmo com inúmeras diferenças individuais, há um perfil comum de atletas que apresentam características como autoconfiança, melhor concentração, preocupação positiva pelo esporte, compromisso e determinação. Contudo, para Vealey (1992) a área do esporte tem demonstrado uma preocupação em descrever características psicológicas em atletas, a influência da personalidade no comportamento esportivo, transformações da personalidade, baseado numa extensa revisão bibliográfica apontando algumas conclusões gerais sobre as pesquisas realizadas. Mas não se verificam evidências, pelos estudos, de que exista uma personalidade típica de atleta. Não se verifica conclusões sobre a existência de um tipo de personalidade que aponte aqueles que são atletas de não atletas. Não são conclusivas também as pesquisas que demonstram diferenças entre personalidade e os diferentes subgrupos esportivos, tais como diferenças entre o esporte individual e o coletivo. O autor também destaca que o sucesso no esporte pode influenciar na saúde mental do sujeito, facilitando a autopercepção positiva e produção de estratégias cognitivas de sucesso, não representando mudança no traço de personalidade.

Entre os poucos estudos e pesquisas publicadas referentes à avaliação psicológica no contexto esportivo, segundo Lage, Ugrinowitsch e Malloy-Diniz (2010), destacam-se as tentativas de compreender como diferentes componentes da personalidade e cognição, como por exemplo, o controle de impulsos e a busca de sensações, influenciam o desempenho esportivo. Esta temática tem despertado cada vez mais técnicos de diferentes modalidades esportivas, pois, relacionado aos esportes de alto rendimento, cada detalhe melhor controlado pode ser a diferença que levará a vitória. Assim, conhecer os aspectos cognitivos e as dimensões da personalidade relacionada à eficiência de esportistas é um desafio da Psicologia do Esporte e Exercício, também, dos estudos que abordam os esportes em uma perspectiva neuropsicológica.

Lage et al. (2010) mostram quão peculiar é a análise de variáveis cognitivas, comportamentais e emocionais em contexto esportivos específicos, sendo constructos tais como impulsividade e seu efeito na prática esportiva, efeitos cognitivos relacionados à concussão cerebral em razão da modalidade esportiva, exemplos de estudos da aplicação também da Neuropsicologia às práticas esportivas. Os autores sugerem pesquisas, tais como as desenvolvidas por Potgieter e Bisschoff (1990) e por Jack e Ronan (1998), que apresentam que as escolhas no contexto esportivo podem ser baseadas nos níveis de sensação, experiência e risco promovido pela atividade, versando que sujeitos com tendência à busca de sensação se aproximam mais de esportes de alto risco, tais como paraquedismo e o alpinismo. Escores altos em relação à busca de sensação também são encontrados em esportes de risco médio como os esportes de contato.

Llewellyn e Sanchez (2008) verificaram que a experiência no esporte pode atenuar a prontidão para a busca de sensação impulsiva, por exemplo, escaladores experientes calculam mais os riscos e são menos levados pela busca de sensação impulsiva comparados com escaladores menos experientes. A análise de características da personalidade pode contribuir, por exemplo, para o direcionamento de crianças e adolescentes para um formato de modalidade esportiva, de mais ou menos contato, maior ou menor risco etc. Já para esportistas em atividade e, também atletas de alto rendimento, o diagnóstico de impulsividade pode possibilitar uma intervenção no sentido de melhorar, compensar ou contornar dificuldades encontradas na prática esportiva que possam vir a interferir no desempenho ou no nível de risco assumido durante a atividade esportiva.

Procurando investigar diferenças no comportamento motor esportivo entre sujeitos impulsivos, Lage et al. (2007 apud LAGE et al., 2010) pesquisaram a relação entre impulsividade atencional, motora e cognitiva e o desempenho técnico de atletas de handebol em partidas de um campeonato estadual. Para análise do desempenho técnico foram realizados anotações quantitativas da qualidade das ações do atleta durante uma partida, tais como número de erros de passe, número de gols, número de faltas cometidas etc. Para análise do nível de impulsividade das atletas, foram utilizados os testes neuropsicológicos CPT-II e IGT e a escala BIS-11 (BARRAT, 1993 apud LAGE et al., 2010). Foi encontrada, por exemplo, uma correlação significativa positiva entre impulsividade total (escore total da BIS-11) e o número de erros de passe, sugerindo que a predisposição para respostas de reações rápidas e não planejadas pode ser uma variável de influência na precisão das ações.

Mais especificamente em relação à instrumentos para avaliação da personalidade baseados no modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF), como o Inventário Multifásico de

Personalidade (MMPI) e o 16 PF de Cattell, além do NEO-PI, vêm sendo amplamente utilizados no contexto esportivo a fim de mapear os aspectos psicológicos que podem exercer alguma influência sobre o desempenho dos atletas (BARTHOLOMEU et al., 2010).

A avaliação no contexto esportivo possui suas peculiaridades, considerando que os indivíduos muitas vezes estão muito mais preocupados na aprovação, no alto desempenho esportivo, do que no cuidado consigo mesmo tanto físico como psíquico. Por exemplo, um esportista machucado pode tentar dissimular uma ausência de lesão para não ser retido da competição. Desta maneira, para que se possa analisar o conteúdo e julgar a utilização de qualquer teste psicológico, o psicólogo deve ter um amplo embasamento teórico e prático, tanto no que se refere à condução da aplicação e correção, assim como, e principalmente, da interpretação dos dados obtidos (NOGUEIRA, 2007).

Na sessão a seguir serão apresentados conceitos sobre adaptação e padronização de instrumentos de uma forma ampla dentro da avaliação psicológica, mas também discussões a respeito das especificidades do contexto esportivo. Pois, conforme já citado, aspectos como o ambiente, a motivação interna, o tipo de atividade exercida, o processo competitivo, entre outras características do meio esportivo distinguem as necessidades da área de avaliação de atletas e esportistas.

1.2 Estudos sobre avaliação da personalidade

O conceito de personalidade tem se modificado em relação aos diferentes momentos sócio históricos, desde sua origem etimológica do grego, "pessoa", que se referia à máscara usada pelos atores no teatro e, portanto, à aparência. A partir do século XX, do ponto de vista psicológico, a personalidade é entendida como um padrão de características inter-relacionadas, constante e não consciente, que se expressa de forma quase automática. Para Millon (1997), estas características ou traços emergem de uma matriz em que estão presentes predisposições biológicas e experiências de aprendizagem, e, em função delas organizam-se em formas relativamente estáveis (estilos) de pensar, enfrentar situações, perceber, sentir e vincular-se com outras pessoas e demais objetos do meio cultural.

A personalidade torna-se, deste modo, um padrão de funcionamento, uma forma intrínseca de agir, que resulta de uma matriz de variáveis determinadas pelo desenvolvimento biopsicológico. O modelo teórico considera a importância dos fatores biológicos, como a genética, descrevendo-os numa matriz única e específica a cada sujeito, que representa um

papel fundamental na formação da personalidade. As percepções do ambiente e o jeito de reagir frente às situações conflituosas formam essa matriz de disposições biológicas e de aprendizagem experiencial. O desenvolvimento da personalidade recebe a influência dos fatores biológicos e dos fatores psicológicos, que passam a interagir como em uma espiral sem fim, onde cada giro desta se constrói sobre as interações prévias, criando, assim, novas bases para as próximas interações (MILLON, 1999).

De forma sucinta, o desenvolvimento da personalidade entrelaça os aspectos biológicos e os fatores de aprendizagem até se organizar numa matriz única, pessoal e específica de padrões de reação frente à realidade. Esses padrões pessoais, únicos e irreproduzíveis atuam sobre a realidade externa, de modo a caracterizar uma reação também específica, que decorre em um tipo de resposta relacionada com as variáveis estimulantes iniciais, as quais por sua vez constituem-se em respostas vinculadas aos estímulos externos recebidos (KIRCHNER; TORRES; FORMS, 1998; DAVIS, 1999).

Cronbach (1996) inclui nos testes de personalidade uma gama de investigações tais como interesses, motivos, crenças e atitudes pessoais ou externas ao indivíduo, maneira de agir, fontes de perturbações. Como resposta admite desde ações observáveis até sentimentos e motivos, deduzidos em cima das palavras e ações.

Cunha (2000) destaca dois formatos bem distintos para mensurar a personalidade, questionários ou inventários e técnicas projetivas. O primeiro recebe o nome de auto-relato e ampara-se em autodescrição ou auto apresentação do respondente. Essa metodologia é composta por escalas avaliativas, com função de chamar a atenção para o risco em pessoas com problemas emocionais ou comportamentais, mostrando-se adequadas para medidas de sintomas ou de síndromes.

Um outro formado considerado mais indireto, diferentemente das escalas de auto-relato, refere-se ao uso de projeções inconscientes e também expressões psicomotoras e gráficas. Nestes casos o procedimento reveste-se da apresentação de estímulos ambíguos, diante do qual o testando informa aquilo de vê, como a prova de Rorschach e Zulliger, provas de contar histórias como no Teste de Apercepção Temática (TAT), assim como no completamento de figuras como no clássico teste Wartegg ou técnicas gráficas como o Psicodiagnóstico Miocinético, HTP e outros. Os defensores desses formatos indiretos justificam a escolha com o argumento da exploração ampla de aspectos dinâmicos da personalidade (CUNHA, 2000).

Segundo Hutz et al. (1998), no que se refere ao formato de teste auto-relato, e relacionam-se ao modelo CGF tendo sua origem em estudos da linguagem natural dos

descritores de traços de personalidade. Diferentes autores trabalharam com as questões da linguagem como forma de entender a personalidade. No entanto, têm-se questionado a origem do número de fatores e outros, então, procurado justificá-la. Tendo em vista que o modelo CGF tem suas origens na análise da linguagem utilizada para descrever pessoas, o uso de descritores de traços da linguagem natural tem sido defendido como a melhor estratégia para identificar fatores que permitam entender melhor características de personalidade (BRIGGS, 1992). Goldberg citado por Hutz e colaboradores (1998) argumenta que se uma característica de personalidade for capaz de gerar diferenças individuais socialmente relevantes, as pessoas vão notar esta característica e, conseqüentemente, será inventada uma palavra ou expressão para descrever este traço.

O uso de alguns tipos de testes no contexto esportivo possibilita o diagnóstico da personalidade de forma relevante para conhecer melhor a estrutura e reconhecer as peculiares mais marcantes do sujeito, desenvolver treinamentos e aspectos relacionados ao relacionamento com a equipe, elevando o rendimento do esportista e também do grupo. Além disso, o uso da avaliação psicológica no contexto esportivo pode também contribuir para um controle do desenvolvimento do atleta ao longo da sua atividade física e carreira (MATARAZZO, 2000; THOMAS, 1994).

Os instrumentos de avaliação de personalidade são importantes para a Psicologia do Esporte e Exercício, seja na esfera do diagnóstico, como também no campo da intervenção, se objetivar-se o levantamento de perfis psicológicos, acompanhar o desenvolvimento de características psíquicas, verificar possíveis psicopatologias e ter um melhor entendimento a respeito do momento pelo qual o atleta está atravessando (MATARAZZO, 2000). A mesma autora complementa que as teorias da personalidade dão valor a relação do indivíduo com o ambiente em que estão inseridos e, no esporte, essa dinâmica é muito importante, como a relação do atleta com o ambiente esportivo, comissão técnica, equipe, torcida, dentre outros. Quando identificadas, conscientizadas e trabalhadas, as características de personalidade avaliadas são facilitadoras, principalmente, das relações interpessoais.

1.3 A personalidade investigada pelo modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF)

A origem do modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) relaciona-se a um agrupamento contínuo de pesquisas sobre a personalidade humana, envolvendo especialmente as teorias fatoriais e também as de traço. O precursor de estudos do modelo foi McDougall, o

primeiro estudioso a apresentar uma explicação teórica da personalidade a partir de cinco fatores de personalidade, inspirando trabalhos de Thurstone, em 1934, no desenvolvimento de pesquisas para verificar empiricamente a adequação do modelo. Contudo, de acordo com Nunes, Hutz e Nunes (2010) diferentes literaturas a respeito do modelo explicitam que foram demandados cinquenta anos para que os pesquisadores da personalidade dessem a devida atenção ao modelo CGF, e a partir disso vislumbrassem um proveitoso campo de trabalho para pesquisas.

Abordagens de traço e fatoriais de personalidade buscam uma pequena quantidade de dimensões que possam resumir os padrões consistentes de uma pessoa reagir. Allport (1966) postulou que os traços são aspectos invariantes que acompanham os aspectos mutáveis de uma pessoa. Dentro dessas teorias, a mais atual e utilizada em diferentes contextos, inclusive pela Psicologia do Esporte refere-se ao modelo CGF, que traz cinco dimensões, quais sejam, Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade, Neuroticismo e Abertura (CATELL, 1975). O referido modelo, também conhecido na literatura internacional como *Five Factor Model* ou apenas por *Big Five*, tem sido vastamente estudado por ser uma referência teórica na descrição da personalidade de forma objetiva e clara. A aceitação do modelo teórico também relaciona-se ao vasto número de estudos e evidências de sua universalidade e aplicabilidade em contextos variados.

Independente da nomenclatura dada, pois ainda não se tem um consenso teórico sobre os nomes e tradução dos fatores, nas diferentes formas de abordagem do modelo teórico, observa-se os mesmos agrupamentos dos traços de personalidade, quais sejam, Neuroticismo, Extroversão, Agradabilidade, Realização e Abertura a novas experiências. O fator *Agreeableness*, traduzido para Agradabilidade, tem sido mais comumente denominado como Socialização, pois acredita-se, segundo autores como Nunes et al. (2010), que esta nomenclatura dá melhor significado ao que o fator representa em nossa língua, sendo esta segunda a forma como será tratado neste material.

Segundo Nunes et al. (2010), verifica-se na história dos estudos e pesquisas sobre personalidade, um reconhecimento tardio dos CGF. Thurstone, como muitos outros pioneiros do modelo teórico, não deu seguimento em pesquisas na área da personalidade, voltando-se para outras áreas, entre elas, pesquisas com o constructo inteligência da qual é inegável suas consideráveis contribuições. Contudo, em respeito ao estudo e desenvolvimento de pesquisas sobre a personalidade, seria possível imaginar que se Thurstone tivesse levado adiante seu trabalho e escrito sobre as implicações das suas descobertas nesta área, hoje o modelo pudesse ser internacionalmente reconhecido como “Cinco Fatores de Thurstone”.

Outra possível razão para o reconhecimento tardio dos CGF relaciona-se ao uso da análise fatorial, que antes do desenvolvimento de computadores e softwares especializados era muito complexa de ser realizada com precisão, além de demandar bastante tempo. “A simples análise de 30 variáveis era uma tarefa desanimadora que poderia requerer muitas semanas de trabalho árduo e repleto de chances de erros de cálculo a cada momento” (DIGMAN, 2002, p.13). O estudo de Thurstone em 1934, que verificou a adequação do modelo de cinco fatores de McDougall (1932), baseado em uma amostra de aproximadamente mil pessoas que foram avaliadas a partir de 60 variáveis, permaneceu sem replicação por muitos anos. Passados alguns anos Cattell (1947) investiu seus conhecimentos em pesquisas neste contexto, haja vista que qualquer estudo ou pesquisa desta extensão não havia sido mais realizada até então de forma expressiva, que se tenha conhecimento.

Com o passar do tempo resultados de pesquisas com descritores de traços de personalidade que corroboraram e estenderam os achados de Thurstone foram publicados por estudiosos como Fiske (1949), Tupes e Christal (1961; 1992) e Borgatta (1964). Contudo, estas pesquisas na área da personalidade se tornaram publicações iniciais isoladas e a maior parte delas não seguiu adiante. Posteriormente Tupes e Christal, no início da década de 60, realizaram um estudo que é reconhecido hoje como um importante marco para o desenvolvimento do modelo CGF. Eles analisaram 30 escalas de Cattell utilizando pela primeira vez um computador para realizar análises fatoriais; os resultados mostraram que uma solução de cinco fatores seria a mais adequada. Esse trabalho foi originalmente publicado como um relatório para a Força Aérea Americana e permaneceu relativamente desconhecido pela comunidade científica por muitos anos (HUTZ et al., 1998).

Uma outra justificativa para a lentidão no desenvolvimento de estudos com o modelo relaciona-se a concepção de que os psicólogos da época pensavam sobre o campo da personalidade. Uma revisão dos manuais publicados nos últimos 60 anos indica que a área da personalidade desenvolveu-se muito no campo teórico, contudo com escassa fundamentação em pesquisas sistemáticas. Digman (2002) enfatiza, porém, que o campo de estudo da personalidade reconhecida como “abordagem fatorial”, dominada por meio dos estudos de Cattell (1947; 1948; 1965), Eysenck (1947; 1970) e, em algum grau, por Guilford (1959), não podem ser consideradas conclusivas para os estudos com o modelo.

Nunes et al. (2010), no manual do teste de avaliação de personalidade Bateria Fatorial de Personalidade (BFP), segundo o modelo CGF, levantam questões relevantes sobre a fatoração do modelo, quais sejam, “Existem 16 ou mais fatores? Ou somente 3? Seria o fator Extroversão de Cattell o mesmo do sistema de Guilford? Como pode a aplicação de uma

técnica padronizada em estatística, como a análise fatorial, produzir sistemas diferentes? Como podem três investigadores renomados, usando as mesmas técnicas, chegar a três sistemas diferentes?”. Os mesmos autores complementam que a partir da década de 1950, observa-se que os sistemas de Cattell e Eysenck como representantes das teorias fatoriais, apresentaram uma série de estudos que foram lentamente construindo uma reputação sólida, baseada em dados empíricos, a favor dos CGF. Nestes incluem-se as pesquisas de Fiske (1949), Borgatta (1964), Norman e Goldberg (1966) e Tupes e Christal (1992), estudos estes que chegaram a resultados muito análogos, mesmo que tenham sido conduzidos independentes, na maioria das vezes sem uma expectativa prévia dos resultados.

Hutz et al. (1998) afirmam que apesar de evidências, durante a década de 1970 os estudiosos ainda não apresentaram considerações relevantes no que se refere aos modelos estruturais da personalidade. De certa forma, verificaram-se interesses crescentes na investigação de temas que apresentassem relevância social para a problemática da época, enfatizando a influência da situação sobre o comportamento. Esse foco nos aspectos sociais dos estudos da época, reforçaram um descrédito generalizado de testes psicológicos em geral e duras críticas foram feitas aos modelos de traço (MISCHEL, 1968; ULLMANN; KRASNER, 1975).

Observou-se uma mudança nesta concepção contrária à testagem, de maneira mais marcante, no final da década de 1970, com uma motivação e interesse na área de avaliação psicológica permitindo que modelos estruturais de personalidade tornassem novamente populares. Nas últimas décadas parece ter-se estabelecido um consenso razoável entre os teóricos da área quanto à solidez dos cinco fatores, considerados como formando o melhor modelo estrutural disponível na atualidade para a descrição da personalidade.

De forma geral, seria correto afirmar que o modelo dos CGF desenvolveu-se a partir dos estudos e pesquisas realizadas no âmbito das teorias fatoriais e das teorias de traços de personalidade, contribuindo muito para o desenvolvimento da sua base teórica. Já as teorias fatoriais contribuíram grandemente sob o aspecto instrumental e metodológico que, de maneira gradual, convergiram para uma solução de cinco fatores. Esse processo deu-se a partir do avanço das técnicas fatoriais e da computação, além da elaboração de métodos mais sofisticados de localização e extração de fatores, que acabaram dando respaldo a essa forma de organização e explicação da personalidade (NUNES; HUTZ, 2007a).

Os autores ainda complementam que apesar do modelo dos CGF ter sido desenvolvido a partir de procedimentos e metodologias à priori empíricas, têm se mostrado adequado ao explicar resultados obtidos em testes desenvolvidos a partir de diversos modelos teóricos de

personalidade. Esta “tradução” de instrumentos com agudo embasamento teórico para o modelo dos CGF tem permitido uma compreensão mais profunda do que representam esses fatores, uma comparação sistemática de diversos construtos, avaliados por diferentes instrumentos, além de um melhor entendimento das suas diferenças e semelhanças.

Estudos transculturais realizados com o modelo tem sido alvo de investigações permitindo observar que as pesquisas com o modelo podem ser replicadas em diferentes línguas e sociedades, tal como a pesquisa de Costa e McCrae (1995), usando a versão adaptada do NEO-PI-R, um instrumento para a avaliação da personalidade a partir do modelo dos CGF, desenvolvido nos Estados Unidos, que apresenta versões para seis línguas diferentes, quais sejam, alemão, português, hebreu, chinês, coreano e japonês. Os resultados constataram que, em todas as versões, o instrumento indicou a replicabilidade do modelo dos CGF.

Partindo destas argumentações sobre o modelo dos CGF parecer uma forma eficiente de agrupamento de traços comuns muito gerais, observáveis em diferentes culturas, este acúmulo substancial de evidências a respeito do modelo possibilita a hipótese de universalidade dos CGF. McCrae e Costa (1997) atribuem tal universalidade à existência de um conjunto de características biológicas da nossa espécie, representadas por traços, ou simplesmente uma consequência psicológica das experiências humanas compartilhadas na vida em grupo. Essa compreensão aproxima-se ao conceito proposto por Allport (1961) de “traços comuns”, que representam aspectos da personalidade humana compartilhados pela grande maioria das pessoas de uma dada cultura.

Quanto à utilização do modelo em populações específicas, segundo Nunes et al. (2010), as pesquisas mais recentes têm verificado que o modelo dos CGF é capaz de explicar transtornos de personalidade usualmente identificados na prática clínica. Há um especial interesse em comparar os resultados obtidos nos instrumentos que avaliam a personalidade pelos CGF com diagnósticos de transtornos de personalidade identificados nos manuais psiquiátricos. Widiger, Trull, Clarkin, Sanderson e Costa (2002), por exemplo, elaboraram uma tabela relacionando os transtornos de personalidade listados no DSM-IV aos Cinco Grandes Fatores e suas subdimensões.

No Brasil Hutz e Nunes (2001) realizaram um estudo para verificar a validade de critério da Escala Fatorial de Neuroticismo (EFN) em um grupo de pacientes com diagnóstico de depressão. Os resultados demonstraram que a EFN foi capaz de discriminar pacientes com diagnóstico de depressão de pessoas da população geral. Trabalhos como esses têm chamado

atenção da comunidade científica, por ampliarem consideravelmente a aplicabilidade de instrumentos gerados a partir do modelo dos CGF.

1.4 Os fatores de personalidade segundo modelo CGF

Segundo McCrae e Costa (1997) o modelo dos cinco fatores pode ser considerado como constituído a partir de uma generalização empírica, replicada independentemente, inúmeras vezes, estabelecido praticamente de forma ocasional. Como o Modelo não foi desenvolvido a partir de uma teoria, não apresenta, portanto, uma explicação teórica satisfatória que justifique a organização da personalidade em cinco, e não em quatro ou sete, dimensões básicas.

Contudo, pesquisadores não consideraram que isso fosse uma dificuldade para o modelo, ao contrário, em pesquisa publicada por McCrae e John (1992), os autores afirmam que situações semelhantes ocorrem em diferentes ciências, como por exemplo, os biólogos, ao identificarem as oito classes de vertebrados. A teoria da evolução pode ser usada para explicar o desenvolvimento das classes, mas não há teoria que explique por que os vertebrados se dividem em oito, e não em cinco ou 11 categorias.

A seguir serão descritos os fatores que compõe o modelo a partir da teoria empregada no teste Bateria Fatorial de Personalidade (BFP), de autoria de Nunes, Hutz e Nunes (2010), em razão de manter-se a nomenclatura e o embasamento teórico comum ao instrumento que será aplicado no estudo que esta pesquisa se propôs.

O primeiro fator a ser apresentado, também foi a primeira subescala a ser validada para o Brasil pelos autores, chamada Escala Fatorial de Neuroticismo (EFN), publicado por Hutz e Nunes (2001). Esta escala contempla o fator Neuroticismo, que tem sido considerado, no modelo dos CGF, o mais associado aos traços emocionais. O fator está relacionado ao nível crônico de ajustamento e instabilidade emocional dos indivíduos, e representa as diferenças individuais que podem ocorrer quando sujeitos experienciam padrões emocionais vinculados a desconforto psicológico, sejam estes, aflição, angústia, sofrimento e entre outros, e estilos cognitivos e comportamentais decorrentes.

Em pesquisas realizadas por McCrae e John (1992), Costa e Widiger (2002), apresentaram informações a respeito dos indivíduos que obtiveram baixos índices no fator Neuroticismo, demonstrando tendência a serem mais tranquilos, relaxados, constantes e menos agitados. Entretanto, baixos escores não apresentam uma relação direta com uma pessoa com boa saúde mental, pode até ser que este oposto seja verdadeiro, pois pessoas

excessivamente calmas podem não ter uma reação apropriada quando um perigo real se aproximar, por exemplo. Em níveis mais extremos de Neuroticismo, muito elevados ou muito baixos, podem ser indicadores de padrões pouco adaptativos em relação aos seus componentes. Um elevado grau de Neuroticismo pode indicar a respeito de sujeitos que são predispostos a vivenciar mais profundamente o seu sofrimento emocional. Neste fator incluem também dificuldade para tolerar a frustração causada pela não realização de desejos e respostas de *coping* mal adaptadas, ideias dissociadas da realidade e possivelmente ansiedade excessiva. O fator incluiu itens que identificaram ansiedade, hostilidade, depressão, baixa auto-estima, impulsividade e vulnerabilidade.

O fator Extroversão é um componente da personalidade humana que, no modelo CGF está relacionado às formas como as pessoas interagem com os demais e que indica o quanto elas são comunicativas, falantes, ativas, assertivas, responsivas e gregárias (NUNES; HUTZ, 2007a). No estudo realizado por Costa e Widiger (2002) verificou-se que a Extroversão, neste modelo, está relacionada à quantidade e magnitude das interações interpessoais favoritas, ao nível de atividade, à necessidade de estimulação e à capacidade de alegrar-se. No entanto sujeitos com baixo índice neste fator não devem ser considerados grosseiramente e necessariamente como infelizes ou pessimistas, mas deve-se considerar que por outro lado não tendem a apresentar estados de espírito exuberantes como se apresentam os extrovertidos. Sujeitos com escores baixos tendem a serem reservados, o que não significa que não possam ser de maneira alguma amistosos, apresentam-se como sóbrios, indiferentes, independentes e quietos. Já altos resultados em Extroversão tendem a representar sujeitos mais sociáveis, ativos, falantes, otimistas e cordiais.

O fator Socialização, assim como o fator Extroversão, compõem as outras escalas que foram publicadas pelos autores, quais sejam, Escala Fatorial de Extroversão (EFEx) de Nunes e Hutz (2007b) e Escala Fatorial de Socialização (EFS) também de Nunes e Hutz (2007c). No que tange ao fator Socialização refere-se a qualidade das relações interpessoais dos indivíduos e está relacionada aos tipos de interações que uma pessoa apresenta, que se estende da compaixão e empatia ao antagonismo. Pessoas com baixos índices tendem a ser petulantes, não cooperativos e facilmente irritáveis. Podem apresentar-se de maneira manipuladora, vingativa e insensível. Já os indivíduos com altos resultados em Socialização tendem a serem generosos, amáveis, afetuosos, prestativos e altruístas. Apresentam tendência à responsabilidade e empatia, e acreditam que a maioria das outras pessoas agirá da mesma forma (COSTA; WIDIGER, 2002).

Por sua vez o fator Realização está relacionado ao grau de organização, persistência, controle e motivação que tipicamente os indivíduos apresentam. Costa e Widiger (2002) relataram que pessoas com escores baixos não têm objetivos claros, tendem a ter pouco comprometimento e responsabilidade diante de tarefas e geralmente são descritas como preguiçosas, descuidadas, negligentes e hedonistas. Já sujeitos que apresentam altos índices em Realização tendem a ser mais organizados, confiáveis, trabalhadores, determinados, pontuais, meticulosos, ambiciosos e persistentes.

Resultados muito elevados no fator Realização podem estar relacionados ao transtorno obsessivo-compulsivo, enquanto escores muito baixos podem vir a relacionar-se ao transtorno de personalidade antissocial. Em uma menor escala, segundo Widiger et al. (2002), uma baixa percepção de competência pessoal pode se aproximar do transtorno de personalidade borderline e um escore muito elevado na busca pelos objetivos pode se associar ao transtorno de personalidade narcisista.

Por último, mas não menos importante, verifica-se o fator Abertura, que se refere aos comportamentos exploratórios e ao reconhecimento da importância de ter novas experiências. Indivíduos com índices baixos em Abertura tendem a ser convencionais, dogmáticos, rígidos nas suas crenças e atitudes, conservadores nas suas preferências e menos responsivos emocionalmente. Pessoas que apresentam escores elevados nesta faceta tendem a ser curiosos, criativos, imaginativos, divertem-se com novas ideias, costumam apresentar valores não convencionais, experienciam uma gama ampla de emoções mais intensamente do que pessoas com pontuações baixas em Abertura (NUNES et al., 2010).

Saroglou (2002) complementa que o fator Abertura também se relaciona a experiências negativamente com concepções religiosas fundamentalistas e dogmáticas, com doutrinas políticas e ideológicas autoritárias e posturas etnocêntricas e preconceituosas (BUTLER, 2000). Em contra partida, também verificam-se pesquisas que apontam que este fator apresenta correlações positivas com medidas de interesse e envolvimento em trabalhos artísticos, além de tendências a fazer escolhas com base em aspectos estéticos (FURNHAM; CHAMORRO-PREMUZIZ; MCDOUGALL, 2003). Por fim, em uma pesquisa realizada por Srivastava, John, Gosling e Potter (2003), mostrou que embora haja poucas pesquisas da relação entre o fator Abertura e a variável idade, um estudo longitudinal com mais de 13 mil indivíduos mostrou uma aceitável estabilidade dos resultados entre os 20 e 30 anos de idade. Sendo que após os 30 anos, observa-se a ocorrência de um declínio, além de uma correlação negativa entre idade e o fator.

Tendo sido discutido o embasamento teórico no qual esta pesquisa se amparou, que apresenta sua origem em uma construção mais fortemente empírica do que teórica à respeito do modelo, ressalta-se ainda a necessidade de se destacar outras questões relacionadas à prática da avaliação psicológica, mais especificamente os cuidados quanto ao uso da testagem psicológica. Neste sentido Pasquali (2005) adverte que é preciso realizar testes com base nas tecnologias mais modernas da área, no que tange a Psicometria e escolha do embasamento teórico. Procedimentos psicométricos só serão eficientes para verificar se o teste é bom e cumpre seus objetivos, pois mais importante que isso é aprender o processo de criação do teste, sendo necessário para isso, a apropriação da teoria psicológica para que não se avaliem elementos isolados da psicologia ou da psicodinâmica. De maneira que diferentes aspectos são necessários para garantir a qualidade da avaliação por meio de um teste psicológico.

1.5 Avaliação psicológica e padronização de testes

Vale considerar que nos primórdios a Psicologia precisava se afirmar como ciência e em razão disso parte dos psicólogos se apegaram ao estudo de metodologias que fizessem uso de dados objetivos sobre as ações humanas, dando origem a diferentes instrumentos de avaliação psicológica, alguns desenvolvidos dentro de critérios rigorosos de validação, e outros ainda utilizados sem estudos psicométricos suficientes e conclusivos. Durante o período de 1920 a 1940, os testes psicológicos foram considerados em diferentes áreas da psicologia, da educação à seleção de pessoal. Os testes psicológicos possibilitavam rigor e objetividade dos dados obtidos nas avaliações. Contudo, tal realidade passou por uma grande mudança entre 1970 e 1980, quando a psicotécnica passou a estar associada aos modelos de avaliação típicos da cultura americana e, desse modo, geradora de certa repulsa (PRIMI, 2005). Em complemento a este movimento de ascensão do pensamento humanista, dos movimentos da antipsiquiatria e movimentos oposicionistas da juventude, a avaliação por meio de testes ficou entendida como aquela que possuía um papel de investigação da “normalidade”.

Autores, tais como Noronha (2002) e Noronha, Baldo e Almeida (2004), observam os diferentes males relacionados ao uso da avaliação psicológica e identificaram que os problemas mais comuns no uso dos testes, estão relacionados sobretudo com os instrumentos e à formação dos psicólogos, uma vez que o ensino de avaliação tem sido considerado um

problema central na formação em psicologia. Nota-se que diferentes autores têm apontado para uma relação entre atuação profissional imprópria e formação inconsistente na área.

Tais considerações apontam para a utilização indiscriminada e inapropriada de instrumentos de avaliação que, teoricamente, serviriam para oferecer indicadores objetivos sobre o comportamento e as ações humanas. Isso tem levado inclusive a distorções graves, como aponta o estudo de Oliveira, Noronha e Dantas (2005), que investigaram as estratégias, técnicas e instrumentos psicológicos mais conhecidos e usados por profissionais orientados pela abordagem comportamental ou cognitiva. O estudo concluiu que os profissionais utilizam avaliação com fins de diagnóstico e intervenção e para isso fazem uso de instrumentos psicológicos, cuja fundamentação teórica não está em consonância com a abordagem terapêutica adotada. Ou seja, diante da necessidade do diagnóstico preciso ou da predição de comportamentos, pouca importância se dá à coerência teórica.

Na Psicologia do Esporte e do Exercício, por se tratar de uma área de estudo e compreensão dos aspectos psicológicos envolvidos no comportamento motor humano que fornece explicações e tendências de comportamentos em contextos do esporte e do exercício físico, atualmente, é na perspectiva da relação psicofísica que residem grandes debates e discussões acerca da cultura contemporânea do esporte e da expressão de crenças e valores, muitas vezes já considerados transculturais e também recentemente mais aceitos e valorizados com a necessidade de se pesquisar dentro desta nova área de atuação. A avaliação psicológica apresenta-se nesse contexto como um campo de estudo fértil, apresentando metodologias qualitativas e quantitativas que, na realidade brasileira, ainda surgem como pouco ou nada investigadas (ANGELO; RUBIO, 2007).

Segunda as autoras, alguns estudiosos apontam que a avaliação em Psicologia do Esporte está pautada em procedimentos como observação, entrevistas, experimentos em laboratório, experimentos pedagógicos e testes constituindo parte do psicodiagnóstico esportivo. Oficialmente, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), até o presente momento, não foi informado qualquer aprovação de instrumento utilizado especificamente no contexto esportivo por psicólogos. Mas, na prática, observa-se a realização de estudos tanto por profissionais de educação física quanto por psicólogos brasileiros a fim de responder as mais diferentes demandas dos profissionais inseridos no contexto esportivo.

Segundo Alchieri e Cruz (2003), a avaliação psicológica é pautada por três critérios principais, sendo eles, a medida, o instrumento e o próprio processo de avaliação. Os autores mencionam que cada um destes critérios possui uma representação teórica e metodológica própria e que concebe, assim, de forma constitutiva, uma via própria de compreensão do seu

objeto de investigação, denominado de fenômenos ou processos psicológicos. Métodos que envolvem o ato de desenhar, narrar histórias, realizar encenações ou brincar com bonecos, em geral, não se propõem a apresentar estudos normativos ou indicadores metódicos de interpretação, ficando assim também caracterizados fora do que é considerado testagem psicológica. Apesar de não pertencerem à categoria de testes, os resultados de tais instrumentos podem ter credibilidade, desde que as conclusões apresentadas pelo psicólogo estejam condicionadas a um referencial teórico válido, que sustente as interpretações segundo seus pressupostos.

No Behaviorismo podemos compreender que o acontecimento de um comportamento se dá a partir da influência de vários fatores ambientais que o precedem e este influencia nos comportamentos decorrentes deste. “A força de uma única resposta pode ser, e usualmente é, função de mais do que uma variável e uma única variável usualmente afeta mais do que uma resposta” (SKINER, 1957 apud CHIESA, 1994, p. 113). Seja na testagem psicológica ou em outras formas de avaliação, a experiência do profissional, o conhecimento do constructo que está sendo investigado e o embasamento teórico consistente, acompanhado de outros métodos de observação e análise, são condições imprescindíveis para garantir a confiabilidade dos resultados que se integrarão de modo a compor uma avaliação coerente (URBINA, 2007).

Sobre o respectivo assunto, Werlang, Villemor-Amaral e Nascimento (2010) explicam que para os testes psicológicos serem considerados como confiáveis, necessitam ser padronizados e atender a pré-requisitos de fidedignidade e validade. A validade investiga se o teste realmente mede aquilo que o pesquisador propôs e “quão válidas são as interpretações” (CRONBACH, 1996, p.143).

A validade de conteúdo é composta de um exame sistemático do teor a fim de confirmar se realmente representa uma amostra do comportamento a ser medido. O processo de precisão ou fidedignidade confere a consistência das respostas, por meio de reaplicação do instrumento ou uma forma equivalente em um momento diferente, para a mesma pessoa, verificando a estabilidade de respostas (ANASTASI; URBINA, 2000).

Já no que tange a padronização, esta requer a uniformidade das condições de aplicação, normatizando a finalidade do instrumento, qual faixa etária ou nível de escolaridade, se aplicação individual ou coletiva, incluindo as instruções fixas. Outro ponto da padronização está destinado à constituição do instrumento, papel, formato entre outros. Os resultados obtidos pelos respondentes serão dispostos em uma classificação e após tratamento estatístico serão normatizados dentro daquele grupo (ALCHIERI; CRUZ, 2003).

Os testes psicológicos diferenciam-se de outras técnicas de avaliação, por se tratarem de procedimentos referenciados a normas e a diretrizes interpretativas padronizadas, com base em categorias preestabelecidas. Outros procedimentos também são utilizados em contextos de avaliação psicológica, como meios de acesso ao universo psicológico do indivíduo, visando a maior compreensão da sua singularidade para melhor adequação das formas de intervenção quando necessárias. Alguns tipos de entrevistas, técnicas de observação, aplicação de atividades lúdicas, entre outras, constituem exemplos de estratégias de avaliação psicológica que não pertencem à categoria de testagem.

Assim, uma avaliação psicológica realizada com qualidade está relacionada principalmente à utilização de técnicas de avaliação reconhecidas pela Psicologia. A Comissão de Avaliação Psicológica do Conselho Federal de Psicologia em parceria com as instituições de ensino e pesquisa definiram critérios de adaptação de instrumentos de avaliação para a realidade brasileira, considerando que a fundamentação teórica e as propriedades psicométricas dos testes disponíveis estejam de acordo com parâmetros internacionais de qualidade, baseados em estudos de precisão, validade e normatização (WERLANG et al., 2010).

Uma pergunta que caberia ser destacada refere-se a quais aspectos se pretende avaliar neste contexto? Na área de Psicologia do Esporte e Exercício essa investigação ganha peso redobrado uma vez que questões como ansiedade, agressividade, vínculo e níveis de estresse são consideradas relevantes para o desempenho esportivo. São comumente avaliados como fatores isolados no comportamento do atleta, despregados do contexto e momento em que são produzidos. Invariavelmente, os resultados são generalizados provocando grandes distorções na compreensão da dinâmica do protagonista da ação esportiva e de seu ambiente (ANGELO; RUBIO, 2007).

Portanto, vale ser ressaltada a importância da padronização e da normatização de técnicas de avaliação para os contextos em que os testes forem utilizados, e para isso, é necessária a definição de conceitos psicométricos relevantes. Autores tais como Cronbach (1996), Alchieri e Cruz (2003), Pasquali (2003, 2010), entre outros, procuraram fazer uma distinção clara entre padronização e normatização, considerando a primeira relacionada à uniformidade na aplicação dos testes (material, ambiente, aplicador, instruções de aplicação e correção, etc.), enquanto a segunda vincula-se a uniformidade na interpretação dos escores dos testes (tabelas, percentis, escore “Z”, etc.).

Urbina (2007) considera que um teste psicológico pode ser descrito como padronizado, desde que contemple duas facetas que possibilitam objetividade no processo de

testagem. A primeira faceta relaciona-se à uniformidade dos procedimentos, desde a aplicação até a correção e interpretação dos resultados, englobando inclusive o local em que o teste é administrado, circunstâncias de sua administração, o examinador, tudo que pode afetar os resultados, objetivando tornar tão uniforme possível todas as variáveis que estão sob controle do examinador, para que os indivíduos que se submetam ao teste o façam da mesma forma.

A segunda faceta refere-se ao uso de padrões para a avaliação dos resultados. Estes padrões costumam ser normas derivadas de um grupo de indivíduos, denominados amostra normativa ou amostra de padronização, sendo que o desempenho coletivo do grupo, tanto em termos de média quanto de variabilidade, passa a ser um padrão pelo qual o desempenho dos outros indivíduos que se submetem ao teste sejam comparados.

Anastasi (1977), Pasquali (2001), Alchieri e Cruz (2003), entre outros destacam precauções a serem tomadas na aplicação de testes psicológicos relacionadas à padronização das condições de administração dos testes psicológicos com o intuito de garantir que a coleta de dados sobre o sujeito seja de boa qualidade. Uma má aplicação pode comprometer o resultado dos testes, tornando-os inválidos, mesmo quando da utilização de uma boa ferramenta. Destaca-se também que uma má aplicação não invalida a qualidade psicométrica do teste (desde que este teste não esteja em processo de construção), mas sim invalida o protocolo do sujeito, ou seja, os dados obtidos na avaliação não serão confiáveis.

É por meio da padronização que se pretende garantir o uso adequado e autêntico dos testes psicológicos. O uso inadequado que se faz de uma ferramenta de avaliação psicológica, compromete a utilidade da própria ferramenta e todo processo avaliativo.

No campo do esporte a inclusão da avaliação psicológica nos processos de treinamento físico e nas questões relacionadas à saúde populacional, entre outros, otimiza o conhecimento sobre capacidades e limitações de cada atleta, colaborando para a clareza dos efeitos do esporte e do exercício na vida dos esportistas. Por isso, para o profissional da Psicologia do Esporte e Exercício, ter conhecimento sobre a Psicologia geral e seu desenvolvimento, auxilia na escolha e no uso de instrumentos em áreas específicas. Esta escolha advém das preocupações temáticas por décadas, revelando atualmente investigações com interesse nas questões das diferenças individuais com assuntos ligados a motivação, ansiedade competitiva, visualização mental, auto-eficácia, autoconfiança e questões de dinâmica de grupo. Os profissionais atuantes na área da Psicologia do Esporte e Exercício trabalham com a perspectiva de atendimento à demanda da população brasileira praticante de diferentes modalidades esportivas, em situações competitivas ou não (ANGELO; RUBIO, 2007).

À respeito do uso adequado dos testes, conforme apontado por Pasquali (2001), para se garantir uma boa administração dos testes psicológicos é necessário atender alguns pré-requisitos no que se refere ao material da testagem, ao ambiente da testagem, às condições de aplicação e ao aplicador. A qualidade do teste e a pertinência deste são duas condições que devem ser atendidas. Caso o uso de testes seja feito sem cumprimento de parâmetros científicos, corre-se o risco de processos jurídicos e condenação ética. Porém, além de ser válido e preciso, o teste deve ser relevante ao sujeito, fazer algum sentido ou promover alguma motivação para que o mesmo se submeta corretamente. O aplicador deve conhecer a utilidade do teste que pretende utilizar, se o mesmo será para uma avaliação de personalidade, cognitiva, para área organizacional, clínica, buscando compreender seu objetivo e seu fim. Enfim, escolher a melhor ferramenta a se aplicar a necessidade de avaliação no sujeito.

Além da pertinência, o teste deve se adaptar ao nível (intelectual, profissional, etc.) do respondente. É importante seguir à risca as instruções e recomendações que explicitam seus manuais, mas sem assumir uma postura estereotipada e rígida. Segundo Alchieri e Cruz (2003) com relação ao ambiente de aplicação dos testes psicológicos, as teorias psicológicas existentes sobre as condições que devem ser atendidas para uma boa condição de testagem, apontam para as questões, a saber: o ambiente físico, as condições psicológicas, o momento (tempo de aplicação). Os mesmos autores esclarecem, a respeito das teorias sobre padronização, em relação ao ambiente físico, que é necessário proporcionar ao respondente a satisfatórias condições para responder ao teste, sendo importante diminuir ou se possível eliminar a presença de distratores ambientais.

Contudo, deve-se considerar o ambiente de testagem para o esporte, como algo mais complexo de ser analisado. Entende-se como avaliação psicológica no esporte o procedimento de psicodiagnóstico esportivo, que objetiva o levantamento de aspectos particulares do esportista, ou da equipe, na relação com a modalidade escolhida ou praticada. Assim sendo, certamente há casos em que o psicólogo do esporte poderá realizar o atendimento do esportista em um consultório ou ambiente privativo, mas comumente o ambiente esportivo vincula-se a quadras de esporte, vestiários, salas de exercício e treino, e são nestas condições que os sujeitos serão submetidos aos instrumentos no futuro e, em razão disso, deve-se considerar o desenvolvimento de instrumentos mediante estas condições de testagem.

Ressalta-se também, que no contexto avaliativo em geral, mas sobretudo no contexto esportivo, onde as condições de testagem são diferenciadas, faz-se necessário a associação de diferentes técnicas compondo junto com o teste psicológico, as ferramentas para o processo avaliativo como um todo. Isso significa que, levando-se em conta tais preocupações, seria

necessária a utilização de um conjunto de procedimentos que envolvem entrevistas, testes objetivos e projetivos, cuja meta é determinar o nível de desenvolvimento de funções e capacidades para a prática esportiva ou atividades físicas e de lazer.

Conforme afirma Pasquali (2001), o comportamento humano é a junção de uma série de fatores psicológicos, associados a fatores físicos e espirituais. Um teste é capaz de avaliar apenas parte desse conjunto complexo, daí a importância em se buscar a teoria que subjaz ao conceito investigado.

Ainda no que tange as condições psicológicas em que os testes psicológicos são utilizados, deve atender a condições do sujeito e do profissional que aplica o teste. Entre os aspectos relevantes, deve-se observar se o sujeito apresenta-se em condições normais de saúde física e psicológica, é preciso se certificar que o sujeito compreendeu exatamente a tarefa a realizar, sempre tomando o cuidado para não mudar as instruções do manual. O nível de ansiedade do sujeito que é submetido ao teste pode ser reduzido com o estabelecimento do *rapport*. Estabelecer *rapport* significa assumir uma atitude na qual o sujeito se sinta à vontade ao fazer o teste, implicando em o examinador mostrar-se motivador, encorajador, não irritadiço, sem gritar ou demonstrar expressões faciais e corporais desagradáveis, durante o contexto da testagem. Assim, o *rapport* oportuniza ao profissional oferecer respaldo informativo fundamental para uma melhor compreensão da dinâmica desse processo, no sentido de colocar o respondente, mais próximo desse momento avaliativo, e o próprio psicólogo se faz agente de motivação e solicitude.

Embora guarde finalidades específicas, e seja um campo praticamente nos seus primórdios, os métodos de avaliação em Psicologia do Esporte e Exercício seguem proximamente as particularidades das diversas especialidades em psicologia. Segundo Rudik (1990), a avaliação em Psicologia do Esporte está pautada em procedimentos, quais sejam, a observação, entrevista, experimentos em laboratório, experimentos pedagógicos e testagem. O procedimento de observação consiste na elucidação científica da subjetividade do sujeito, que se manifesta em suas atitudes e comportamentos e caracteriza as particularidades daquilo que se pode designar como personalidade.

O autor complementa que por meio da observação é possível acumular dados que caracterizam a manifestação das funções e qualidades psíquicas da personalidade do atleta durante o período de treinamento e competições. A observação é também procedimento fundamental em programas de lazer e de atividade física para qualidade de vida. Já as entrevistas oferecem a possibilidade de se investigar as particularidades psicológicas específicas da atividade física e esportiva e também as diferentes nuances da personalidade

que surgem no processo da atividade e que exercem influência sobre o comportamento do praticante. Por meio das entrevistas é possível a descrição mais exata do ambiente que envolve o atleta e as influências sobre sua conduta. Já em experimentos laboratoriais objetiva-se a possibilidade de acesso, de observação objetiva, de particularidades daqueles que são submetidos ao processo de avaliação. Permite-se o isolamento de variáveis a serem estudadas, com o rigor que o método exige para posterior análise. Já os experimentos pedagógicos, que possuem um caráter mais sociológico, permitem o esclarecimento da influência de formas e métodos específicos de classes de treinamento e competências sobre o comportamento do praticante.

Por fim, segundo ainda o mesmo autor, os testes representam uma tarefa de curta duração, cujos resultados são submetidos a avaliações de ordem qualitativa e quantitativa e oferecem a caracterização de sintomas de certas manifestações de uma ou várias particularidades daquele que respondeu ao instrumento. Os psicólogos do esporte costumam empregar diferentes tipos de instrumentos de avaliação, podendo ser questionários, testes projetivos e psicomotores, dentre outros. Vale ressaltar que esses procedimentos são aplicados tanto a atletas e equipes esportivas competitivas como à população usuária da atividade física e de lazer. Isso porque os métodos ganharam especificidade em função da particularidade das tarefas pesquisadas.

Rudik (1990) ainda aponta que dessa forma ganham destaque investigações que visem, por exemplo, a avaliação de atletas com o objetivo de obter dados comparativos que caracterizem as exigências especiais que são apresentadas pelo esportista nas diferentes modalidades esportivas ou formas de atividade física, ou mesmo, investigações com caráter diagnóstico que têm como objetivo a determinação do nível de desenvolvimento de habilidades, favorecendo o prognóstico de resultados relacionados à prática esportiva. O autor destaca a importância da unificação dos programas de investigação psicológica no esporte, tanto para a análise psicológica de praticantes de modalidades esportivas, quanto das especificidades das diversas modalidades, para um cruzamento uniforme dessas informações.

No que tange ao momento da aplicação no processo de avaliação psicológica, de acordo com o ambiente físico e psicológico, também deve-se avaliar quanto tempo deverá durar a aplicação dos testes psicológicos, caso seja mais de um, ou mesmo um teste com muitos itens, para se praticar uma boa aplicação. Quando a bateria de testes for muito extensa é recomendado dividir em mais de uma aplicação, com o objetivo de evitar fadiga, aborrecimento e outros problemas que impedem um uso adequado dos testes.

O efeito de condições de aplicação e clima psicológico no desempenho em testes de criatividade, foi pesquisado por Treffinger (1987), em sua revisão de vários estudos sobre o tema. Tais achados indicaram que os resultados nos testes são afetados pelos procedimentos utilizados durante a administração dos instrumentos. Para os responsáveis pela aplicação de testes é indispensável orientação ou treinamento, no sentido de afiançar condições adequadas e comparáveis em todas as aplicações. É de suma importância controlar alguns fatores, a saber: 1) o tempo suficiente para o examinando responder e o examinador fazer as observações necessárias para fazer seu julgamento; 2) o nível de dificuldade das palavras e maneira de apresentar as instruções; 3) controle de fatores que podem distrair a atenção do examinando. Há que se considerar que são muitas as variáveis que afetam uma avaliação, até mesmo o estado físico do examinando ou sua motivação.

O aplicador do teste também é um elemento importante da situação. Pasquali (2003) diz que seu modo de ser e de atuar podem afetar bastante os resultados do teste. Sobre o assunto até este momento não existem pesquisas que permitam conclusões decisivas sobre o grau de influência que estas variáveis do examinador têm sobre os resultados dos testes. Considera-se que o psicólogo é um ser humano como todos os outros, com seus problemas inclusive, mas também é um técnico ou perito que deve ter desenvolvido algumas habilidades próprias da profissão, das quais obviamente ele deve fazer uso em situações como a testagem psicológica.

A respeito das leis que regem a utilização dos testes psicológicos, acredita-se que esse tema é fundamental, pois as pessoas têm direitos garantidos em normas da Constituição dos países e das Nações Unidas. Por lei, os peritos devem prestar serviços de qualidade à sociedade e, esta qualidade pode ser judicialmente procurada por meio das leis pertinentes. O psicólogo responde por sua conduta nesta área de testes. A lei considera o psicólogo como perito e, portanto, legalmente responsável em sua atuação profissional.

Segundo Leme e Pellini (2011), o Código de Nuremberg conceitua o princípio essencial estabelecido de garantir que sejam respeitadas as pessoas humanas que viessem a participar de experimentos médicos ou científicos. O princípio fundamental estabelecido por este Código é de que toda experimentação com seres humanos requer o prévio consentimento livre e esclarecido do sujeito participante. Já na Declaração de Helsinque, é reafirmado o princípio do consentimento livre e esclarecido e colocado o bem-estar do sujeito como prioritário. Ambroselli (1987) argumenta que na pesquisa científica os interesses da ciência e aquelas da sociedade não devem jamais prevalecer sobre o bem-estar dos sujeitos.

Tendo como base estes princípios, os comitês de ética em Psicologia, tem elaborado normas a respeito da aplicação de testes. Tais normas podem ser resumidas segundo as

Normas para a testagem educacional e psicológica da *American Psychological Association* (APA, 1985, apud CRONBACH, 1996).

Quanto à divulgação dos resultados, devem-se seguir as normas do sigilo profissional contidos no Código de Ética do Psicólogo no Brasil (CFP, 1987). Nele estão informações sobre o que é vedado ao psicólogo e deveres. A pessoa que se submete ao teste tem o direito a receber informações sobre os resultados da testagem. Também tem direito aos resultados o solicitante da avaliação, como por exemplo, empresas que solicitem ao psicólogo a avaliação psicológica no processo de recrutamento e seleção e, outros exemplos, os juízes em casos de perícia judicial e em casos de crianças, adolescentes, o responsável legal que nem sempre é o solicitante. Eles apenas têm direito às informações estritamente necessárias à resposta da solicitação.

Ressalta-se a necessidade de se seguir as normas de sigilo entre profissional e paciente, assim toda e qualquer informação sobre o sujeito, arquivos e outras anotações provenientes do processo psicológico devem ser mantidas em local seguro, de forma que ninguém possa ter acesso. Pasquali (2003) menciona que os arquivos devem ser seguros de modo que ninguém possa ter acesso a uma informação restrita sem autorização específica do profissional responsável. As identidades dos indivíduos devem ser codificadas de tal forma que somente o profissional responsável seja capaz de identificar. Em processos judiciais, o juiz pode pedir abertura de registros sigilosos. É preciso ter em mente que, o indivíduo não pode sair indevidamente prejudicado com a exposição de informações sigilosas.

No esporte de alto rendimento a avaliação psicológica está orientada na busca de qualificação e quantificação de estados emocionais em situações de treinamento e competição, níveis de processos psíquicos e relações interpessoais na otimização de trabalhos em equipes. Rodiónov (1990) afirma que, com base nesses dados, é possível à comissão técnica tomar algumas decisões pautadas em conclusões referentes a particularidades pessoais ou grupais que irão alterar o processo de treinamento, individualizar a preparação técnico-tática, escolher a estratégia e a tática de conduta em competições e otimizar os estados psíquicos. Para tanto, conforme o autor, são utilizados métodos da categoria de análise de particularidades de processos psíquicos, nos quais se enquadram os processos sensórios, sensório-motores, de pensamento, mnemônicos e volitivos, bem como as particularidades psicológicas de um grupo esportivo, buscando revelar e explicar sua dinâmica.

Quando tratamos da atividade física e do lazer cujo objetivo da população relaciona-se com a qualidade de vida ou a busca de desafios pessoais, alguns dos métodos utilizados acima são também aplicados, mas com finalidades distintas. Entre uma das possíveis razões, está

que diferentemente de outras áreas da psicologia nas quais já foram desenvolvidos e validados diferentes instrumentos de avaliação, no esporte ainda não se construiu um referencial específico de investigação. Com isso, são utilizados instrumentos advindos da psicologia clínica, educacional ou de recursos humanos, com finalidades específicas como o diagnóstico de psicopatologias ou a descrição de perfis.

Adentrando nas questões pertinentes a normatização de instrumentos de avaliação psicológica, esta pressupõe que um teste necessita ser contextualizado para poder ser interpretado. Tal conceito diz respeito a padrões de como se deve interpretar um resultado que a pessoa atingiu em um teste. Segundo Urbina (2007), os resultados brutos não são muito úteis numa avaliação psicológica, representando um grupo de números que não transmitem nenhum sentido, mesmo depois de mais de um exame aprofundado. Por meio dos estudos psicométricos com o grupo amostral, determinação das variabilidades, percentis e classificações, possibilitará relacionar ou dar sentido aos dados de modo a facilitar a sua compreensão e utilização.

Exemplificando, um indivíduo que apresentou 40 pontos num teste de raciocínio abstrato e 20 pontos num teste de memória de trabalho pouco significa dentro de uma avaliação psicológica. Outra forma de apresentação dos resultados pouco eficiente seria dizer que este sujeito acertou 60% das questões, pois comparado com um teste em que os indivíduos da amostra de padronização acertaram muitas questões (com médias altas), ou seja, um testes considerado fácil é diferente de 60% de acerto nas questões em um teste considerado difícil, com médias de padronização baixas.

Desta maneira, qualquer resultado bruto deve ser referido a alguma norma ou padrão para que tenha algum sentido. A norma permite posicionar o resultado de um sujeito, possibilitando inferências, entre elas, sobre a posição em que a pessoa se localiza no traço medido pelo teste que produziu o resultado medido e também para comparar a pontuação deste sujeito com o resultado de outras pessoas com características similares.

Para o desenvolvimento e criação de normas, um teste deve ser aplicado a uma amostra representativa do tipo de sujeito para o qual foi desenhado. Esse grupo, denominado de amostra de padronização, possibilita a composição de tabelas que serão estabelecidas como normas, indicando não somente as médias, mas também os diferentes graus de desvios, acima ou abaixo da média. Isso possibilitará avaliar diferentes graus de superioridade ou inferioridade naquele determinado aspecto ou faceta que o teste se propôs a medir (CRONBACH, 1996).

Contudo, no contexto esportivo, as preocupações em relação ao desenvolvimento de estudos e pesquisas que especifiquem as teorias e o ferramental utilizado na avaliação psicológica e, especialmente pela falta de especificidade para o esporte, levam os profissionais a conclusões distorcidas sobre a população avaliada, tornando a avaliação ineficaz e ineficiente. Dificilmente se vê um psicólogo ou pesquisador da Psicologia do Esporte e Exercício perguntar-se a respeito de qual a teoria que dá suporte àquele instrumento, por que está sendo usado determinado instrumento e não outro, ou para que exatamente estou investigando essas características. Comumente a resposta recebida refere-se à facilidade de obtenção do instrumento, de aplicação ou de sua análise. Ou seja, respostas pragmáticas para uma situação que merece ser tratada em sua complexidade. Segundo Angelo e Rubio (2007) observa-se com frequência, o risco que se corre em tais circunstâncias, uma vez que foge-se da finalidade do psicodiagnóstico esportivo, o que prejudica o trabalho não apenas do atleta investigado, mas de toda a comissão técnica, além de apresentar pouca ou nenhuma contribuição para a área.

É importante ressaltar que a Psicologia do Esporte encontra-se na interface da Psicologia com a Educação Física e Esporte. Se por um lado os testes de uso exclusivo da Psicologia podem não ser os mais adequados para a avaliação de atletas e contextos esportivos, por outro a grande quantidade de instrumentos de avaliação desenvolvidos sem consistência teórico-metodológica leva a uma fragilização de resultados já divulgados e que estão sendo generalizados para outros estudos e situações. Isso traz algumas consequências graves para a área. Conforme esclarece a Comissão de Esporte do CRP-SP, todo procedimento de diagnóstico envolve aproximação, análise e devolutiva ao interessado e a efetividade desse processo reside na postura que o profissional envolvido tem diante dos resultados obtidos. Ou seja, investigadores, professores e profissionais envolvidos em avaliação psicológica são categóricos em afirmar que um único teste, isoladamente, não é definitivo, nem absoluto, nem final. Ele registra um momento em que a pessoa avaliada vive e, sendo o ser humano dinâmico e mutável, essa avaliação também pode sofrer transformações.

A Resolução nº 002/2003 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2003) regulamenta a utilização, elaboração e comercialização de testes psicológicos, restringindo o uso por parte dos psicólogos apenas a testes que tenham sido comprovados por estudos científicos e encaminhados para a avaliação da Comissão de Avaliação Psicológica do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI). Entre as recomendações da resolução, são solicitadas a apresentação da fundamentação teórica que embasa o teste, evidências empíricas

de validade e precisão, dados informando as propriedades psicométricas dos itens do instrumento, informações a respeito do sistema de correção e interpretação dos resultados, e também dos procedimentos padronizados de aplicação e interpretação.

No estabelecimento de normas de testes, englobando desde sua criação, desenvolvimento e utilização, deve-se dar grande atenção a amostra de padronização. A amostra em que se fundamentam as normas deve ser satisfatoriamente ampla, a fim de proporcionar valores estáveis. Outra amostra da mesma população escolhida de maneira semelhante não deve apresentar normas consideravelmente díspares das obtidas anteriormente. As normas com amplo “erro de amostragem” representariam um pequeno valor para a interpretação dos resultados de um teste (ANASTASI; URBINA, 2000).

Do mesmo modo, é importante a exigência de que a amostra seja representativa da população considerada. Devem-se investigar, cuidadosamente, fatores relevantes durante a seleção dos sujeitos que irão compor a amostra de padronização, capazes de tornar a amostra não-representativa. Entre estes fatores, devem ser considerados aspectos como idade, sexo, escolarização, nível socioeconômico, acesso à informação, entre outros. Em síntese, a apreciação e compreensão cada vez mais cuidadosa e consistente teoricamente das técnicas e ferramentas de avaliação psicológica, capazes de indicar, com maior precisão, os caminhos para tomada de decisão, surgem como uma necessidade prioritária no cenário nacional e internacional.

A consolidação do campo da avaliação psicológica dentro da psicologia, e também o fortalecimento da Psicologia do Esporte e Exercício por meio da utilização de ferramental adequado, reveste-se de capacidade potencial de colaborar não apenas para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, mas também para que organizações e instituições disponham ainda mais de ferramentas competitivas no atual contexto globalizado, a partir da qualidade dos serviços oferecidos a seus clientes. Assim, a testagem provavelmente apresentará um melhor desempenho e, desta forma, virá cooperar mais eficazmente para o sucesso das avaliações psicológicas, o que, poderá se reverter em melhores produtos e serviços oferecidos (ALCHIERI; NORONHA; PRIMI, 2003).

Psicólogos necessitam escolher instrumentos adequados para a avaliação, respeitando-se uma determinada idade e o sexo, escolarização, regionalidades, e especificamente no contexto esportivo, preocupar-se com variáveis, tais como, modalidade esportiva, horas de treino, dentre outras características. De acordo com Noronha et al. (2003) embora muitos instrumentos não sejam padronizados adequadamente, a importância dessa especificidade do processo de construção não deve ser subestimada. O estabelecimento de normas de qualquer

instrumento psicológico deve ser feito com amostras estratificadas, considerando-se as variáveis demográficas relevantes. A definição dessas variáveis deve considerar as próprias características do construto a ser avaliado. A padronização permite o desenvolvimento de normas representativas da população, que tornam mais adequada a interpretação dos escores alcançados, dentro dos objetivos da investigação, com o uso do determinado instrumento.

Desta maneira tendo em vista a necessidade de que as avaliações sejam mais confiáveis e precisas a realização de estudos sobre instrumentos psicológicos é indispensável para o desenvolvimento da área de avaliação psicológica, nos mais variados contextos e, sobretudo, nas demandas do contexto esportivo. Assim, o presente estudo se propôs a analisar a personalidade de um grupo de esportistas brasileiros em um teste para avaliação da personalidade. Diante do exposto, referente ao número pouco expressivo de pesquisas em avaliação psicológica dentro da Psicologia do Esporte e Exercício, ou mesmo dentro de uma grande área de concentração de pesquisas em Educação Física e Esporte, confirma-se a necessidade de aprimoramento, continuidade de estudos e elaboração de instrumentos de avaliação confiáveis para a identificação de fatores psíquicos e emocionais atenuantes para a área esportiva.

2. OBJETIVO

Este estudo objetiva investigar traços de personalidade em esportistas brasileiros por meio de um instrumento de avaliação psicológica.

2.1 Objetivos Específicos

- Analisar traços de personalidade à partir da teoria dos Cinco Grandes Fatores em uma amostra do contexto esportivo.
- Comparar os resultados da amostra de atletas com os dados normativos da Bateria Fatorial de Personalidade, objetivando investigar diferenças entre os grupos amostrais.
- Investigar diferenças entre as modalidades esportivas, assim como entre agrupamentos de modalidades.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 – Participantes

Participaram desta pesquisa 613 esportistas, selecionados em uma amostragem por conveniência. As informações descritivas das amostras serão apresentadas separadamente por estudo nos parágrafos a seguir.

Assim, o estudo 1 denominado “Investigação de traços de personalidade em atletas brasileiros”, assim como o estudo 3 “Descrição de traços de personalidade em diferentes modalidades esportivas”, contaram com a colaboração espontânea de 376 esportistas de modalidades distintas, sendo 95,2% do sexo masculino e 4,8% feminino. A escolaridade variou de ensino fundamental incompleto a pós-graduação, com maior representatividade no ensino médio incompleto com 54,8% dos participantes, seguido de 17,8% de sujeitos com ensino médio completo e 10,1% no ensino superior.

As idades dos participantes variaram de 13 a 44 anos, com média de 17,9 anos, mediana 17 anos, moda 15 anos e desvio padrão de 5,5 anos. Quanto a distribuição dos participantes nas modalidades investigadas, poderá ser melhor analisado na tabela 1, mais adiante. Entre os dados, foram verificadas colaborações de atletas das modalidades Atletismo, Futebol, Futebol base, Rugby, Rugby olímpico, Tênis de mesa paraolímpico, Tênis de mesa olímpico. Ressalta-se que aproximadamente 120 protocolos foram excluídos da base de dados, em razão de inconsistências dos resultados, *outliers* e/ou dados incompletos que impossibilitavam as análises investigadas.

Ressalta-se também que a amostragem mais representativa, denominada Futebol base, foi composta por jovens que atuam em programas de categoria de base de dois grandes clubes profissionais de São Paulo em centros de formação de atletas, com idades entre 13 e 20 anos. O objetivo de estudar também o grupo de atletas de base relacionou-se à oportunidade de aprofundamento nos estudos sobre a personalidade dos atletas nas categorias profissionais mais jovens, haja vista que as categorias de base representarão o futebol no contexto nacional e internacional mais adiante.

Em relação ao estudo 2, o mesmo refere-se à comparações entre a amostra do contexto esportivo desta pesquisa e os dados do grupo amostral da BFP contido no manual do teste e comparações de médias entre modalidades esportivas. Para o estudo foram selecionados 159

esportistas do estado de São Paulo contidos na base de dados já descrita no estudo 1, das mesmas modalidades esportivas com exceção das amostragem de categoria de base, que foram removidas neste estudo. A amostra foi composta por sujeitos com idades entre 13 e 44 anos, com média de 21,6 anos, mediana 19 anos, moda 18 anos e desvio padrão de 6,7 anos.

O estudo 4 contou com a participação de 17 atletas de alto rendimento, sendo 10 sujeitos (58,8%) do sexo masculino, com escolaridade variando do ensino fundamental (11,8%), ensino médio (64,7%) e superior (23,5%), que atuam como atletas da equipe olímpica brasileira de tênis de mesa, com sede na cidade de São Paulo. As idades dos participantes variaram de 13 a 30 anos, com média de 19,4, mediana 18 anos e desvio padrão de 4,72.

No que tange ao estudo 5 colaboraram com a pesquisa 46 atletas de alto rendimento, sendo 21 destes da modalidade Rugby, composta por 18 atletas do sexo masculino e apenas 3 atletas do sexo feminino, e o segundo grupo formado por 25 atletas do Futebol masculino. As escolaridades em ambas modalidades variaram do ensino fundamental ao ensino superior, com maior proporção de atletas com nível de escolaridade de ensino médio. Os participantes atuam em equipes de alto rendimento, sendo cada grupo de modalidade de uma cidade diferente no interior do estado de São Paulo. As idades dos participantes variaram de 18 a 35 anos, com média de 22,10 e desvio padrão de 4,74 para o grupo de Rugby, e de 20 a 36 anos, com média de 29,6 anos e desvio padrão de 4,01 para o grupo de Futebol.

Já em relação ao estudo 6, contou-se com a participação de 237 participantes de um processo seletivo da modalidade Atletismo em um Programa Rumo ao Pódio Olímpico em uma cidade do interior do estado de São Paulo. A amostra foi composta por 84% de sujeitos do sexo masculino, as idades dos participantes variaram de 14 a 21 anos ($M=16,63$; $DP=1,67$).

3.2 – Instrumento

A ferramenta utilizada para avaliação da personalidade dos atletas neste manuscrito foi a Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) de autoria dos pesquisadores Nunes, Hutz e Nunes (2010), que avalia traços de personalidade por meio do modelo dos Cinco Grandes Fatores. A escala possui 126 itens, respondidos em escala *Likert* de sete pontos, na qual o sujeito indica a concordância com as afirmativas, que descrevem a expressão da personalidade por meio da forma como as pessoas pensam, agem e sentem.

A BFP avalia os fatores Extroversão, Socialização, Realização, Neuroticismo e Abertura. A Extroversão refere-se à quantidade e à intensidade das interações interpessoais preferidas, nível de atividade, necessidade de estimulação e capacidade de alegrar-se. Socialização também é uma dimensão interpessoal, porém avalia o interesse pelo bem-estar dos outros, confiança nas pessoas e adesão a regras ou normas sociais.

Realização representa o grau de organização, persistência, controle e motivação para alcançar objetivos, avaliando especificamente o senso de competência pessoal, a ponderação e o comprometimento na busca de objetivos. Por sua vez, Neuroticismo refere-se ao nível crônico de ajustamento emocional e instabilidade, envolvendo especificamente a vulnerabilidade à opinião dos outros, instabilidade emocional, presença de sintomas depressivos e comportamentos passivos ou falta de energia para agir em situações importantes. Por fim, o fator Abertura para novas experiências refere-se aos comportamentos exploratórios e de reconhecimento da importância de ter novas experiências, sendo que esse fator avalia interesse por novas ideias, liberalismo e busca por novidades.

As evidências de validade contidas no manual técnico da BFP foram investigadas a partir de uma base de dados com 6.599 pessoas, com idade média de 23,7 anos (DP=9,6), que participaram de 18 estudos distintos, de 11 estados brasileiros. As evidências de validade do referido teste envolveram a análise da estrutura interna, a correlação com outras variáveis (convergente-divergente) e a análise de critérios externos. A precisão por alfa de Cronbach foi de 0,89 em Neuroticismo), 0,84 em Extroversão), de 0,85 em Socialização, 0,83 em Realização e 0,74 referente à Abertura.

O modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF), mencionado na literatura como “*Big Five*”, ou “*Five Factor Model*” tem sido amplamente pesquisado por representar uma possibilidade de descrição da personalidade de forma simples, porém eficaz. Segundo Nunes et al. (2010) a grande aceitação desse modelo deve-se também ao acúmulo de evidências de sua universalidade e de sua aplicabilidade em diferentes contextos.

Embora a denominação dos fatores ainda não seja consensual, os traços de personalidade e sua forma de agrupamento são equivalentes nas diferentes abordagens ao Modelo. O modelo CGF tem sua origem em um grande conjunto de pesquisas na área da personalidade, envolvendo, especialmente, as teorias fatoriais e as teorias de traço.

3.3 – Procedimento de coleta de dados

Quanto ao procedimento de coletas de dados, este foi realizado entre os anos de 200 e 2013 e contaram com a colaboração de psicólogos de diversas modalidades e clubes, coletados em sua maioria no estado de São Paulo e em Brasília. A aplicação do instrumento fez parte de etapas de coletas de dados em equipes esportivas, ou após treinamentos esportivos.

Foram convidados profissionais com formação em psicologia para realizarem a aplicação da Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) nos esportistas. Foram agendadas as aplicações nas instituições esportivas, conforme o cronograma de atividades e disponibilidade de cada clube. Foi entregue para os participantes voluntários um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que autorizassem a participação na pesquisa (em anexo). Após a assinatura, os participantes foram submetidos a aplicação do instrumento coletivamente.

No que tange aos sujeitos com idades menores que 18 anos, o agendamento da aplicação aconteceu por meio de contato com os responsáveis técnicos dos atletas, e coletado coletivamente somente após a prévia autorização por meio da assinatura do TCLE por parte dos responsáveis. Antes da aplicação os participantes foram informados dos objetivos do uso do instrumento e da pesquisa. Posteriormente foi realizada a aplicação do instrumento BFP coletivamente.

3.4 – Procedimento de análise de dados

No que tange aos aspectos psicométricos, as informações coletadas foram analisadas pelo Programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), obtendo dados de precisão, medidas descritivas e de distribuição de frequência. Foram realizados estudos de consistência interna das dimensões dos instrumentos e suas facetas a partir do alpha de Cronbach. No que tange as variáveis sócio demográficas dos participantes, foram analisados neste trabalho possíveis efeitos nos resultados das amostras, porém sendo priorizado os estudos relacionados às variáveis externas com foco nas modalidades esportivas.

Tendo em vista a diversidade encontrada no desempenho de cada modalidade esportiva, foi averiguado se os atletas de cada uma delas apresentam diferenças em relação

aos cinco fatores da BFP por meio de análise inferencial. Foram realizados estudos por meio da correlação de *Pearson*, estudos com a variável idade e escolaridade com base nas pontuação dos atletas no teste.

Também verificou-se possíveis diferenças de médias entre os grupos de faixas etárias por meio de uma análise de variância (ANOVA). Com relação ao gênero, foi realizado uma comparação entre as médias de pontos dos dois grupos por meio do *Test t (Independent Sample)*. As investigações também foram complementadas por estudos de comparações múltiplas por meio da prova de Tukey, conhecido como teste de Tukey da diferença honestamente significativa, ou seu termo em inglês *honestly significant difference* (HSD).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. ESTUDO 1 – Aplicação da Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) no contexto esportivo

Um dos assuntos de grande interesse no contexto esportivo de alto rendimento é a compreensão da personalidade do atleta, conforme abordado nas páginas iniciais deste manuscrito. De maneira que este primeiro estudo objetivou comparar as características de personalidade de atletas de alto rendimento de modalidades variadas, analisando a existência de características de personalidade comuns que diferenciem atletas, semelhanças e diferenças de traços entre os grupos amostrais e na comparação entre modalidades esportivas.

A este respeito, Bara Filho, Ribeiro e Garcia (2005) descrevem que a busca de um possível perfil de personalidade no âmbito do alto rendimento mostrou-se, no decorrer destas últimas décadas como um dos principais objetivos dos pesquisadores do tema, dada as devidas proporções da escassez de publicações neste sentido, porém, este contingente existente permitiu trabalhos com essa população, de maneira a comparar atletas e amostras de não atletas.

Nesse mesmo sentido Auweele, Nys, Rzewnicki e Mele (2001) destacam que a definição, identificação e medição das funcionalidades de comportamentos de atletas que possam ser previstos são muito importantes para a Psicologia do Esporte e Exercício, justificando os estudos que buscam diferenciá-los de outras populações. Com relação às pesquisas sobre o tema, a existência de um perfil de personalidade do atleta competitivo tem sido um ponto de muitas controvérsias entre os estudiosos.

De acordo com Vealey (1992) prevalece a não existência de um perfil de personalidade do atleta, por considerar não existirem diferenças distinguíveis entre atletas e não atletas, fato este corroborado por pesquisas de Morris (2000), Guillén e Castro (1994) entre outras. Neste sentido Auweele, Cuyper, Mele e Rzewnicki (1993) realizaram uma metanálise e constataram que atletas não se diferenciavam de não atletas na extroversão em três diferentes instrumentos (16PF, EPI e EPQ), tornando-se este um resultado robusto para as pesquisas de personalidade.

Butt (1987), Maresh, Sheckley, Allen, Camaione e Sinatra (1991), Cox (1994) e Saint-Phard, Van Dorsten, Marx e Yourk (1999), Bara Filho et al. (2005), no contexto do esporte, mais especificamente do atleta competitivo, inferem que determinadas características psicológicas diferenciam este grupo de esportistas de outras populações. Nas quais, entre as

diferenças, evidenciaram que atletas apresentavam maior estabilidade emocional, maior extroversão, autoconfiança e maior resistência mental que não atletas.

Maresh et al. (1991) compararam um grupo de corredores com não praticantes de esporte. Os resultados indicaram que o grupo de atletas se mostrou mais introvertido, pensativo e com níveis inferiores de raiva em relação aos dados da coleta com sujeitos não atletas, corroborando para a existência de diferenças neste contexto esportivo. Posteriormente, Morgan e Costill (1996) compararam traços de personalidade em uma amostra de atletas e não atletas e verificaram que os esportistas apresentavam menores índices de tensão, depressão, raiva, fadiga e confusão mental e maior índice de fadiga que os sujeitos fora do contexto esportivo, indicando, desta maneira, que os atletas apresentavam características mais positivas, comparado ao outro grupo.

Weinberg e Gould (1995) e Backmand, Kaprio, Kujala e Sarna (2001) compararam diferentes grupos de esportistas com não praticantes, para analisar as possíveis diferenças. Os resultados apontaram que atletas de esportes coletivos distinguiam-se por serem mais extrovertidos, dependentes do grupo, além de apresentarem menor direcionamento da orientação ego. Já no que se refere aos atletas de esportes individuais nesta pesquisa, estes também evidenciaram serem mais dependentes de um grupo do que os não esportistas, contudo, diferenciavam-se por índices mais altos de objetividade e níveis de ansiedade mais baixos. Os achados de Backmand et al. (2001) também evidenciaram que os atletas diferenciaram-se dos demais, porém, algumas características psicológicas se mostraram comuns a determinados grupos de atletas e não aos atletas como um todo.

Outros subgrupos também foram investigados, e entre eles uma questão de gênero se mostrou refletida. De acordo com os resultados das pesquisas de Weinberg e Gould (1995) e também de Hernández-Ardieta, Lopes, Dolores e Ruiz (2002), as atletas tenderam há comportamentos mais agressivos, mais independentes e emocionalmente estáveis e mais orientadas ao trabalho que as não atletas. Com objetivo análogo, Backmand et al. (2001) constataram que existia pouca diferença nas variáveis extroversão e hostilidade entre atletas e não atletas, contradizendo alguns estudos apresentados. Nesta pesquisa ainda foram evidenciadas diferenças, mesmo sendo pouco expressiva a magnitude do nível de Neuroticismo, mas mostrando resultados mais rebaixados deste fator em não atletas.

Um resultado importante refere-se ao estudo de Dobosz e Beaty (1999), que apontaram o fato de os atletas possuírem maior habilidade de liderança que não-atletas. Isso demonstra a grande quantidade de variáveis estudadas. Separando grupos de atletas e comparando-os com não-atletas, encontraram que os corredores possuíam menores níveis de

estresse, depressão e raiva, de maneira semelhante a pesquisa de Morgan e Costill (1996), que atletas de esportes coletivos tendiam a ser menos neuróticos e que atletas de esportes de resistência mostravam-se mais extrovertidos que os não atletas. Por fim, encontram-se mais pesquisas sobre a investigação da personalidade do sportista, porém, conforme já destacado, os estudos ainda são poucos, e por vezes incongruentes, dada as nuances de cada atividade relacionada a modalidade, o que dificulta a busca de um perfil único, comum, entre atletas.

O presente estudo teve como objetivo comparar as características da personalidade entre atletas, verificando as semelhanças e diferenças existentes à partir das variáveis externas sexo, escolaridade e idade. Foram investigados também os níveis de confiabilidade da escala aplicada nesta amostra do contexto esportivo.

Para a realização da pesquisa, colaboraram voluntariamente para o estudo 376 sportistas de modalidades distintas, sendo 95,2% do sexo masculino e 4,8% feminino. A escolaridade variou de ensino fundamental incompleto a pós-graduação, com maior representatividade no ensino médio incompleto com 54,8% dos participantes, seguido de 17,8% de sujeitos com ensino médio completo e 10,1% no ensino superior, além das demais escolaridades não destacadas em função da baixa porcentagem de participantes.

As idades dos participantes variaram de 13 a 44 anos, com média de 17,9 anos, mediana 17 anos, moda 15 anos e desvio padrão de 5,5 anos. Na tabela 1 é descrita a distribuição dos participantes quanto as modalidades praticadas.

Tabela 1. Estatística descritiva das modalidades compreendidas no grupo amostral esportivo

Modalidade	Qtde	%	Sexo (%)		Média	DP	Idade	
			Masc	Fem			Min.	Máx.
M1. Atletismo	31	8,2	87,1	12,9	20,23	6,64	15	44
M2. Tênis de mesa olímpico	18	4,2	61,1	38,9	19,33	4,58	13	30
M3. Tênis de mesa paraolímpico	15	4,0	73,3	26,7	27,87	10,47	15	43
M4. Futebol	42	11,2	100	0	24,71	6,23	17	36
M5. Rugby	21	5,6	85,7	14,3	22,1	4,74	18	35
M6. Rugby olímpico	32	8,5	100	0	17	0,88	15	18
M7. Futebol Base 2	81	21,5	100	0	16,53	1,37	15	20
M8. Futebol Base 1	136	36,2	100	0	14,21	0,70	13	15
Amostra Geral	376	100	95,2	4,8	17,87	5,54	13	44

Conforme pode ser observado, os grupos amostrais mais representativos, denominados de Futebol base, foram formados por jovens que atuam em programas de categoria de base de dois grandes clubes profissionais de São Paulo em centros de formação de atletas, com idades entre 13 a 20 anos. Isso se deve a oportunidade de aprofundamento nos estudos sobre a personalidade dos atletas nas categorias de base profissionais, considerando que os jovens das

categorias de base estarão representando o futebol no contexto nacional e internacional mais adiante.

A partir da busca de pontos em comum entre as teorias e modelos existentes acerca da personalidade, optou-se, conforme já destacado anteriormente, pelo Modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF), composto pelos fatores Neuroticismo (*Neuroticism*), Extroversão (*Extroversion*), Socialização (*Agreeableness*), Realização (*Conscientiousness*) e Abertura (*Openness to Experience*). O modelo é entendido como uma versão atualizada da Teoria de Traços, cuja suposição básica é a da consideração de que as pessoas apresentam predisposições comportamentais para responder em certas situações. Para esta teoria, a probabilidade de uma pessoa se comportar, sentir ou pensar de um determinado jeito, também denominado de tendência, é o que definiria um traço (PERVIN; JOHN, 2004; HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000; CLONINGER, 1999).

Especificamente a respeito do teste psicológico, foi utilizada a Bateria Fatorial de Personalidade (NUNES; HUTZ; NUNES, 2010) que abrange a teoria dos Cinco Grandes Fatores. A BFP é composta por 126 itens que descrevem sentimentos, opiniões e atitudes. As respostas são registradas numa escala tipo *Likert* de sete pontos (de 1 a 7), de acordo com o quanto o sujeito se identifica com cada sentença.

Quanto ao procedimento de coletas de dados, este foi realizado entre os anos de 2010 e 2013 e contaram com a colaboração de psicólogos colegas e parceiros de pesquisa, de diversas regiões e clubes, coletados em sua maioria no estado de São Paulo. A aplicação do instrumento fez parte de etapas de coletas de dados em equipes esportivas, ou mesmo após treinamentos esportivos. O contato inicial foi feito com o clube ou diretamente com o atleta, solicitando em seguida a prévia autorização por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Antes da aplicação do instrumento os atletas foram informados dos objetivos do uso do instrumento e da pesquisa. Para a análise de dados, foi utilizado o programa estatístico SPSS versão 17.0.

Para iniciar os estudos foram analisados os coeficientes de confiabilidade do teste com base nos dados coletados. A confiabilidade, também chamada de precisão, refere-se à estabilidade do teste e opõe-se ao conceito de erro de medida, de maneira que, quanto mais preciso for considerado um teste, significa que mais livre de erros ele se encontra. Dessa forma, a precisão de um teste é determinada pelo nível com que suas pontuações são livres de erros (CRONBACH, 1996). O Alfa de Cronbach (α) é considerado um dos testes mais utilizado para estudos de precisão, pois indica em um número as relações entre todos os itens. Esse indicador Alfa de Cronbach (α) vai de zero (0) a um (+1) e, embora haja controvérsias

sobre qual seria um valor aceitável para o α , convencionou-se que um teste preciso possui α superior a 0,80, sendo que alfas maiores que 0,70 podem ser considerados aceitáveis (ANASTASI; URBINA, 2000).

Portanto, no que se refere à fidedignidade geral do teste, considerada a partir da análise da precisão dos 126 itens (escala total), verificou-se um coeficiente alfa de Cronbach de 0,74 considerando todo o grupo amostral (N=376). Já os fatores que compõem a bateria apresentaram os índices de coeficiente alfa de Cronbach para Neuroticismo de 0,85 (29 itens), em Extroversão de 0,84 (25 itens), Socialização de 0,70 (28 itens), Realização de 0,76 (21 itens) e final do fator Abertura de 0,50 (23 itens). Estes e os demais índices podem ser observados na tabela 2, devendo ser considerados como resultados pouco satisfatórios aqueles que apresentam-se grifados ($\alpha < 0,70$).

Tabela 2. Índices de precisão por alfa de Cronbach dos fatores em cada modalidade

FATOR / MODALIDADE	GERAL	M1	M2	M3	M4	M5	M6	M7	M8
Sujeitos (N)	376	31	18	15	42	21	32	81	136
BFP completa (126 itens)	0,736	0,494	0,665	0,762	0,776	0,785	0,833	0,714	0,730
NEUROTICISMO (NE)	0,850	0,819	0,841	0,840	0,842	0,904	0,897	0,833	0,821
N1. Vulnerabilidade	0,735	0,773	0,767	0,748	0,637	0,856	0,760	0,658	0,727
N2. Instabilidade	0,709	0,793	0,678	0,681	0,723	0,826	0,758	0,669	0,675
N3. Passividade	0,652	0,557	0,524	0,579	0,616	0,633	0,723	0,678	0,556
N4. Depressão	0,647	0,446	0,664	0,850	0,769	0,753	0,742	0,584	0,463
EXTROVERSÃO (EX)	0,841	0,740	0,722	0,870	0,843	0,811	0,908	0,854	0,845
E1. Nível de comunicação	0,668	0,538	0,784	0,756	0,591	0,438	0,780	0,720	0,616
E2. Ativez	0,600	0,350	0,426	0,731	0,599	0,791	0,710	0,581	0,596
E3. Dinamismo	0,528	0,441	0,408	0,623	0,609	0,632	0,693	0,480	0,497
E4. Interações sociais	0,705	0,640	0,122	0,660	0,752	0,634	0,736	0,723	0,744
SOCIALIZAÇÃO (SO)	0,704	0,676	0,802	0,776	0,560	0,771	0,755	0,685	0,665
S1. Amabilidade	0,752	0,668	0,840	0,909	0,732	0,781	0,859	0,661	0,700
S2. Pró-sociabilidade	0,580	0,629	0,678	0,656	0,228	0,648	0,653	0,515	0,536
S3. Confiança nas pessoas	0,546	0,354	0,750	0,692	0,396	0,741	0,627	0,512	0,479
REALIZAÇÃO (RE)	0,755	0,815	0,831	0,796	0,789	0,771	0,639	0,708	0,719
R1. Competência	0,699	0,763	0,638	0,682	0,796	0,690	0,656	0,663	0,646
R2. Ponderação	0,490	0,565	0,667	0,604	0,570	0,041	0,636	0,559	0,322
R3. Empenho	0,567	0,496	0,772	0,340	0,439	0,585	0,586	0,492	0,589
ABERTURA (AB)	0,500	0,574	0,521	0,578	0,416	0,584	0,593	0,559	0,335
A1. Abertura a ideias	0,561	0,528	0,606	0,112	0,472	0,690	0,647	0,617	0,500
A2. Liberalismo	0,388	0,245	0,116	0,464	0,147	0,655	0,524	0,300	0,336
A3. Busca por novidades	0,370	0,048	0,415	0,316	0,289	0,461	0,414	0,491	0,125

(M1.Atletismo; M2.Tênis de mesa olímpico; M3.Tênis de mesa paraolímpico; M4.Futebol; M5.Rugby; M6.Rugby olímpico; M7.Futebol base 2; M8.Futebol Base 1).

A partir da tabela 2 observa-se que a bateria completa apresentou nível de precisão satisfatório, assim como na maior parte dos fatores com exceção de Abertura que mostrou-se pouco satisfatório com alfa de 0,50. O mesmo fator Abertura e suas facetas foram os que apresentaram os índices mais rebaixados de precisão, indicando que as respostas dos esportistas mostraram-se pouco consistente para realização de análises com as modalidades investigadas.

Algumas facetas, além das relacionadas a Abertura, entre elas Passividade, Dinamismo, Pró-sociabilidade, Confiança nas pessoas, Competência, Ponderação e a faceta Empenho apresentaram alfas de Cronbach também abaixo do satisfatório, de maneira que sugere-se que mais estudos sejam realizados, para investigar se a mesma inconsistência de resposta se mostra em outras equipes esportivas, como os resultados desta amostra investigada. Haja vista que diferentes aspectos podem influenciar nos resultados sobre a precisão das respostas, seja porque os itens podem não estar adaptados ao contexto da amostra investigada, considerando-se que a bateria foi construída a priori para amostras clínicas e não específicas para o contexto esportivo.

Outro possível viés relativo a precisão dos itens de um teste, pode referir-se a escolaridade dos respondentes, de maneira que o mau entendimento da questão, pode influenciar numa maior variabilidade de respostas do mesmo sujeito, em itens que avaliem o mesmo construto, visto que a compreensão verbal é um fator importante nas escalas e testes com itens verbais. Como tais aspectos não foram controlados no processo de aplicação do instrumento, a seguir serão apresentados estudos com relação a escolaridade dos participantes, buscando verificar a influência da variável escolaridade na resposta dos esportistas.

Com vista à exploração de diferenças relacionadas à variável escolaridade, recorreu-se à análise de variância (ANOVA), que analisa as diferentes fontes de variação que podem ocorrer em um conjunto de valores. Conceitualmente a Análise de variância (ANOVA), como o próprio nome sugere, analisa as diferentes fontes de variação que podem ocorrer em um conjunto de valores. A ANOVA procura por diferenças entre as médias dos grupos. Quando as médias são bem diferentes, existe um alto grau de variação entre as condições, e se não existem diferenças entre as médias dos grupos, então não existe variação (DANCEY; REIDY, 2006).

Os resultados da análise de variância (ANOVA) entre médias de nível de escolaridade por grupo de modalidade esportiva evidenciaram diferenças estatisticamente significativas entre grupos ($F=21,64$; $gl(df)=7$; $p<0,001$). Na figura 1 é possível observar as médias de nível de escolaridade por grupo de modalidade esportiva.

Figura 1. Médias de nível de escolaridade por grupo de modalidade esportiva

(Escolaridade: 1=não alfabetizado; 2=ensino fundamental incompleto; 3=fundamental completo; 4=ensino médio incompleto; 5=médio completo; 6= superior completo; 7=pós-graduação).

A figura 1 indica diferenças entre modalidades, porém observa-se que a modalidade que apresentou menores alfas de Cronbach satisfatórios nos fatores e facetas apresenta o segundo maior índice de escolaridade na amostra investigada, correspondendo ao superior incompleto. Vale ressaltar que segundo o manual do referido teste os autores indicam o uso da bateria à partir do ensino médio incompleto, indicando, portanto, que é possível que os alfas rebaixados não estejam necessariamente relacionados a escolaridade dos respondentes, mas a outras possibilidades de fonte de erros, entre estes, aspectos relacionados ao momento da coleta dos dados, motivações para responder ao teste, entre outras. Mas corroborando aos estudos da BFP, a amostra de Futebol base, que apresentou a segunda maior quantidade de alfas de Cronbach pouco satisfatórios, apresentam escolaridades médias de ensino fundamental incompleto, sendo considerado abaixo da escolaridade sugerida pelos autores

Nunes e cols. (2010), mesmo que a amostragem normativa da BFP também contenha amostras de ensino fundamental.

Dentre outras variáveis externas que poderiam contribuir para dados menos precisos do ponto de vista da fidedignidade, uma delas refere-se ao conteúdo abordado pelos itens, entendendo que em determinados casos, além de se adaptar nível intelectual da questão de acordo com as possibilidades dos respondentes, faz-se necessário a adaptação do assunto, ao contexto. Sugere-se que pesquisas futuras sejam realizadas com o enfoque na verificação contextual dos itens da BFP junto a amostras do esporte, não tratados nesta tese.

Por último a este respeito, a fim de verificar quais modalidades justificaram as diferenças encontradas entre as escolaridades, e possíveis agrupamentos de modalidades em níveis de média de escolaridade, utilizou-se realizar comparações múltiplas por meio da prova de Tukey. O Teste proposto por Tukey em 1953, citado por Dancey e Reidy (2006), é também conhecido como teste de Tukey da diferença honestamente significativa, ou seu termo em inglês *honestly significant difference* (HSD). O teste de Tukey tem sido mostrado analiticamente interessante, considerando que métodos de comparações múltiplas exatos são raros. Destaca-se que o método consiste em realizar todas comparações duas a duas, em intervalos menores que qualquer outro método de comparação múltipla de uma etapa. A estratégia de Tukey consistiu em definir a menor diferença significativa.

Tabela 3. Prova de Tukey para a medida de Escolaridade por modalidade esportiva

Modalidades	N	Subconjunto para alfa = 0,05			
		1	2	3	4
Futebol	42	2,24			
Futebol base 2	136	2,54			
Futebol base 1	81	3,12	3,12		
Rugby olímpico	32		3,94	3,94	
Tênis mesa paraolímpico	15		4,20	4,20	
Tênis de mesa olímpico	18		4,22	4,22	
Atletismo	31			4,58	4,58
Rugby	21				5,52
<i>Sig.</i>		0,290	0,082	0,701	0,215

Em relação a escolaridade média dos respondentes por grupo de modalidades, ao se analisar os dados da Prova de Tukey HSD, pode-se inferir que a diferença é justificada pelo agrupamento em 4 subconjuntos, conforme indicado na tabela 3, mas não fica evidenciado que os agrupamentos apresentam significância estatística.

Em seguida procurou-se investigar se as pontuações médias dos atletas nos fatores da

BFP recebiam influências da variável sexo. Para tal realizou-se um teste *t* de *Student* dos dados encontrados comparando os resultados de homens e mulheres. Os dados pode ser analisados na tabela 4.

Tabela 4. Comparação de médias entre os fatores considerando a variável sexo

	Sujeitos	N	Média	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Neuroticismo	Masc.	358	3,05	0,69	-4,571	0,001
	Fem.	18	3,81	0,76		
Extroversão	Masc.	358	4,42	0,71	0,808	0,420
	Fem.	18	4,28	0,71		
Socialização	Masc.	358	5,20	0,48	-0,184	0,854
	Fem.	18	5,22	0,61		
Realização	Masc.	358	5,07	0,59	-0,937	0,349
	Fem.	18	5,20	0,59		
Abertura	Masc.	358	4,07	0,46	-0,840	0,401
	Fem.	18	4,16	0,72		

Em relação às diferenças entre o sexo masculino e feminino, observa-se que apenas o fator Neuroticismo apresentou diferenças de médias estatisticamente significativas em relação ao gênero dos atletas, indicando médias mais baixas para o sexo masculino neste fator. No entanto, antes que sejam levantadas considerações a este respeito, reforça-se que o número de participantes do sexo feminino nesta amostragem de atletas apresentou-se muito rebaixada. Sugere-se que outros estudos sejam realizados com amostras menos disparees quanto ao número de sujeitos nos grupos, para que possa realizar inferências mais seguras a respeito da influência da variável sexo.

Esta diferença no fator Neuroticismo corrobora com as pesquisas do manual do teste, nos quais os resultados indicaram que a variável sexo dos respondentes gerou perfis diferenciados para o referido fator. Dentre os demais fatores, no manual do instrumento também foi verificada médias mais elevadas para as mulheres, e a diferença estatisticamente significativa no fator Socialização. De qualquer modo, as diferenças não alteram as classificações interpretativas entre homens e mulheres, por meio da análise das tabelas de normatização do teste na amostra investigada.

Realizou-se em consequente, correlações parciais controlando o efeito de determinadas variáveis entre as pontuações nos fatores, para verificar a influência destas variáveis externas sobre os resultados. O estudo realizado por meio da prova de correlação de *Pearson* com nível de significância de 0,05 estão descritos na Tabela 5.

Tabela 5. Correlações de Pearson das pontuações dos testes controlando a variável idade, sexo, escolaridade e grupo de modalidade

Correlações de Pearson entre os Cinco Grandes Fatores sem controle de variáveis				
	EXT	SOC	REA	ABE
NEU <i>r</i>	-0,18**	-0,42**	-0,34**	0,13*
EXT <i>r</i>		0,04	0,16**	0,35**
SOC <i>r</i>			0,40**	-0,22**
REA <i>r</i>				0,01

Correlações de Pearson controlando a variável sexo				
	EXT	SOC	REA	ABE
NEU <i>r</i>	-0,17**	-0,444**	-0,36**	0,12*
EXT <i>r</i>		0,04	0,16**	0,35**
SOC <i>r</i>			0,40**	-0,22**
REA <i>r</i>				0,01

Correlações de Pearson controlando a variável idade				
	EXT	SOC	REA	ABE
NEU <i>r</i>	-0,18**	-0,42**	-0,34**	0,12*
EXT <i>r</i>		0,04	0,16**	0,35**
SOC <i>r</i>			0,40**	-0,24**
REA <i>r</i>				-0,01

Correlações de Pearson controlando a variável escolaridade				
	EXT	SOC	REA	ABE
NEU <i>r</i>	-0,17**	-0,42**	-0,34**	0,13*
EXT <i>r</i>		0,03	0,16**	0,35**
SOC <i>r</i>			0,40**	-0,23**
REA <i>r</i>				0,01

Correlações de Pearson controlando a variável modalidade				
	EXT	SOC	REA	ABE
NEU <i>r</i>	-0,18**	-0,42**	-0,34**	0,10*
EXT <i>r</i>		0,04	0,16**	0,35**
SOC <i>r</i>			0,40**	-0,21**
REA <i>r</i>				0,01

(*) $p < 0,05$; (**) $p < 0,001$.

Verifica-se, por meio da tabela 5, que as correlações mantêm suas características com ou sem o efeitos das variáveis sexo, idade e modalidade, sugerindo que as pontuações não sofrem influência destas variáveis externas neste grupo amostral. Descrevendo os dados observados, destacam-se as correlações negativas consideradas fortes e significativas estatisticamente, segundo índice interpretativo de correlações sugeridos por Duffy, Mclean e Monshipouri (2011) entre Neuroticismo e Socialização, de magnitude moderada e negativa entre Neuroticismo e Realização e correlações negativas de magnitude fraca entre Socialização e Abertura. Quanto as correlações positivas e significativas estatisticamente, ressaltam-se as correlações fortes entre Socialização e Realização e correlações moderadas entre Extroversão e Abertura.

Do ponto de vista interpretativo, poderíamos sugerir que no grupo investigado de atletas, um maior nível de Neuroticismo, ou seja, tendência a vivenciar de forma mais intensa

sofrimento psicológico, instabilidade emocional e vulnerabilidade, experiências intensas de eventos negativos, dando pouca ênfase aos aspectos positivos dos fatos, pode se relacionar com níveis mais rebaixados de socialização e realização. De maneira que a socialização representa a capacidade de confiança nos demais, desenvolvimento psicossocial, formação da identidade e capacidade de intimidade com os demais, incluindo cuidado e desejo de ajudar os outros, nível de altruísmo significativo, e a realização representaria traços de personalidade que se relacionam com motivação para o sucesso, perseverança, capacidade de planejamento de ações em função de uma meta, bem como nível de organização e pontualidade, tendência a buscar formas de alcançar seus objetivos, mesmo que isso envolva algum sacrifício ou conflito com algum desejo imediato (NUNES et al., 2010).

Os autores da BFP complementam que o nível de Realização das pessoas parece ser um componente importante para seu nível de desempenho em atividades em contextos variados, como no acadêmico, profissional e na forma como as pessoas organizam as suas ações em médio e longo prazo, em função das suas aspirações. De acordo com Halfhill, Sundstrom, Lahner, Calderone e Nielsen (2005), em uma revisão de 31 estudos sobre a influência da personalidade na composição de equipes de trabalho que dividem a responsabilidade sobre objetivos comuns, foi verificada a importância de traços como os relacionados ao fator Realização, usados como preditores em 12 dos 31 artigos analisados, que favorecem o foco nas tarefas do trabalho e no alcance das metas e o fator Abertura para Experiências, usado em 6 dos 31 trabalhos, também como fator que contribui no cumprimento das tarefas. Apesar de não ser uma revisão com foco em sujeitos esportistas, tais características destacadas se fazem presentes em equipes esportivas.

Por fim, verificou-se correlações positivas e fortes entre Socialização e Realização e moderadas entre Extroversão e Abertura, sugerindo que os atletas com maior desenvolvimento psicossocial tenderiam a uma maior motivação para a perseverança, capacidade de planejamento de ações no sentido de suas metas, nível de organização etc. Já os níveis de extroversão também se relacionariam aos comportamentos exploratórios e de reconhecimento da importância de ter novas experiências, indicando sujeitos curiosos, imaginativos, criativos, divertem-se com novas ideias e com valores não convencionais, e tendência a liderança.

Em se tratando da variável idade, para melhor análise dos dados do grupo amostral esportivo optou-se pelo agrupamento etário. Na tabela 6 é apresentada a estatística descritiva conforme organização dos grupos.

Tabela 6. Descrição do agrupamento de idades dos participantes

Grupo etário	<i>Participantes</i>		<i>Idade</i>			
	Qtde	%	Média	DP	Min.	Máx.
Grupo 1	88	23	13,74	0,44	13	14
Grupo 2	116	31	15,36	0,48	15	16
Grupo 3	114	30	18,11	1,01	17	20
Grupo 4	40	11	25,10	3,43	21	30
Grupo 5	18	5	36,56	4,12	31	44

Por meio da análise de variância (ANOVA), verificou-se diferenças estatisticamente significativas entre alguns fatores e facetas do teste BFP na amostra do esporte desta pesquisa em relação a variável idade dos participantes. Para investigar as diferenças de médias das pontuações entre o agrupamento etário utilizou-se portanto a prova ANOVA com nível de significância de 0,05. Os resultados dessa análise encontram-se descritos na tabela 7.

Tabela 7. Análise de variância (ANOVA) considerando o agrupamento de idades

Fator / Faceta	Média	DP	<i>f</i>	<i>p</i>	<i>Nível de precisão satisfatório</i>
NEUROTICISMO	3,08	0,71	0,184	0,947	Sim
Vulnerabilidade	3,46	1,02	1,718	0,145	Sim
Instabilidade	3,21	1,02	0,135	0,970	Sim
Passividade	3,40	1,01	2,376	0,052	-
Depressão	2,27	0,78	1,164	0,326	-
EXTROVERSÃO	4,42	0,71	0,631	0,641	Sim
Nível de comunicação	4,22	1,04	1,383	0,239	-
Altivez	3,49	0,91	0,523	0,719	-
Dinamismo	4,89	0,79	0,742	0,564	-
Interações sociais	5,06	0,89	0,575	0,681	Sim
SOCIALIZAÇÃO	5,22	0,49	2,021	0,091	Sim
Amabilidade	5,50	0,67	5,342	0,000	Sim
Pró-sociabilidade	5,58	0,77	2,348	0,054	-
Confiança nas pessoas	4,52	0,77	4,951	0,001	-
REALIZAÇÃO	5,07	0,59	3,051	0,017	Sim
Competência	5,30	0,67	3,409	0,009	-
Ponderação	5,06	0,96	1,080	0,366	-
Empenho	4,86	0,78	5,436	0,000	-
ABERTURA	4,07	0,47	4,652	0,001	-
Abertura a ideias	4,13	0,78	2,181	0,071	-
Liberalismo	3,99	0,72	6,147	0,000	-
Busca por novidades	4,09	0,78	6,620	0,000	-

Com o intuito de analisar quais grupos etários justificaram as diferenças encontradas estatisticamente significativas e com nível de precisão satisfatório, além de possíveis agrupamentos etários em cada um dos fatores e facetas, utilizou-se de comparações múltiplas por meio da prova de Tukey. A tabela 8 apresenta a análise da faceta Amabilidade.

Tabela 8. Prova de Tukey para a medida de Amabilidade (S1)

GRUPO	N	Subconjunto para alfa = 0,05		
		1	2	3
Grupo 2	116	5,32		
Grupo 1	88	5,45	5,45	
Grupo 3	114	5,57	5,57	5,57
Grupo 4	40		5,72	5,71
Grupo 5	18			5,90
<i>p</i>		0,376	0,292	0,110

Conforme pode ser observado, apesar das análises apresentarem 3 agrupamentos das faixas etárias, não verificam-se níveis de significância estatisticamente significativos para os agrupamentos de idades reportados pela prova de Tukey. Porém, observa-se que as idades mais elevadas apresentaram maior média de pontuação em Amabilidade, indicando uma maior tendência a serem mais atenciosos e amáveis com as demais, demonstrando sua preocupação com as necessidades alheias do que os grupos com idade mais rebaixada. Segundo os autores do teste BFP, pessoas com maiores pontuações nesta faceta tendem a ser proativas para resolver os problemas das pessoas, bem como expor seu apreço por elas, além de apresentarem uma preocupação em tratar bem as demais pessoas para que se sintam bem.

A outra medida que também apresentou diferenças estatisticamente significativas, e níveis de precisão satisfatório foi o fator Realização (RE). Ressalta-se que os demais fatores e facetas que apresentaram diferenças de médias, mas níveis pouco satisfatórios de precisão, não foram apresentados nesta pesquisa. Com base ainda na verificação da influência da variável idade, por meio do agrupamento etário, realizou também a prova de Tukey do fator Realização, conforme observado na tabela 9.

Tabela 9. Prova de Tukey para a medida de Realização

GRUPO	N	Subconjunto para alfa = 0,05
		1
Grupo 2	116	4,93
Grupo 3	114	5,09
Grupo 4	40	5,11
Grupo 5	18	5,19
Grupo 1	88	5,20
<i>p</i>		0,170

No que tange ao fator Realização, apesar de ser observada diferença de médias estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre o agrupamento de idades investigadas por meio da análise ANOVA, não foi observado também tal diferenciação pela prova de Tukey (HSD). Portanto, observa-se que neste fator o comportamento dos grupos etários se manteve sem diferenciação estatisticamente significativa.

Nota-se, por meio da tabela 9, que o grupo etário mais jovem, assim como as idades mais avançadas na amostra investigada, foram os que apresentaram maiores pontuações médias de Realização. De acordo com a interpretação, segundo o manual do teste BFP, o fator Realização relaciona-se ao grau de organização, persistência, controle e motivação que tipicamente as pessoas apresentam. Assim sendo, escores altos sugerem sujeitos que tendem a ser organizados, confiáveis, trabalhadores, decididos, pontuais, escrupulosos, ambiciosos e perseverantes.

Especificamente nesta pesquisa, os dados se mostraram de uma maneira geral satisfatórios para analisar o construto nos esportistas investigados. Ressalta-se que a precisão é um ponto expressivo, pois representa o grau com que o instrumento avalia sem variar na medida (Anastasi, 1977). Denomina-se esses estudos de precisão ou fidedignidade, entendida como a estabilidade que o teste tem em manter seu resultado depois de determinado tempo ou mesmo de sua consistência/homogeneidade, sendo este segundo a forma de verificação neste trabalho.

Observou-se, então, por meio de análise de confiabilidade, que o instrumento utilizado apresentou índices satisfatórios pelo alfa de Cronbach na maioria dos seus fatores e facetas. Contudo, destaca-se que o fator Abertura a experiências e suas facetas, foi aquele que apresentou os índices mais rebaixados, sugerindo que os dados nesta pesquisa em relação a estes subfatores seja tratada com mais cautela, em razão desta instabilidade de respostas. Também ressalta-se que as modalidades Atletismo, seguido de Futebol base, também foram

aquelas que ao serem medidas as precisões do teste, separadamente por modalidade, este foram aqueles que apresentaram mais fatores com índices rebaixados.

No entanto, em sua maioria os dados se comportaram de maneira satisfatória, permitindo entender que o teste possuem um bom nível de precisão, podendo ser considerado um instrumento confiável para a medida do respectivo construto neste grupo analisado. Ao mesmo tempo que sugere-se novas pesquisas para analisar a estabilidade do teste em mais amostras do contexto esportivo.

Quanto aos critérios externos relacionados a influência do sexo, escolaridade e idade dos respondentes, verificou-se quanto ao sexo que as diferenças de médias entre homens e mulheres apresentou-se significativa estatisticamente somente no fator Neuroticismo com médias pouco mais elevadas para o sexo feminino. Porém, destaca-se que a representatividade do sexo feminino foi muito baixa nesta pesquisa para serem realizadas quaisquer inferências a respeito desta variável e sugere-se que seja investigado a influência da variável nas características de traços de personalidade de atletas, pois, de acordo com Melo (2008), verificam-se diferenciações significativas estatisticamente entre o sexo de atletas.

No que tange a variável escolaridade observou-se que a modalidade que apresentou menores alfas de Cronbach satisfatórios nos fatores e facetas apresentou o segundo maior índice de escolaridade na amostra investigada, correspondendo ao superior incompleto. Observou-se também que as categorias de base da modalidade futebol apresentam as escolaridades mais rebaixadas. Destaca-se, contudo, que as variações entre as médias à partir da escolaridade dos respondentes não mostrou-se significativa estatisticamente entre os agrupamentos etários.

Já em relação a influência da variável idade, observa-se diferenças significativas entre alguns fatores e facetas dos cinco grandes fatores, porém, tais diferenças entre os agrupamentos etários, por meio da prova *pos roc*, e considerando o nível de precisão dos dados coletados nesta pesquisa, indicaram que a faceta Amabilidade, assim como o fator Realização, foram aqueles que apresentaram diferenças significativas estatisticamente. Tais achados indicaram que o grupo etário com idades mais avançadas apresentaram uma maior preocupação e cuidado com as outras pessoas, assim como o grupo mais jovem e o grupo com idade mais avançada mostraram maior propensão à organização, persistência, comprometimento e características mais elevadas de do fator Realização.

Nos estudos a seguir são apresentadas as diferenciações entre os grupos de modalidades, objetivando verificar a influência desta variável no contexto esportivo, considerando-se que cada modalidade pode apresentar traços médios diferentes em

determinados fatores e facetas em função do tipo de atividade desenvolvida em cada modalidade, que exigirão dos atletas traços emocionais e psíquicos distintos em suas práticas esportivas. Serão apresentados também estudos de investigação de diferenças entre modalidades individuais e coletivas, por meio do agrupamento das modalidades investigadas nesta pesquisa.

4.2. ESTUDO 2 – Análise dos traços de personalidade no contexto esportivo

Considerando as evidências de critério externo descritas nesta pesquisas, priorizou-se pelo estudo dos agrupamentos por modalidades esportivas nas análises dos resultados neste contexto, em razão das modalidades representarem diferentes atividades realizadas pelos atletas, logo, tais análises poderiam contribuir para uma apreciação de perfis médios de atletas em diferentes modalidades. Desta maneira, as análise dos dados desta pesquisa serão apresentados separados por fator que o teste avalia, objetivando um aprofundamento na análise da personalidade média de grupos de atletas em comparado com a média de normatização do manual do teste, e também entre as modalidades investigadas em cada um dos fatores do modelo CGF.

Para a realização deste estudo 2 foram excluídos da amostra os atletas da categoria de base, ou seja, os grupos de modalidade Futebol base 1 e Futebol base 2 em razão de se tratarem de jovens ainda em formação nos programas de categoria de base, não representando em sua maioria atletas de alto rendimento. No entanto, por se tratarem dos grupos mais representativos na coleta realizada serão novamente abordados à partir do estudo 3 desta pesquisa.

De maneira que a amostra representada nos dados a seguir referem-se a 159 atletas de alto rendimento de diferentes modalidades, conforme apresentado na tabela 10. A escolaridade variou de ensino fundamental incompleto a pós-graduação, com maior representatividade no ensino médio incompleto com 30,2% dos participantes, seguido de 28,3% de sujeitos com ensino fundamental completo e 17,6% no ensino superior, além das demais escolaridades não destacadas em função da baixa porcentagem de participantes. As idades dos participantes variaram de 13 a 44 anos, com média de 21,6 anos, mediana 19 anos, moda 18 anos e desvio padrão de 6,7 anos.

Tabela 10. Estatística descritiva das modalidades compreendidas no estudo 2

Modalidade	Qtde	%	Sexo (%)		Média	Idade		
			Masc	Fem		DP	Min.	Máx.
M1. Atletismo	31	19,5	87,1	12,9	20,23	6,64	15	44
M2. Tênis de mesa olímpico	18	11,3	61,1	38,9	19,33	4,58	13	30
M3. Tênis de mesa paraolímpico	15	9,4	73,3	26,7	27,87	10,47	15	43
M4. Futebol	42	26,4	100	0	24,71	6,23	17	36
M5. Rugby	21	13,2	85,7	14,3	22,1	4,74	18	35
M6. Rugby olímpico	32	20,1	100	0	17	0,88	15	18

Quanto às análises, o primeiro fator apresentado dentro da teoria dos Cinco Grandes Fatores refere-se ao Neuroticismo, que está relacionado ao nível crônico de ajustamento emocional e instabilidade, envolvendo especificamente a vulnerabilidade à opinião dos outros, instabilidade emocional, presença de sintomas depressivos e comportamentos passivos ou falta de energia para agir em situações importantes. Por meio da tabela 11 é possível verificar a comparação dos resultados dos atletas em relação aos resultados do grupo amostral de normatização do teste BFP.

Tabela 11. Comparação entre médias (teste t de Student) em Neuroticismo

Fator / Amostra	Manual BFP	Amostra Esporte	<i>t</i>	<i>p</i>
NEUROTICISMO	3,19	3,22	0,448	0,655
Vulnerabilidade	3,49	3,51	0,273	0,785
Instabilidade	3,68	3,29	-4,508	<0,001
Passividade	3,45	3,70	2,997	0,003
Depressão	2,33	2,37	0,545	0,586

Conforme pode ser observado na tabela 11, o fator Neuroticismo não apresentou diferença estatisticamente significativa na comparação de médias entre a amostra do manual do teste BFP e o grupo esportivo desta pesquisa. De maneira semelhante estão contemplados os resultados referentes a faceta Vulnerabilidade ao sofrimento e também na faceta Depressão.

Contudo, na faceta Instabilidade emocional verificou-se diferença significativa estatisticamente entre os grupos amostrais, o que indica que os atletas apresentaram médias mais rebaixadas de Instabilidade emocional. Na faceta Passividade os dados também indicaram diferenças estatisticamente significativas entre a média da amostra do manual e a amostra esportiva, porém de forma inversa de maneira que o grupo do contexto esportivo demonstrou médias mais elevadas em passividade.

Para investigar a existência de diferenças de médias nas pontuações entre as modalidades utilizou-se da prova ANOVA com nível de significância de 0,05. Os resultados dessa análise encontram-se descritos na tabela 12.

Tabela 12. Análise de variância (ANOVA) das modalidades esportivas em Neuroticismo

Fator / Amostra	Atletismo	Tênis olimp.	Tênis paraolimp.	Futebol	Rugby	Rugby olimp.	<i>f</i>	<i>p</i>
NEUROTICISMO	3,12	3,50	3,43	2,89	3,58	3,24	3,437	0,006
Vulnerabilidade	3,39	4,28	3,71	3,07	3,86	3,46	4,462	0,001
Instabilidade	3,29	3,43	3,30	3,04	3,53	3,36	0,708	0,619
Passividade	3,38	4,00	4,09	3,27	4,28	3,84	4,462	0,001
Depressão	2,43	2,31	2,63	2,18	2,66	2,29	1,135	0,344

Observou-se diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre as médias das modalidades no fator Neuroticismo assim como na facetas Vulnerabilidade ao sofrimento e também em Passividade. Contudo, frequentemente pesquisadores analisam outras comparações depois da execução de uma prova ANOVA de um determinado fator. A fim de verificar quais modalidades justificaram as diferenças encontradas, e possíveis agrupamentos de modalidades em cada um dos fatores e facetas, utilizou-se realizar comparações múltiplas por meio da prova de Tukey. Os resultados do agrupamento dessa análise em relação ao fator Neuroticismo, estão descritos na tabela 13.

Tabela 13. Prova de Tukey para a medida de Neuroticismo

<i>GRUPO</i>	<i>N</i>	<i>Subconjunto para alfa = 0,05</i>	
		1	2
Futebol	42	2,89	
Atletismo	31	3,12	3,12
Rugby olimp.	32	3,24	3,24
Tênis mesa paraolimp.	15	3,43	3,43
Tênis mesa olimp.	18	3,50	3,50
Rugby	21		3,58
<i>p</i>		0,065	0,302

No entanto, ao se analisar os dados pode-se inferir que a diferença entre as modalidades no fator Neuroticismo é justificada pelo agrupamento em dois subconjuntos de modalidades, conforme indicado na tabela 13, mas não fica evidenciado que os agrupamentos apresentam diferenças significativas estatisticamente. Destaca-se que a modalidade Futebol não se discriminou significativamente das demais, com exceção da modalidade Rugby, que ficou em outro agrupamento.

O mesmo aconteceu com o Rugby que não se diferenciou significativamente das demais modalidades com exceção da modalidade Futebol. Essa prova indicou que o fator Neuroticismo discrimina as modalidades investigadas nesta pesquisa em dois grupos, porém sem significância estatística em tais agrupamentos e nesses termos, foi observada uma diferenciação com estas duas modalidades Futebol e Rugby em seus extremos.

Antes da interpretação dos dados oriundos do fator Neuroticismo nesta pesquisa, assim como nos demais fatores e facetas, destaca-se a ressalva feita pelo autores do teste, quanto aos resultados das subescalas da BFP, que devem ser entendidas como a intensidade dos traços avaliados por elas. Para a interpretação, deve-se entender que quanto menor for o escore de uma pessoa em uma subescala, maior é a chance de ela apresentar os comportamentos, as crenças e atitudes descritos para resultados baixos.

Em nenhuma situação, por mais alto ou baixo que seja o resultado encontrado, é correto afirmar que uma pessoa tem uma dada característica ou que certamente irá se comportar de tal forma. A BFP, como qualquer teste de personalidade, permite identificar tendências de comportamentos, bem como padrões mais prováveis de atitudes e crenças (NUNES et al., 2010).

O fator Neuroticismo no modelo dos Cinco Grandes Fatores está associado às características emocionais das pessoas. De acordo com a interpretação sugerida no manual do instrumento, Escores Altos indicam indivíduos que são mais propensos a vivenciar mais intensamente sofrimento emocional com ideais dissociadas da realidade, ansiedade excessiva, dificuldade para tolerar frustração causada pela não realização de desejos e respostas de *coping* mal adaptadas, ansiedade, hostilidade, depressão, baixa autoestima, impulsividade e vulnerabilidade. Escores Baixos indicam indivíduos geralmente calmos, relaxados, estáveis e menos agitados. Porém, baixos escores não significam necessariamente que o indivíduo tenha boa saúde mental.

Tais resultados, por meio dos estudos elucidados, permitem inferir que a amostra do contexto esportivo mostrou-se mais estável quanto a intensidade do sofrimento emocional comparado a amostra de normatização. Observa-se também, uma diferença de média, corroborada pela prova de Tukey, na qual nos extremos temos o Futebol, com a média mais rebaixada entre as modalidades, e em contraponto vemos a modalidade Rugby com a média mais elevada. Tal resultado mostra-se com uma relação direta às características das modalidades, nas quais o Rugby, por ser um esporte de contato físico mais intenso, justificaria níveis emocionais menos estáveis, em função de uma propensão maior à agressividade por parte do praticante.

Uma curiosidade pertinente sobre assunto, refere-se a história clássica e mais difundida história sobre o surgimento do Rugby, que em 1823, o goleiro William Web Ellis ao se frustrar durante uma partida de futebol que estava sendo realizada na cidade de Rugby, na Inglaterra, pegou a bola com as mãos e correu em direção ao gol adversário para tentar efetuar o ponto. Os jogadores do time adversário, vendo essa ação, tentaram segurá-lo para impedir o seu progresso, surgindo o esporte conhecido como Rugby (DUARTE, 2000), o que nos permitiria entender tal atitude do goleiro como uma explosão da emoção para atingir o gol adversário, característica relacionada ao fator Neuroticismo. Por último, reforça-se que o Rugby passou historicamente a estar identificado com o ideal de masculinidade que se traduz na aptidão para o combate e exercício de violência e as características associadas, tais como a competitividade, a coragem, a força e o trabalho em equipe.

Os autores do teste também destacam que na análise dos resultados da BFP, escores baixos ou altos, não representam, necessariamente, um padrão desadaptado da personalidade, sendo necessário analisar o contexto em que a pessoa vive, quais são as suas atividades e, principalmente, se as suas características as impedem de realizar algum plano pessoal ou profissional, se geram algum prejuízo na qualidade das suas interações sociais ou se prejudicam outras pessoas. Sobretudo quando se versa a respeito do ambiente esportivo reforça-se a necessidade de especificidade as nuances deste contexto, conforme já apresentado na introdução.

Em continuidade ao estudo do fator Neuroticismo, foram realizadas comparações entre as modalidades nas facetas que compõe o referido fator, também por meio da ANOVA e Tukey (HSD). No que tange a faceta Vulnerabilidade ao sofrimento, observou-se diferenças de médias estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre a modalidade Tênis de mesa olímpico (4,28) com as modalidades Atletismo (3,3) e Futebol (3,07).

Destaca-se sobretudo que a média do Tênis de mesa olímpico foi muito mais elevada que as demais modalidades, inclusive com médias também mais elevadas que a própria modalidade de Tênis de mesa paraolímpico, que teve média de 3,71, porém esta diferença entre as duas equipes do tênis de mesa não mostrou-se estatisticamente significativa.

A fim de verificar quais séries justificaram as diferenças encontradas em cada uma dessas variáveis, utilizou-se a prova de Tukey (HSD). Os resultados dessa análise estão descritos na tabela 14.

Tabela 14. Prova de Tukey para a medida de Vulnerabilidade ao sofrimento

<i>GRUPO</i>	<i>N</i>	<i>Subconjunto para alfa = 0,05</i>	
		1	2
Futebol	42	3,07	
Atletismo	31	3,39	
Rugby olimp.	32	3,46	3,46
Tênis mesa paraolimp.	15	3,71	3,71
Rugby	21	3,86	3,86
Tênis mesa olimp.	18		4,28
<i>p</i>		0,086	0,065

Tais resultados permitem inferir que a diferença entre as modalidades na faceta Vulnerabilidade é justificada pelo agrupamento em dois subconjuntos, conforme indicado na tabela 14. Ressalta-se que os resultados dos agrupamentos nesta faceta não demonstraram diferença significativa estatisticamente.

Conforme pode ser verificado no manual de interpretação do teste (NUNES et al., 2010), a escala de vulnerabilidade ao sofrimento avalia o quão frágeis as pessoas são, emocionalmente. Indica o quanto os indivíduos vivenciam sofrimento emocional em decorrência da sua percepção de como os outros os aceitam. Relaciona-se também com dependência emocional e dificuldade para tomada de decisões em função do medo de decepcionar as pessoas.

Assim, escores muito baixos na faceta Vulnerabilidade caracterizam uma grande independência emocional em relação aos outros. Pessoas com esse perfil tendem a ser pouco preocupadas com as opiniões alheias e usualmente tomam decisões e enfrentam problemas sem levar em conta os demais, o que pode afetar a qualidade de suas relações interpessoais. Escores próximos da média indicam que a pessoa apresenta padrões comportamentais, cognitivos e emocionais comuns à maior parte da população, ou seja, tende a apresentar próximas e ter dificuldades em tomar decisões, mesmo em situações triviais do dia-a-dia, padrões mais adaptativos, usuais na nossa sociedade. Escores médios significam também maior flexibilidade, uma vez que em algumas situações a pessoa pode demonstrar certa característica mais intensamente e em outras, não.

Indivíduos que apresentam um escore muito alto neste fator tendem a apresentar baixa autoestima e relatam ter grande medo de que pessoas importantes para eles os deixem em decorrência de seus erros. Usualmente, são capazes de ter atitudes que vão contra a sua vontade, com o objetivo de agradar os outros. Relatam ser inseguros e muito dependentes das

pessoas. Ainda no que tange a esta faceta, apesar de ser observada uma diferenciação de média entre as modalidades, porém, quando se compara a média nesta faceta dos sujeitos da amostra do manual do teste com os esportistas desta pesquisa, não fica evidenciado diferenças significativas estatisticamente.

Em se tratando da faceta Instabilidade emocional, não foi observado diferenças de médias estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre as modalidades investigadas por meio da análise ANOVA. Não é observado também tal diferenciação pela prova de Tukey (HSD).

Assim, ao interpretar tais resultados desta faceta, observou-se que nas comparações entre os resultados da média da população amostral do manual do teste com a amostra total dos esportistas, verificaram-se diferenças de média estatisticamente significativas, porém, sem uma diferenciação por modalidades. Sendo consultado o manual do teste, a faceta Instabilidade emocional avalia o quanto as pessoas descrevem-se como irritáveis, nervosas, e com grandes variações de humor.

Escore muito baixos nessa faceta indicam pessoas que apresentam pouquíssimas variações de humor, que geralmente não tomam decisões de forma impulsiva e que apresentam alta tolerância a frustrações. Altos escores nesta faceta indicam tendência a agir impulsivamente quando sentem algum desconforto psicológico, tomando decisões precipitadas com relativa frequência. Pessoas com esse perfil apresentam grandes oscilações de humor sem um motivo aparente e têm dificuldade para controlar seus sentimentos negativos, além de apresentar baixa tolerância à frustração.

Desta maneira, os dados permitem inferir que a amostra do esporte nesta pesquisa demonstrou nível nesta faceta mais rebaixado, que pode ser traduzido numa maior tolerância a frustração, menor variação de humor e menor tomada de decisão impulsiva, características comumente exploradas em treinamentos esportivos, sendo esta uma possível justificativa para o rebaixamento desta faceta no grupo esportivo em relação a amostra geral de normatização. É pertinente destacar que estes são estudos iniciais e exploratório, sendo necessários outros estudos para comprovar a não diferenciação significativa estatisticamente de médias entre modalidades.

Já em relação a faceta Passividade constatou-se a maior quantidade em médias diferenciadas significativas estatisticamente ($p < 0,05$) comparada aos demais fatores e facetas da BFP. Contudo, vale resgatar que, conforme estudo 1, este fator não apresentou níveis de precisão satisfatórios, e sugere-se que as interpretações sejam consideradas com cautela. Na tabela 2 é possível consultar quais modalidades apresentaram índices de precisão satisfatório nesta faceta.

Quanto aos resultados, observou-se que a modalidade Futebol apresentou a média mais rebaixada (3,27) seguido de Atletismo (3,38) se diferenciando no outro extremo da pontuação da modalidade Rugby (4,28). A fim de verificar quais modalidades justificaram as diferenças encontradas nesta variável, utilizou-se a prova de Tukey (HSD). Os resultados dessa análise estão descritos na tabela 15.

Tabela 15. Prova de Tukey para a medida de Passividade

<i>GRUPO</i>	<i>N</i>	<i>Subconjunto para alfa = 0,05</i>	
		1	2
Futebol	42	3,27	
Atletismo	31	3,38	
Rugby olimp.	32	3,84	3,84
Tênis mesa olimp.	18	4,00	4,00
Tênis mesa paraolimp.	15	4,09	4,09
Rugby	21		4,28
<i>p</i>		0,065	0,664

Estes resultados possibilitam inferir que a diferença entre as modalidades na faceta Passividade é justificada pelo agrupamento em dois subconjuntos, conforme indicado na tabela 15. Porém, apesar de haver uma diferenciação entre as modalidades, quando se compara a amostragem do manual do teste e os dados coletados nesta pesquisa não verifica-se diferenças estatisticamente significativas.

Segundo Nunes et al. (2010) a faceta Passividade, também tratada como Falta de energia, avalia o nível de atividade das pessoas e seu empenho para resolver situações rapidamente. Tal faceta também se relaciona à velocidade de decisão. Pessoas com escores baixos nesta faceta costumam ser pró-ativas, iniciam e concluem tarefas importantes e usualmente tomam decisões agilmente. Indivíduos com esse perfil apresentam forte motivação intrínseca para realizar seus planos, sem precisar de estímulos ou auxílio externo para iniciar e levá-los adiante.

Pessoas com altos escores nesta faceta tendem a apresentar um comportamento de procrastinação, tendo grande dificuldade para iniciar tarefas, mesmo que simples. Têm também dificuldade para manter a motivação em afazeres longos ou difíceis, tendendo a abandoná-los antes de sua conclusão. Pessoas com esse perfil necessitam de estímulo externo

para conseguirem levar adiante seus planos e, com frequência, abstêm-se de tomar decisões mesmo sobre assuntos de seu interesse.

Por fim em relação as facetas do Neuroticismo, verificou-se que no subfator Depressão não foi evidenciado diferenças de médias estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre as modalidades investigadas. O mesmo observa-se em relação a faceta Depressão na comparação entre manual de normatização do teste e a amostra do contexto esportivo desta pesquisa.

Em relação a diferença de médias entre as modalidades investigadas, na faceta Depressão não foi observado diferenças de médias estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre as modalidades investigadas por meio da análise ANOVA. Não foi observado também tal diferenciação pela prova de Tukey (HSD). Portanto, sugere-se a partir destes resultados, que na faceta Depressão o comportamento do grupo amostral no esporte se manteve sem diferenciação da amostra do manual da BFP.

Complementando o conteúdo para o leitor, apesar de não serem observadas diferenças significativas entre os contextos, a faceta Depressão segundo o manual do referido teste, avalia os padrões de interpretações que os indivíduos apresentam em relação aos eventos que ocorrem ao longo de suas vidas, mais especificamente a percepção que possuem sobre as expectativas de futuro e sua capacidade para lidar com dificuldades que possam ocorrer em suas vidas.

Indivíduos que apresentam escores baixos em Depressão podem ter dificuldade para reconhecer eventos negativos e avaliar os problemas, minimizando-os. Pessoas com esse perfil tendem a ter uma expectativa muito positiva em relação ao seu futuro, acreditando em sua capacidade para lidar com as eventuais dificuldades que podem ocorrer. Em níveis extremos, tal característica pode indicar uma dificuldade para perceber quando estão diante de problemas reais, e isso pode prejudicá-los, em decorrência de uma falta de atitudes que poderiam resolver efetivamente os problemas que precisam ser enfrentados.

Pessoas com escores altos nessa faceta tendem a relatar expectativas negativas em relação ao seu futuro e indicam ter uma vida monótona e sem emoção. Além disso, tendem a sentirem-se solitários, sem objetivos claros para suas vidas, consideram-se incapazes de lidar com as dificuldades do cotidiano e, relatam uma expectativa negativa em relação ao próprio futuro, o que caracteriza desesperança.

Em um estudo realizado por Bartholomeu e colaboradores (2010) objetivou-se relacionar os traços de personalidade sugeridos pela teoria CGF com os inventários de depressão e ansiedade de Beck. Na pesquisa realizada, foram testados 29 jogadores juniores do interior de São Paulo, que iniciaram a participação em um projeto para aumentar a

motivação da equipe, os resultados do cruzamento dos dados dos testes aplicados mostraram que os jogadores com os níveis mais altos de Neuroticismo apresentaram também os escores menos elevados em ansiedade, ao contrário do que seria esperado desse traço de personalidade, que prevê em altos índices uma maior estabilidade e controle emocional.

Contudo o estudo ressalta que o número de sujeitos pesquisados foi pequeno para se estabelecer uma relação concreta entre os resultados dos traços e de outras variáveis analisadas. Os autores observam também que poucos sujeitos da pesquisa apresentaram níveis elevados de ansiedade e depressão nas escalas Beck. Vale ressaltar que um teste como as Escalas Beck tem propriedades relacionadas sobretudo à patologia do traço investigado, sejam eles sintomas de depressão, sintomas de ansiedade ou ideação suicida etc., enquanto o modelo dos Cinco Grandes Fatores, conforme a própria teoria elucida, não objetiva a análise dos fatores do ponto de vista psicopatológico.

Por fim, para melhor ilustrar as diferenças entre as médias no fator Neuroticismo e suas facetas, os dados foram apresentados na figura 2. Vale reforçar que observou-se diferenças significativas estatisticamente em Neuroticismo, Vulnerabilidade ao sofrimento e Passividade na análise ANOVA por modalidade e diferenças entre a amostra do esporte e a normatização do manual da BFP em Instabilidade emocional e também em Passividade.

Figura 2. Médias das modalidade em Neuroticismo

No artigo de Piedmont, Hill e Blanco (1999) os autores investigaram se a teoria dos Cinco Grandes Fatores poderia ser usada para prever a performance de atletas e se o modelo serviria como metodologia para a pesquisa esportiva competitiva. Aplicou-se uma escala Likert em 68 atletas mulheres de times universitários de futebol, técnicos e auxiliares das respectivas atletas foram entrevistados e responderam avaliações quantitativas sobre o desempenho das atletas durante temporada e, além disso, foram utilizados dados estatísticos da performance atlética nos jogos disputados pelos times ao longo de uma temporada completa. Os resultados cruzados desses levantamentos apontaram para uma importante correlação entre a avaliação dos técnicos e, principalmente, dois fatores do modelo, Neuroticismo e Conscienciosidade (no teste BFP denominado de Realização), indicando que estes dois fatores podem ser bons indicadores da performance das atletas: níveis baixos de Neuroticismo e altos de Conscienciosidade podem representar um perfil de atleta vencedor, capaz de atingir metas, sendo emocionalmente estável e tendo um alto senso de competência que pode o levar ao sucesso. Porém, os levantamentos trazidos não são consistentes por si só para afirmar que tais traços sejam definitivamente indicadores do desempenho de atletas de todos os esportes.

Os dados de Neuroticismo da coleta desta pesquisa se comportaram de forma que, por meio da figura 2, são observadas médias mais rebaixadas na amostra total de atletas em comparação com as médias da amostra de padronização. Apesar das magnitudes das diferenças entre as duas amostras não se mostrarem aparentemente expressivas, os dados apresentaram significância estatística quanto a maioria das variáveis, exceto Passividade e Depressão.

No entanto, Bara Filho et al. (2005) realizaram uma análise de variância para verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre uma e outra categoria de grupos não atletas e atletas de esporte coletivos das modalidades voleibol e basquetebol e modalidades individuais, sendo elas natação e judô. Foi observado que oito variáveis apresentaram diferenças significativas na análise geral, sendo os fatores Inibição, Irritabilidade, Agressividade, Fatigabilidade, Queixas Físicas, Preocupação com a Saúde, Sinceridade e Emotividade. Entretanto, outras duas variáveis apontam para diferenças entre os grupos Autorealização e Espírito Humanitário.

Por meio do *post-hoc* de Sheffé, observou-se que atletas de modalidades individuais se diferenciaram significativamente dos não-atletas em sete das variáveis, sendo elas, Inibição ($p < 0,001$), Irritabilidade ($p < 0,001$), Agressividade ($p < 0,001$), Fatigabilidade ($p < 0,001$), Queixas Físicas ($p < 0,001$), Sinceridade ($p < 0,001$) e Emotividade ($p < 0,001$). Comparando

atletas de esportes coletivos com os não atletas, foi observado os mesmos valores apresentados entre não atletas e os atletas de modalidades individuais, porém uma distinção nas variáveis Auto-realização ($p < 0,001$) e Empenho Laboral ($p < 0,05$), em que os atletas apresentando maiores valores em ambas.

Terminada a investigação do fator Neuroticismo, deu-se início a análise da Extroversão e suas facetas. Este conjunto denominado Extroversão refere-se à quantidade e à intensidade das interações interpessoais preferidas, nível de atividade, necessidade de estimulação e capacidade de alegrar-se. A seguir serão descritos os estudos referentes ao fator.

Tabela 16. Comparação entre médias (teste t de Student) em Extroversão

Fator / Amostra	Manual	Total Esporte	<i>t</i>	<i>p</i>
EXTROVERSÃO	4,34	4,46	2,067	0,040
Nível de comunicação	4,28	4,30	0,241	0,810
Altivez	3,67	3,61	-0,806	0,421
Dinamismo	4,79	4,89	1,487	0,139
Interações sociais	4,82	5,04	3,122	0,002

Conforme pode ser notado na tabela 16, o fator Extroversão e sua faceta Interações sociais apresentaram diferenças significativas estatisticamente entre as normas do manual e os resultados do contexto esportivo desta pesquisa, com exceção de Nível de comunicação, Altivez e Dinamismo, em que as diferenças não se mostraram significativas entre as amostras. Já em relação as modalidades investigadas, realizou-se um estudo por meio da análise ANOVA descrita na tabela 17.

Tabela 17. Análise de variância (ANOVA) das modalidades esportivas em Extroversão

Fator / Amostra	Atletismo	Tênis Olimp.	Tênis Paraolimp.	Futebol	Rugby	Rugby Olimp.	<i>f</i>	<i>p</i>
EXTROVERSÃO	4,57	4,18	4,39	4,60	4,30	4,46	1,261	0,284
Nível de comunicação	4,63	3,93	4,00	4,53	4,01	4,23	1,961	0,088
Altivez	3,81	3,34	3,92	3,55	3,59	3,51	0,952	0,449
Dinamismo	4,86	4,87	4,81	5,08	4,61	4,91	0,913	0,474
Interações sociais	5,00	4,58	4,84	5,27	4,98	5,18	1,894	0,098

No que diz respeito ao fator Extroversão e suas facetas, ao se comparar as modalidades diversas, não foi observado diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$). Também não foi verificado diferenciação entre as modalidades pela prova de Tukey (HSD), com nenhum agrupamento em mais de um subconjunto, no fator e suas facetas, mesmo na faceta Interações sociais, que havia apresentado diferenças de médias entre duas modalidades por meio da ANOVA. Tais resultados podem sugerir a não diferenciação expressiva e significativa estatisticamente entre as modalidades do fator Extroversão e seus subfatores por modalidades.

No entanto, ao se comparar os resultados da média da população amostral da BFP com a amostra total dos esportistas, conforme já elucidado anteriormente, foram observadas diferenças de média estatisticamente significativa, tanto no fator Extroversão, como na faceta Interações sociais. Para melhor compreender a extroversão na amostra investigada, segundo o manual do teste BFP, a interpretação do fator Extroversão está relacionado às formas como as pessoas interagem com os demais. Indica o quanto elas são comunicativas, falantes, ativas, assertivas, responsivas e gregárias. Escores altos indicam pessoas que tendem a ser sociáveis, ativas, falantes, otimistas e afetuosas, festeiras, calorosas etc. Escores baixos indicam pessoas que tendem a ser reservadas, sóbrias, indiferentes, independentes e quietas (NUNES et al., 2010).

Já em relação a interpretação da faceta Interações sociais, descreve o desejo e necessidade por interações sociais, indicando o quanto as pessoas buscam ativamente situações que permitam tais interações, como festas, atividades em grupo, entre outras. De maneira que na faceta Interações sociais os indivíduos com escores baixos geralmente apresentam tendência de preferirem por ficarem sozinhos ou em grupos pequenos e demoram mais para desenvolver novas relações sociais. Pessoas com níveis baixos de Interações Sociais tendem a apresentar uma necessidade reduzida de viver situações mais intensas, de frequentarem lugares mais ricos em termos de estímulos e possibilidades de contatos sociais.

Por sua vez, indivíduos com altos escores nessa escala tendem a ser gregários e esforçam-se para manter contato com seus conhecidos. Relatam preferir atividades em grupo e se envolvem rapidamente com as pessoas.

À partir da interpretação desta faceta, parece muito coerente os dados de média no contexto do esporte terem apresentado acima da média da amostra do manual, sobretudo por considerar-se a atividade física, independente da modalidade praticada, é reconhecida como facilitadora de atividades grupais e contato social. Ressalta-se que apesar de não serem observadas diferenças significativas entre as médias das modalidades, no que tange a faceta Interações sociais, assim como no fator Extroversão, as modalidades Tênis de mesa olímpico

e paraolímpico foram as que apresentaram médias mais rebaixadas, enquanto Atletismo e Futebol foram as modalidades com as médias mais elevadas.

Para que o leitor conheça a respeito da interpretação das demais facetas neste fator, mesmo que as diferenças não tenham sido consideradas significativas estatisticamente entre modalidades e também entre a amostra do manual da BFP e o contexto esportivo, serão descritos as informações a respeito das demais facetas, de acordo com o manual da BFP. Assim, a faceta Nível de comunicação sugere o quão comunicativas e expansivas as pessoas acreditam que são. Escores baixos em Comunicação, sugerem pessoas que preferem não se expressar em público, que podem se constranger em situações de maior exposição e que falam pouco sobre si mesmas.

Pessoas com escores altos nessa escala usualmente apresentam facilidade para falar em público, para conhecer novas pessoas e, tendem a apresentar um maior senso de intimidade, rapidamente avaliando como profundas relações relativamente recentes. Além disso, tendem a iniciar conversas com os outros, expressar suas opiniões e interesses quando estão em grupo e indicam que dificilmente sentem-se constrangidas em situações sociais (NUNES et al., 2010).

Já a faceta Altivez descreve a percepção que as pessoas têm sobre sua capacidade e valor, e nesta pesquisa o grupo do contexto esportivo apresentou média um pouco mais rebaixadas que a amostra do manual nesta faceta. Porém deve-se ressaltar que apesar de estatisticamente significativa, é possível que os dez décimos de diferença entre as médias não seriam suficiente para modificar consideravelmente do ponto de vista interpretativo.

No entanto, para melhor compreensão da faceta Altivez, informa-se que níveis baixos nesta faceta revelam tendência a ser humilde, a não se vangloriar pelos bens e capacidades pessoais, além de pouca necessidade de receber atenção dos outros. Pessoas com esse perfil podem, inclusive, ter dificuldade para reconhecer suas capacidades e atributos favoráveis, mesmo que sejam evidentes. Já indivíduos com escores altos nessa escala relatam a necessidade de receber atenção dos outros, a crença de que os demais os invejam e uma predisposição para falar excessivamente sobre si, suas qualidades e suas posses.

A próxima faceta descrita é composta por itens que indicam o quanto as pessoas tomam a iniciativa em situações variadas, quão facilmente julgam que colocam suas ideias em prática e seu nível de atividade. Segundo os autores da bateria, indivíduos com escores baixos em Dinamismo tendem a se concentrar em um pequeno número de atividades simultâneas e não precisam estar constantemente envolvidos em atividades para sentirem-se bem. Além disso, podem demorar mais para colocar suas ideias em prática e tomar iniciativa para realizar certas ações. Pessoas com altos escores nessa escala usualmente são mais dinâmicas,

envolvem-se em várias atividades simultaneamente e preferem, mesmo quando estão de folga ou de férias, manter-se ocupados com atividades variadas. Altos níveis de dinamismo também são associados a uma tendência à liderança e alto nível de assertividade.

Fica evidenciado apenas um pequeno aumento na média para a amostra no contexto do esporte na faceta Dinamismo, o que é esperado em se tratando de atletas, por considerar que o construto está diretamente relacionado à ação, nível de atividade etc. porém sem diferenças significativas estatisticamente. Na figura 3 são ilustradas graficamente as diferenças entre as médias no fator Extroversão e suas facetas.

Figura 3. Médias das modalidade em Extroversão

Maresh et al. (1991) compararam um grupo de corredores e não praticantes. Os resultados indicaram que esses atletas eram mais introvertidos, pensativos e tinham níveis inferiores de raiva em relação aos não-atletas. Alguns desses resultados contrastam com os achados de Cox (1994) e Backmand et al. (2001) que indicaram respectivamente que os atletas são mais extrovertidos ou sem diferenças entre os grupos. Outro resultado a ser apresentado foi o estudo de Dobosz e Beaty (1999) que apontaram o fato dos atletas possuírem uma maior habilidade de liderança que não-atletas, considerando sobretudo aspectos da extroversão e suas nuances na aplicação da liderança.

Corroborando com isso, o artigo de Webbe e Ochs (2007) fizeram um levantamento a fim de verificar se existia correlação entre o comportamento de cabecear dos jogadores de futebol e seus traços de personalidade, motivados pelo fato de que determinados jogadores podem desenvolver concussões em função do abuso desse procedimento. Para esse estudo, os pesquisadores fizeram uso de duas escalas, o inventário NEO-PI-R para levantamento dos traços de personalidade dos atletas e a escala AISS (*Arnett Inventory Sensation Seeking*), que objetiva medir o quanto o indivíduo busca sensações. Além das escalas, foram realizadas entrevistas sobre a história pessoal, médica e desportiva, e ainda uma avaliação subjetiva sobre o seu hábito de cabecear.

Os resultados com 60 futebolistas voluntários mostraram que o melhor preditor do comportamento de cabecear foi a altura do jogador. Tal relação se mostrou tão expressiva que a expectativa de cabecear está mais relacionada com a altura do que a altura na modalidade basquete. No artigo, os autores teorizam que isso pode ocorrer porque os jogadores de maior estatura são mais estimulados e cobrados a ter que cabecear a bola, bem como que os possíveis sucessos provenientes desse comportamento seriam fatores que o reforçam ainda mais. O estudo detectou também uma significativa correlação entre o traço de personalidade de extroversão e o comportamento de cabecear, já o inventário de busca de sensações não apresentou relação clara entre o comportamento de cabecear e a busca de sensações, apesar de os quatro jogadores com os mais altos escores no teste estivarem no grupo dos cabeceadores moderados ou de alta frequência.

Outro dado observado ainda no estudo, foi o de que jogadores com alta extroversão e alta frequência de cabeçadas poderiam assumir papéis de liderança no time e, por suas características de personalidade, poderia ser mais difícil para eles modificarem seus comportamentos e cederem diante de solicitações de seus técnicos. O artigo expõe que apesar dos dados estatisticamente significativos que foram encontrados, existe a possibilidade de que os resultados não sejam corretos, em função da imprecisão nos dados de cabeceada coletados pela estimativa dos próprios jogadores. Segundo Frascareli (2008) em pesquisas realizadas por Eysenck e seus colegas, no que se refere aos estudos da personalidade no contexto esportivo, que praticantes de esporte apresentavam maior propensão à extroversão e, em relação a atletas de auto rendimento, destacavam-se ainda uma menor propensão à neurose, ansiedade e depressão, especialmente quando comparados à não atletas.

Conforme pode ser identificado pelas pesquisas citadas, há dados que corroboram de alguma maneira com os resultados da amostra do grupo esportivo nesta pesquisa, que também apresentaram médias mais elevadas que o grupo amostral do manual do teste, que não compreende amostras de atletas. Assim como verifica-se também pesquisas que divergem destes dados de extroversão, já citadas.

Em relação ao fator Socialização, este é considerado como uma dimensão interpessoal, porém avalia o interesse do sujeito pelo bem-estar dos outros, confiança nas pessoas e adesão a regras ou normas sociais. Por meio da tabela 18 é possível observar as diferenças de média ao comparar-se o grupo de esportistas com o grupo amostral do manual do teste.

Tabela 18. Comparação entre médias (teste t de Student) em Socialização

Fator / Amostra	Manual	Total Esporte	<i>t</i>	<i>p</i>
SOCIALIZAÇÃO	5,30	5,16	-3,311	0,001
Amabilidade	5,59	5,56	-0,500	0,618
Pró-sociabilidade	5,59	5,41	-2,624	0,010
Confiança nas pessoas	4,73	4,50	-3,411	0,001

Tais resultados demonstram que apenas a faceta Amabilidade não demonstrou diferenças significativas entre as amostras de contextos diferenciados, ou seja, amostra do manual e amostra da pesquisa no contexto esportivo, enquanto o fator Socialização e suas demais facetas mostraram diferenças entre tais contextos (manual e esporte). Corroborando com os achados de Maresh et al. (1991) que ao comparar um grupo de corredores com não-praticantes, os resultados indicaram que esses atletas se mostravam mais introvertidos, pensativos e com níveis inferiores de raiva em relação aos não-atletas.

Para analisar a existência de diferenças nas médias entre modalidades, foi aplicada a análise de variância por meio da ANOVA. Os resultados são apresentados na tabela 19.

Tabela 19. Análise de variância (ANOVA) das modalidades esportivas em Socialização

Fator / Amostra	Atletismo	Tênis Olimp.	Tênis Paraolimp.	Futebol	Rugby	Rugby Olimp.	<i>f</i>	<i>p</i>
SOCIALIZAÇÃO	4,94	5,32	5,31	5,31	4,92	5,17	3,281	0,008
Amabilidade	5,30	5,63	5,91	5,80	5,43	5,39	2,950	0,014
Pró-sociabilidade	5,34	5,55	5,24	5,74	4,88	5,42	3,461	0,005
Confiança nas pessoas	4,17	4,79	4,77	4,38	4,45	4,71	2,241	0,053

Fica evidenciado em relação ao fator Socialização, que ao se comparar as modalidades diversas observou-se diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre as modalidades esportivas, por meio da análise ANOVA. Ressalta-se que apenas a faceta Confiança nas pessoas não apresentou nível de significância satisfatória, porém, muito próxima de 0,05. Em razão das possíveis diferenças entre modalidades, e para melhor compreender a interpretação dos resultados, realizou-se também a prova de Tukey HSD.

Apesar de ter sido observado diferenças de médias estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre as modalidades investigadas por meio da análise ANOVA, não fica evidenciada também tal diferenciação pela prova de Tukey (HSD), apesar do nível de significância ter ficado muito próximo de 0,05, que diferenciariam grupos. Em um extremo mais rebaixado encontram-se as modalidades Atletismo e Rugby com médias 4,94 e 4,92 respectivamente, e no outro mais elevado temos Tênis de mesa com pontuações médias neste fator acima de 5,31 e 5,32 respectivamente para paraolímpicos e olímpicos e 5,31 na modalidade Futebol. Porém, não fica evidenciado por meio da Prova de Tukey mais de um único agrupamento, apesar da diferença estatisticamente significativa entre a modalidade Atletismo, com média mais rebaixada (4,92), e Futebol (5,31).

A interpretação do fator Socialização descreve a qualidade das relações interpessoais dos indivíduos e se relaciona aos tipos de interações que uma pessoa apresenta ao longo de um contínuo, que se estende da compaixão e empatia ao antagonismo, segundo os autores do manual do teste BFP. Os autores complementam que escores altos indicam pessoas que tendem a ser generosas, bondosas, afáveis, prestativas e altruístas. Tendem a ser responsivas e empáticas e acreditam que a maioria das outras pessoas querem fazer o mesmo e irão agir da mesma forma. Enquanto escores baixos indicam pessoas que tendem a ser cínicas, não cooperativas e irritáveis, manipuladoras, vingativas.

Desta maneira, considera-se que tal fator, no contexto esportivo, pode receber uma forte influência da característica de competição, presente nos esportes, podendo levar a um rebaixamento desta socialização, mesmo que de magnitude pouco expressiva, se comparado a amostra do manual. A seguir serão tratadas das análises de cada uma das facetas do fator Socialização.

Com o intuito de analisar quais modalidades justificaram as diferenças encontradas na variável Amabilidade, foi aplicada a prova de Tukey (HSD). Os resultados podem ser apreciados na tabela 20.

Tabela 20. Prova de Tukey para a medida Amabilidade

GRUPO	N	Subconjunto para alfa = 0,05	
		1	2
Atletismo	31	5,30	
Rugby olimp.	32	5,39	5,39
Rugby	21	5,43	5,43
Tênis mesa olimp.	18	5,63	5,63
Futebol	42	5,80	5,80
Tênis mesa paraolímp.	15		5,91
<i>p</i>		0,179	0,141

Tais resultados permitem inferir que a diferença entre as modalidades na faceta Amabilidade é explicada pelo agrupamento em dois subconjuntos, conforme indicado na tabela 20. Observou-se que a modalidade Atletismo se diferenciou significativamente com média mais rebaixada (5,23) da modalidade Futebol (5,80). Com média mais elevada neste fator temos a modalidade Tênis de mesa paraolímpico (5,91). No entanto, vemos que a diferenciação entre as modalidades não apresentam nível de significância estatisticamente significativos na sugestão de agrupamento da prova de Tukey HSD.

Este fator agrupa itens que descrevem o quão atenciosas, compreensivas e empáticas as pessoas procuram ser com as demais. Além disso, indica quão agradáveis as pessoas buscam ser com os outros, observando suas opiniões, sendo educadas com elas e se importando com suas necessidades (NUNES et al., 2010).

Ainda nesta faceta, baixos escores em Amabilidade tendem a apresentar pouca disponibilidade para com os demais, sendo autocentradas e indiferentes às necessidades alheias. Demonstrem pouca preocupação em promover o bem-estar dos outros, podendo dirigir-se a elas de forma pouco cuidadosa, tratando de assuntos delicados de forma insensível, chegando a ser hostis.

Os autores do teste também informam que pessoas com altos escores em Amabilidade tendem a ser atenciosas e amáveis com as demais, demonstrando sua preocupação com as necessidades alheias. Tendem a ser proativas para resolver os problemas das pessoas, bem como expor seu apreço por elas. Apresentam uma preocupação em tratar bem as demais pessoas, perguntando como estão se esforçando para que se sintam bem.

Ressalta-se que as modalidades que apresentaram menor resultados medianos em Amabilidade, foram as modalidades Atletismo seguida das modalidades Rugby, permitindo inferir que tais equipes demonstrem menor empatia por depois colegas, incluindo seus

adversários. No entanto, vale reforçar que é necessário investigar questões relacionadas a competitividade, empatia e características presentes nos aspectos da competição no contexto esportivo, antes de serem levantadas quaisquer hipóteses mais aprofundadas.

Já no que se refere a faceta Pró-sociabilidade, mesmo sendo observado diferenças significativas estatisticamente entre as modalidades esportivas por meio da análise ANOVA, já ao se aplicar a prova de Tukey HSD não fica evidenciado tal diferenciação de maneira estatisticamente significativa entre agrupamentos de modalidades. Tais resultados podem ser observados na tabela 21.

Tabela 21. Prova de Tukey para a medida Pró-sociabilidade

<i>GRUPO</i>	<i>N</i>	<i>Subconjunto para alfa = 0,05</i>	
		1	2
Rugby	21	4,88	
Tênis mesa paraolímp.	15	5,24	5,24
Atletismo	31	5,34	5,34
Rugby olímp.	32	5,42	5,42
Tênis mesa olímp.	18	5,55	5,55
Futebol	42		5,74
<i>p</i>		0,058	0,300

Considerando os dados do subfator Pró-sociabilidade, pode-se inferir que a diferença entre as modalidades é justificada pelo agrupamento em dois subconjuntos, conforme indicado na tabela 21. Observa-se que a modalidade Rugby se agrupou com as modalidades Tênis de mesa paraolímpico e olímpico, Atletismo e Rugby olímpico, e não se agrupou com Futebol, enquanto todas as modalidades com exceção de Rugby formam o segundo agrupamento. Observou-se que a modalidade Rugby se diferenciou significativamente com média mais rebaixada (4,88) de Futebol (5,74). Contudo, ressalta-se que tais agrupamento não mostram nível de significância estatisticamente significativos.

De acordo com a interpretação presente no manual do teste, esta faceta agrupa itens que descrevem comportamentos de risco, concordância ou confronto com leis e regras sociais, moralidade, agressividade, e padrões de consumo de bebidas alcoólicas. Indivíduos com baixos escores em Pró-sociabilidade tendem a envolverem-se em situações que podem colocá-los, ou às demais pessoas, em perigo. Também apresentam pouca preocupação em seguir leis e regras sociais, podendo apresentar uma visão que minimiza, ignora ou desqualifica a sua

importância. Indivíduos com baixos resultados em Pró-sociabilidade podem ser manipuladores, agindo ativamente para que as demais pessoas façam o que eles desejam. Podem apresentar um padrão hostil de interação com os demais, tratando-os de forma desrespeitosa ou opositora (NUNES et al., 2010).

Os mesmo autores informam que as pessoas com altos escores em Pró-sociabilidade tendem a evitar situações de risco, bem como transgressões a leis ou regras sociais. Tendem a apresentar uma postura franca com os demais, evitando pressioná-los ou induzi-los a fazerem algo que não queiram. Destaca-se que a modalidade Rugby se diferenciou de maneira significativa estatisticamente no outro extremo da modalidade Futebol, sugerindo que esta modalidade pode vir a apresentar maior propensão à comportamentos de risco, confronto com leis e regras sociais, maior agressividade, relacionamento hostil com demais, em relação ao Futebol.

Em relação a última faceta de Socialização, não foi observado diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre as modalidades esportivas, por meio da análise ANOVA, apesar do nível muito próximo do aceitável. Corroborando com isso, ao se aplicar a prova de Tukey HSD na faceta Confiança nas pessoas, também não fica evidenciado tal diferenciação de maneira estatisticamente significativa entre modalidades.

Do ponto de vista interpretativo, esta faceta agrupa questões relacionadas ao quanto as pessoas confiam nos outros e acreditam que estas pessoas não as prejudicarão. Pessoas com resultados muito baixos nessa escala frequentemente expõem uma constante percepção de que as pessoas podem estar tentando prejudicá-las em variados contextos, tendem a ser muito ciumentas no que diz respeito às relações amorosas e a apresentar uma grande dificuldade em desenvolver intimidade com outros. Indivíduos com escores muito altos em Confiança podem apresentar uma postura ingênua com os demais, chegando a colocar-se em situações nas quais facilmente podem ser prejudicadas ou enganadas por pessoas mal intencionadas e manipuladoras.

Na figura 4 observam-se as diferenças entre as médias no fator Socialização e suas facetas. Reforça-se que apenas o fator Socialização e a faceta Amabilidade apresentaram níveis de precisão satisfatórios na amostra esportiva.

Figura 4. Médias das modalidades em Socialização

Em seu estudo Tiano (2007) utiliza de uma revisão teórica sobre a prática esportiva na juventude e sua influência no decorrer da infância e adolescência. Destaca a importância da prática esportiva, de maneira especial em esportes coletivos, como futebol, na formação da personalidade dos atletas, entendendo que esta promove a construção saudável da personalidade quando iniciada nas primeiras fases da vida. A pesquisa aponta também que mesmo com o crescimento dos estudos sobre a prática de esportes na infância e adolescência, ainda existem poucos dados empíricos para o embasamento da hipótese de que o esporte de fato ajude no desenvolvimento da personalidade.

Além disto, o autor aborda as motivações para se praticar esportes coletivos nessa faixa etária, com estudos apontando a influência social como a principal delas, já que propicia a criação de novos relacionamentos e, secundariamente, a validação social. Este estudo corrobora com os dados da equipe de Futebol base, considerando que suas médias mostram-se mais elevadas em socialização nesta pesquisa, e estando estes jovens em um programa de treinamento para o esporte profissional, considera-se que sejam motivados aos aspectos reguladores dos traços de socialização, sobretudo porque estes jovens de clubes de base representam uma amostra já “triada”, composta por adolescentes e jovens já acima da média do ponto de vista da prática daquela atividade física.

Em se tratando do fator Realização, este representa o grau de organização, persistência, controle e motivação para alcançar objetivos, avaliando especificamente o senso de competência pessoal, a ponderação e o comprometimento na busca de objetivos. Conforme pode ser observado na tabela 22, o fator e suas facetas não apresentaram diferenças significativas estatisticamente entre as normas do manual e os resultados do contexto esportivo desta pesquisa.

Tabela 22. Comparação entre médias (teste t de Student) em Realização

Fator / Amostra	Manual	Total Esporte	<i>t</i>	<i>p</i>
REALIZAÇÃO	4,96	5,03	1,254	0,212
Competência	5,17	5,24	1,215	0,226
Ponderação	4,92	5,01	1,119	0,265
Empenho	4,78	4,82	0,634	0,257

Considerando-se a não diferenciação entre os dados de normatização do teste e a coleta feita na amostra total de esportistas, apesar de ser observado que a amostra de atletas apresentou médias mais elevadas no fator e suas facetas, buscou-se investigar se as médias das pontuações diferiam entre as modalidades, e para tal análise utilizou-se a prova ANOVA com nível de significância de 0,05. Os resultados dessa análise encontram-se na tabela 23.

Tabela 23. Análise de variância (ANOVA) das modalidades esportivas em Realização

Fator / Amostra	Atletismo	Tênis Olimp.	Tênis Paraolimp.	Futebol	Rugby	Rugby Olimp.	<i>f</i>	<i>p</i>
REALIZAÇÃO	5,03	5,04	5,13	5,29	4,75	4,80	3,048	0,012
Competência	5,27	5,09	5,33	5,64	4,90	4,97	4,627	0,001
Ponderação	5,06	4,82	4,98	5,22	4,79	4,97	0,673	0,645
Empenho	4,77	5,21	5,09	5,00	4,56	4,46	3,331	0,007

Observou-se, por meio da tabela 23, diferenças de média estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre as modalidades no fator Realização, assim como nas facetas Competência e Empenho. Já na faceta Ponderação, não fica evidenciado diferenças significativas entre as equipes. A fim de verificar quais modalidades justificaram as diferenças encontradas em cada uma dessas variáveis, utilizou-se a prova de Tukey (HSD).

Mesmo sendo observada as diferenças de médias estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre as modalidades investigadas por meio da análise ANOVA, não é observado agrupamentos de modalidades pela prova de Tukey (HSD). Observa-se que as modalidades Rugby e Rugby olímpico com médias (4,75 e 4,80 respectivamente) de um lado mais rebaixado, e no outro extremo mais elevado a modalidade futebol com pontuações médias neste fator de 5,29.

Porém, não fica evidenciado mais de um único agrupamento das modalidades no fator Realização. Ressalta-se que apenas o fator apresentou níveis de precisão satisfatórios por meio da análise de alfa de Cronbach, conforme já descrito no estudo 1. As facetas que compõe este fator não apresentaram coeficientes de alfa de Cronbach dentro dos níveis esperados para confiabilidade nos dados da amostra esportiva.

À respeito da interpretação do fator Realização, segundo os autores da BFP, este descreve características como o grau de organização, persistência, controle e motivação que tipicamente as pessoas apresentam. Assim sendo, escores altos sugerem sujeitos que tendem a ser organizados, confiáveis, trabalhadores, decididos, pontuais, escrupulosos, ambiciosos e perseverantes. Em oposição, os escores baixos indicam pessoas que não tendem a ter objetivos claros, apresentam a tendência a ter pouco comprometimento e responsabilidade diante de tarefas, podendo serem consideradas como preguiçosas, descuidadas, negligentes e hedonistas.

Com o intuito de analisar quais modalidades justificaram as diferenças encontradas na faceta Competência, foi aplicada a prova de Tukey (HSD). Tais resultados podem ser observados na tabela 24.

Tabela 24. Prova de Tukey para a medida Competência

<i>GRUPO</i>	<i>N</i>	<i>Subconjunto para alfa = 0,05</i>	
		1	2
Rugby	21	4,90	
Rugby olimp.	32	4,97	
Tênis de mesa olímpic.	18	5,09	5,09
Atletismo	31	5,27	5,27
Tênis de mesa paraolímpic.	15	5,34	5,34
Futebol	42		5,64
<i>p</i>		0,307	0,110

Assim como no fator Realização, nesta faceta Competência observa-se que as modalidades Rugby e Rugby olímpico continuam demonstrando as médias mais rebaixadas num extremo (4,90 e 4,97 respectivamente), e no outro extremo mais elevado a modalidade futebol com pontuações médias neste fator de 5,64. Destaca-se que as modalidades relacionadas ao Rugby formaram um agrupamento com as demais modalidades, com exceção de Futebol, assim como a equipe de Futebol se agrupou com as demais exceto quanto ao Rugby. No entanto, os dois agrupamentos diferenciados pela prova de Tukey HSD não demonstraram que tais diferenças sejam estatisticamente significativas entre as modalidades dentro dos agrupamentos.

A faceta Competência sugere o quão ativamente o sujeito busca atingir seus objetivos, bem como a predisposição para fazer sacrifícios pessoais para atingir seus objetivos. Também envolve a percepção que as pessoas apresentam sobre si no que se refere a sua capacidade para realizar ações consideradas difíceis e importantes.

Escore baixos nesta faceta recomendam sujeitos com pouca disposição para atingir objetivos e remete-se a pessoas que facilmente desistem frente a obstáculos ou necessidade de fazer sacrifícios. Escores baixos também tendem a estar presentes em pessoas com uma percepção desfavorável sobre sua capacidade, que evitam atividades complexas e desafiantes e, que não possuem objetivos bem definidos. Por fim escores altos relaciona-se a pessoas que tendem a acreditar no seu potencial para realizar várias tarefas ao mesmo tempo, a disposição para atividades complexas e desafiadoras e a possuir clareza sobre seus objetivos de vida.

A prova de Tukey (HSD) também foi aplicada na faceta Ponderação, porém, assim como não foram observadas diferenças de médias estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre as modalidades investigadas por meio da análise ANOVA, também não foi observado diferenciação de média entre as modalidades pela prova de Tukey (HSD). Assim como ao se comparar nesta faceta o resultado médio do grupo amostral no contexto do esporte com a média da amostra do manual da BFP, também não foi observada diferença estatisticamente significativa entre estes dois grupos de coleta.

A escala de Ponderação relaciona-se a situações que envolvem o cuidado com a maneira de expressar as próprias opiniões ou defender interesses, assim como a avaliação das consequências de suas ações. Indivíduos com escores rebaixados nessa faceta tendem a falar sem pensar antes, a agir antes de fazer algum planejamento e a serem impulsivas. Os autores do teste fazem uma ressalva, de que a impulsividade tratada na BFP não se relaciona necessariamente a baixa tolerância à frustração ou uma reação emocional negativa intensificada, mas relacionado à falta de planejamento e organização de maneira geral. Então,

em contraponto, pessoas com escores altos tendem a ser mais ponderadas quanto ao que dizem e fazem, tentando controlar sua impulsividade ao resolver problemas.

No que tange a terceira e última faceta de Realização, apesar de serem observadas diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre as modalidades esportivas, por meio da análise ANOVA para esta faceta chamada Empenho, ao se aplicar a prova de Tukey HSD, não fica evidenciado tal diferenciação de maneira estatisticamente significativa entre o agrupamento de modalidades. Tais resultados podem ser observados na tabela 25.

Tabela 25. Prova de Tukey para a medida Empenho

<i>GRUPO</i>	<i>N</i>	<i>Subconjunto para alfa = 0,05</i>	
		1	2
Rugby olimp.	32	4,46	
Rugby	21	4,57	4,57
Atletismo	31	4,77	4,77
Futebol	42	5,00	5,00
Tênis de mesa paraolímp.	15	5,09	5,09
Tênis de mesa olimp.	18		5,21
<i>p</i>		0,093	0,072

Apesar de ser observado a divisão em dois subagrupamentos entre as modalidades na faceta Empenho, a diferenciação entre as equipes não apresentam nível de significância estatisticamente significativa na sugestão de agrupamento da prova de Tukey HSD. Nota-se que a modalidade Rugby olímpico se diferenciou significativamente com média mais rebaixada (4,46) apenas da modalidade Tênis de mesa olímpico, com média de 5,91 no outro extremo.

Os itens de Empenho descrevem o quão detalhistas são as pessoas na realização de trabalhos e seu nível de exigência pessoal com a qualidade das tarefas realizadas. Desta forma, escores baixos tendem a ser verificados em pessoas são pouco comprometidas com tarefas e compromissos e que usualmente são descuidadas com a forma de realização e conclusão de tarefas. Pessoas que apresentem níveis baixos de Empenho podem vir a colocar pouca energia nas atividades em que se envolvem, podendo fazê-las com qualidade insuficiente ou prejudicada.

Já altos escores tendem a indicar elevada dedicação às suas atividades profissionais e acadêmicas, gostam de obter reconhecimento por seu esforço e usualmente são perfeccionistas. Assim descrevem uma disposição ao planejamento mais detalhado para a

realização de alguma atividade, além da necessidade de realizar revisões cuidadosas dos trabalhos (NUNES et al., 2010).

Na figura 5 observam-se as diferenças entre as médias no fator Realização e suas facetas. Porém, em relação a amostra do manual e os dados do esporte não foram evidenciadas diferenças estatisticamente significativas entre o fator e todas as suas facetas. Já na análise de comparação entre modalidades, apenas o subfator Ponderação não demonstrou diferença significativa estatisticamente.

Figura 5. Médias das modalidade em Realização

A este respeito, em uma pesquisa realizada por Laurin (2009) foram selecionados 81 alunos de futebol de quatro escolas pertencentes a clubes da primeira divisão francesa de futebol. Eles foram testados para verificar a sua adaptação às propostas de trabalho dessas escolas de futebol, por meio de de uma bateria de testes composta pelo NEO-PI-R na versão francesa, uma outra escala da adaptação ao sucesso no futebol, na escola e na vivencia no alojamento, além de uma terceira escala que avaliava essas mesmas três dimensões, porém sob o ponto de vista de professores, treinadores e supervisores, sem a participação dos alunos.

Os resultados mostraram uma relação positiva entre Realização e as três áreas avaliadas. Contudo, a Realização não teve uma relação mais relevante com o âmbito da

performance nos treinos, o que, de acordo com citação, vai ao encontro do esperado de que não haja uma relação direta, mas sim indireta, que pode beneficiar o atleta no longo prazo. Foi também encontrada uma relação positiva entre a Abertura para o novo com as áreas acadêmica e de convivência nos alojamentos, embora essas relação não seja de fato muito forte. Foi evidenciada também uma relação negativa entre Neuroticismo e as três áreas exploradas e uma ligação entre o fator de Extroversão e a adaptação às demandas em se viver no alojamento.

E por último, dando início aos estudos em relação ao fator Abertura para novas experiências, segundo o manual do teste refere-se aos comportamentos exploratórios e de reconhecimento da importância de ter novas experiências, sendo que esse fator avalia interesse por novas ideias, liberalismo e busca por novidades. Na tabela 26 é possível observar as diferenças de média neste fator e suas respectivas facetas, ao comparar-se o grupo amostral do manual do teste com o grupo de esportistas.

Tabela 26. Comparação entre médias (teste t de Student) em Abertura

Fator / Amostra	Manual	Total Esporte (159)	<i>t</i>	<i>p</i>
ABERTURA	4,68	4,20	-11,835	<0,001
Abertura a ideias	4,58	4,05	-8,033	<0,001
Liberalismo	4,84	4,22	-10,348	<0,001
Busca por novidades	4,61	4,33	-4,376	<0,001

Conforme pode ser observado, tal fator e suas facetas mostraram-se com diferenças estatisticamente significativas em todas as variáveis, sugerindo que a amostra do esporte apresentou resultados mais rebaixados quando a abertura à experiências. Contudo, reforça-se que este fator e suas facetas foram os que apresentaram confiabilidade mais rebaixada entre as variáveis investigadas pelo teste BFP, de forma que apesar de serem apresentadas a seguir as comparações diversas entre as modalidades, deve-se analisar os dados com cautela, em razão dos níveis insatisfatórios pelo coeficiente de precisão de alfa de Cronbach, proposto no primeiro estudo desta pesquisa.

Em razão das variáveis do fator Abertura apresentarem diferenças significativas estatisticamente entre a padronização do manual do teste e a média do grupo do contexto do esporte, objetivou-se verificar também se as médias das pontuações diferiam entre as modalidades e para isso aplicou-se a prova ANOVA com nível de significância de 0,05. Os resultados dessa análise encontram-se na tabela 27.

Tabela 27. Análise de variância (ANOVA) das modalidades esportivas em Abertura

Fator / Amostra	Atletismo	Tênis Olimp.	Tênis Paraolimp.	Futebol	Rugby	Rugby Olimp.	<i>f</i>	<i>p</i>
ABERTURA	4,22	3,97	4,35	4,14	4,38	4,19	1,650	0,150
Abertura a ideias	4,21	3,87	4,32	4,06	4,01	3,86	1,033	0,400
Liberalismo	4,09	4,17	4,57	4,13	4,44	4,19	1,333	0,253
Busca novidades	4,35	3,87	4,16	4,23	4,69	4,52	2,692	0,023

Por meio da tabela 27 evidencia-se que ao se comparar as modalidades observou-se diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre os grupos, por meio da análise ANOVA e também pela Prova de Tukey, apenas na faceta Busca por novidades. O fator Abertura e suas facetas serão descritos a seguir, do ponto de vista interpretativo, para que o leitor possa melhor compreender os resultados nas tabelas apresentadas.

Conforme indicação do manual do teste, o fator Abertura refere-se aos comportamentos exploratórios e ao reconhecimento da importância de ter novas experiências. Desta maneira, os escores altos são indicativos de sujeitos que tendem a ser curiosos, imaginativos, criativos, divertem-se com novas ideias e possuem valores não convencionais. Já escores baixos indicam pessoas que tendem a ser convencionais, dogmáticas e rígidas nas suas crenças e atitudes, conservadoras nas suas preferências e menos responsivas.

No que se refere a faceta Abertura a ideias, esta relaciona-se com a abertura para novos conceitos ou ideias, que podem abranger interesse por assuntos filosóficos, relacionados à arte, fotografia, estilos musicais e diferentes expressões culturais. O subfator refere-se ao padrão de uso da imaginação e da fantasia, no qual baixos escores sugerem pessoas pouco curiosas para conhecer novos temas, mais conservadoras e fiéis a seus gostos artísticos e tendência a postura rígida quanto a conceitos. Indivíduos com níveis altos de Abertura a ideias tendem a gostar de participar de atividades que exijam imaginação ou fantasia, interesse por ideias abstratas, discussões filosóficas, arte, têm curiosidade sobre novas tendências musicais e por áreas afins.

De acordo com os autores da BFP, o fator Liberalismo descreve a maneira como as pessoas lidam com mais variados valores morais e sociais, considerando a noção que estes podem ser relativizados, que podem mudar ao longo do tempo e ser diferentes em variadas culturas, regiões, países. Assim, escores baixos advertem para sujeitos que não costumam

relativizar valores e conceitos sociais, se mostrando de forma mais dogmática, comumente defendendo a ideia de que os valores seguidos não devem ser mudados. Já escores altos podem relacionar-se a um entendimento de que muitos valores sociais, éticos e legais podem ser relativizados. Indivíduos com níveis mais altos podem indicar uma compreensão de que não existem verdades absolutas ou valores inquestionáveis.

Por fim, em relação as facetas do fator Abertura, como esta foi a única variável deste fator que apresentou diferenças de médias entre as modalidades esportivas, verificou-se no subfator Busca por novidades o agrupamento em 2 subconjuntos por meio da prova de *pos roc* (Tukey). Estes resultados podem ser analisados na tabela 28.

Tabela 28. Prova de Tukey para a medida Busca por novidades

GRUPO	N	Subconjunto para $\alpha = 0,05$	
		1	2
Tênis mesa olímp.	18	3,87	
Tênis mesa paraolímp.	15	4,16	4,16
Futebol	42	4,23	4,23
Atletismo	31	4,36	4,36
Rugby olímp.	32	4,52	4,52
Rugby	21		4,69
<i>p</i>		0,067	0,207

Apesar de ser constatado o agrupamento de modalidades, as diferenças entre os grupos não se mostraram estatisticamente significativas. Reforça-se que também foi evidenciado diferenças de médias estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre as modalidades investigadas por meio da ANOVA, mesmo que ainda não seja possível agrupar modalidades conforme resultado nesta pesquisa.

Esta faceta indica o quanto as pessoas gostam e buscam vivenciar novos eventos e ações, bem como a forma como lidam com a rotina. Pessoas com níveis mais rebaixados nessa faceta podem vir a sentir-se mais desconfortáveis com a mudança de rotina, podendo demonstrar pouco interesse para fazer coisas novas, de ir para lugares novos e de se colocarem em situações diversas às que vivem usualmente. Por fim, altos níveis nesta faceta indicam sujeitos que buscam ativamente novidades, que tendem a não gostar de rotinas, e de estar em contextos variados, sugerindo pouca motivação para realização de tarefas repetitivas, facilmente entediadas quando não podem vivenciar novos acontecimentos.

Na figura 6 são ilustradas graficamente as diferenças entre as médias no fator Abertura e suas facetas. Vale ressaltar que apenas a faceta Busca por novidades apresentou diferença significativa estatisticamente por meio da análise ANOVA ($F > 2,0$; $p < 0,05$) na comparação entre modalidades. Contudo, na comparação entre a amostra de padronização do manual da BFP e a coleta no contexto esportivo, o fator e suas facetas demonstraram diferenças estatisticamente significativas.

Figura 6. Média das modalidades em Abertura

Por fim, destaca-se que os dados de precisão do instrumento em Abertura se mostraram abaixo de 0,7 no fator e suas facetas, considerado mínimo satisfatoriamente para indicar confiança nos resultados apresentados pelos sujeitos. Resultados rebaixados de precisão podem indicar um certo acaso nas respostas dadas pelos participantes, sugerindo necessidade de mais estudos de tais fatores objetivando analisar a adequação dos itens à teoria subjacente ou mesmo em relação a nível de entendimento e pertinência nos referidos contextos específicos, como no caso do esporte.

Em conclusão, e à partir dos diferentes estudos sobre os traços de personalidade de atletas segundo a teoria dos Cinco Grandes Fatores, é possível considerar muito baixo o número de pesquisas realizadas neste sentido em todo o mundo e em especial no Brasil, dada a importância e preferência do esporte entre as massas. Embora existam poucos trabalhos

sobre características de personalidade de atletas, e diversas pesquisas sobre as múltiplas aplicações da teoria dos CGF em diferentes contextos, a falta de artigos que unam os dois aspectos demonstra que a abordagem dos traços ainda não é utilizada como ferramenta para mapear e, possivelmente, antecipar facilidades, dificuldades e comportamentos em geral nos atletas. Reforça-se sobretudo a necessidade de estudos preditivos do comportamento do atleta investigados por escalas e testes de personalidade.

Entre os poucos artigos a este respeito, Backmand et al. (2001) procurou comparar atletas de não praticantes, separando os atletas por grupo. Para os autores, os atletas diferenciam-se dos não atletas, mas as qualidades psicológicas são comuns a determinados grupos de atletas e não aos atletas como um todo, de maneira que tais achados corroboram com os dados deste trabalho.

Esta pesquisa também vai de encontro com outros estudos já destacados, entre eles, Butt (1987), Maresh et al. (1991), Cox (1994), Weinberg e Gold (1995), Dobosz e Beaty (1999), Saint-Phard et al. (1999), Bara Filho et al. (2005) entre outros, já realizados no contexto do esporte, mais especificamente do atleta competitivo. Tais estudos, assim como esta pesquisa, nos possibilitam inferir que determinadas características de personalidade se diferenciam quanto ao grupo de esportistas em relação a populações de fora deste contexto.

No estudo realizado por Bara Filho et al. (2005) foram investigadas a comparação das características da personalidade entre atletas de alto desempenho e não atletas por meio da estatística descritiva (médias e desvio-padrão) e teste *t* de *Student* para verificar a diferença entre as médias dos grupos. E Para a comparação de diferentes subgrupos de atletas e não atletas, utilizou-se também de uma análise de variância (ANOVA) *one-way* com *post-hoc* de *Sheffé* para analisar as diferenças entre as médias dos resultados das características de personalidade investigadas pelo instrumento. A amostra de atletas diferenciou-se de maneira significativa ($p < 0,05$) em oito das 12 variáveis do instrumento FPI, das quais, Inibição, Irritabilidade, Agressividade, Fatigabilidade, Queixas Físicas, Sinceridade e Emotividade e mais baixas somente na variável Preocupação com a Saúde.

Os dados deste artigo citado caracterizaram os atletas em relação aos não esportistas como mais retraídos nas relações pessoais, menos espontâneos, com menor autocontrole, apresentando maior disposição para o comportamento agressivo e nível de estresse mais frequente, com mais queixas físicas, mais despreocupados com normas de condutas sociais, com maiores alterações de humor e ansiedade e menos preocupados com a saúde. Em primeiro plano, os dados evidenciam uma série de diferenças existentes entre a amostra esportiva do grupo de não atletas, indicando a existência de características psicológicas

especiais para atletas de alto rendimento, o que exigiria dos testes psicológicos, uma maior atenção também com grupos amostrais esportivos.

Entretanto, pesquisas como a de Vealey (1992), Auweele et al. (1993), Guillén e Castro (1994) e Morris (2000) apresentaram resultados contraditórios ao desta pesquisa, de forma que se alertava para a não existência de um perfil de personalidade do atleta, por considerar não existirem diferenças significativas entre os esportistas e outras amostragem. Outro argumento é de que haveriam outras variáveis que também estariam atuando sobre o resultado do atleta, seja o tipo de atividade exigida pela modalidade, seja em função da idade média de equipe, que pode variar bruscamente dependendo do tipo de esporte, entre outras variáveis.

Mais recentemente, Fortes e Conrado (2012) realizaram uma pesquisa de revisão sistemática em busca de artigos e pesquisas publicadas com atletas de futebol em revistas científicas nacionais e internacionais. Entre os poucos artigos encontrados fica evidenciado existirem relações significativas entre determinados traços de personalidade e o desempenho esportivo, corroborando com a maior parte da bibliografia consultada referente a predição de que a abordagem dos Cinco Grandes Fatores oferece diversas possibilidades para o estudo da personalidade e para a sua aplicação dentro da pesquisa em Psicologia do Esporte. Segundo o mesmo artigo porém, uma parte das publicações comenta a inexistência de uma base de dados suficientemente grande para a afirmação de que há uma relação geral e aplicável em outros contextos, deixando em aberto a necessidade pesquisas de longo prazo e com um número mais elevado de participantes e instrumentos.

Ainda no que se refere as análises à respeito das publicações de artigos científicos que investigaram os cinco grandes fatores no contexto do futebol, fica reforçada a existência de diferenças que precisam ser consideradas. Em relação ao fator Neuroticismo, três dos cinco artigos analisados apresentam dados indicando benefícios em graus baixos desse traço no desempenho e na facilidade em atuar sob pressão. Porém, em um dos artigos os dados indicaram o contrário, sugerindo que o Neuroticismo em grau elevado significaria menores níveis de ansiedade e depressão. No que tange a Extroversão um dos cinco artigos apresenta este fator correlacionado com o hábito específico de cabecear no futebol, artigo também já apresentado anteriormente neste manuscrito. Em Realização dois dos cinco artigos encontraram dados que sugerem que os atletas apresentam melhor desempenho quando possuem grau elevado desse fator. No fator Abertura para o novo um dos cinco artigos cita a Abertura para o Novo como um fator positivo na convivência em grupo em alojamentos, não

diretamente ligado ao esporte. E por fim em relação a Socialização, não foram verificadas diferenças citadas em nenhum dos artigos (FORTES; CONRADO, 2012).

Assim compreende-se que um número muito baixo de artigos trata particularmente dos traços de personalidade que poderiam relacionar-se à fatores preditores de características específicas de modalidades esportivas. Isso permite considerar que possivelmente esta seja uma área do conhecimento pouco explorada ou não devidamente valorizada nos âmbitos investigados por esta pesquisa.

A insuficiência de artigos brasileiros nesta área se mostra pouco coeso, considerando que o Brasil é tratado como um país onde o futebol é um esporte muito popular, e que nos próximos anos teremos os dois próximos maiores eventos esportivos mundiais, a Copa do Mundo e as Olimpíadas. No entanto, é sabido que grande parte da produção científica é construída a partir de recursos públicos e não têm como prioridade estudos dessa natureza, quando deveria ter.

Uma incoerência atenuante, refere-se ao desinteresse científico do setor público no investimento nesse tipo de pesquisa, e mais ainda por parte do setor privado, representado sobretudo pelos clubes de futebol. Tais instituições deveriam encontrar em pesquisas como esta uma grande fonte de informação com cientificidade, de maneira que poderiam ser beneficiados ao invés de basearem suas decisões em dados não empíricos. É de conhecimento geral que muitos clubes de futebol profissional não contam com profissionais de Psicologia em seus quadros funcionais, não desfrutando assim dos conhecimentos dessa ciência e de suas especificidades.

A partir dos estudos apresentados, observa-se que existem diferenças entre a amostra no contexto esportivo e as médias da amostra de normatização do teste BFP. No entanto, determinados fatores e facetas não se apresentaram de maneira a diferenciar tais grupos, ou mesmo diferenças entre as modalidades.

Considerando a diversidade de variáveis estudadas e, principalmente, pela dificuldade de coletar testes com atletas, cuidados metodológicos e a validade externa das pesquisas devem ser consideradas na análise dos resultados e nas conclusões apresentadas. Enfatiza-se que este estudo sugere não existir um grupo único de atletas que determinariam um perfil de personalidade comum deste contexto, mas características comuns em alguns casos, e distintas em outros, tanto para os diferentes fatores e subfatores de personalidade quanto em relação às diversidades de modalidades esportivas, fazendo-se necessário que os resultados deste estudo sejam delimitados e considerados dentro de suas evidências passíveis de generalizações.

Nos casos em que não foram observadas diferenças de médias entre os contextos, porém entre modalidades, sugere-se que sejam ampliadas estas amostras de modalidades para que os estudos possam ser replicados, e com um número maior de contingente por modalidade, seja verificada a necessidade de tabelas específicas, ou mesmo por agrupamentos de modalidades, se empiricamente evidenciado tal necessidade.

Esclarece-se também que das 22 variáveis de personalidade investigadas pelo teste BFP, apenas 8 delas apresentaram níveis de fidedignidade satisfatórios por meio da análise do alfa de Cronbach. Sugere-se a necessidade de mais estudos com o referido instrumento para que se possam fazer inferências com maior confiabilidade em amostras de atletas, quanto ao uso de testes não específicos ao contexto esportivo na prática de psicólogos do esporte.

4.3. ESTUDO 3 - Descrição de traços de personalidade em diferentes modalidades esportivas

As informações a seguir objetivam descrever de maneira interpretativa traços de personalidade dos atletas. Diferentemente dos estudos psicométricos que foram separados por fatores e suas facetas à partir do teste BFP, a seguir as interpretações foram abordadas por modalidade. Reforça-se a necessidade de mais estudos que corroborem com estes achados no contexto esportivo, e sugere-se que os resultados aqui discriminados, assim como em qualquer processo avaliativo, sejam tratados com cautela e sua compreensão entendida dentro do contexto em que o sujeito se insere, seja ele social, cultural, esportivo etc.

Este estudo contou com a colaboração espontânea de 376 atletas de diferentes modalidades, sendo 95,2% do sexo masculino e 4,8% feminino. A escolaridade variou de ensino fundamental incompleto a pós-graduação, com maior representatividade no ensino médio incompleto com 54,8% dos participantes, seguido de 17,8% de sujeitos com ensino médio completo e 10,1% no ensino superior.

As idades dos participantes variaram de 13 a 44 anos, com média de 17,9 anos, mediana 17 anos, moda 15 anos e desvio padrão de 5,5 anos. Quanto a distribuição dos participantes nas modalidades investigadas, poderá ser melhor analisado na tabela 29.

Tabela 29. Estatística descritiva das modalidades esportivas

Modalidade	Qtde	%	Sexo (%)		Média	Idade		
			Masc	Fem		DP	Min.	Máx.
M1. Atletismo	31	8,2	87,1	12,9	20,23	6,64	15	44
M2. Tênis de mesa olímpico	18	4,2	61,1	38,9	19,33	4,58	13	30
M3. Tênis de mesa paraolímpico	15	4,0	73,3	26,7	27,87	10,47	15	43
M4. Futebol	42	11,2	100	0	24,71	6,23	17	36
M5. Rugby	21	5,6	85,7	14,3	22,1	4,74	18	35
M6. Rugby olímpico	32	8,5	100	0	17	0,88	15	18
M7. Futebol Base 2	81	21,5	100	0	16,53	1,37	15	20
M8. Futebol Base 1	136	36,2	100	0	14,21	0,70	13	15
Amostra Geral	376	100	95,2	4,8	17,87	5,54	13	44

Entre os dados, foram verificadas colaborações de atletas das modalidades Atletismo, Futebol, Futebol base, Rugby, Rugby olímpico, Tênis de mesa olímpico e Tênis de mesa paraolímpico. Ressalta-se que a amostragem mais representativa, denominada Futebol base

foi novamente incorporada as análise, formada por jovens que atuam em programas de categoria de base de dois grandes clubes profissionais de São Paulo em centros de formação de atletas, com idades entre 13 e 20 anos, divididos nesta pesquisa em dois agrupamentos, priorizando os novatos em um agrupamento denominado Futebol base 2, e um outro Futebol base 1 com atletas de base com idade média mais avançada em relação ao primeiro grupo.

Serão descritos os dados considerando a amostra total do esporte e por modalidades. Na tabela 30 é possível observar os percentis segundo a interpretação pela tabela de normas gerais do teste BFP, contidas no manual do instrumento.

Tabela 30. Percentis médios de acordo com a tabela geral do manual da BFP

Fator / Amostra	BFP esporte	Atletismo	Tênis olimp.	Tênis paraolimp.	Rugby	Rugby olimp.	Futebol	Futebol base 1	Futebol base 2
Sujeitos (N)	376	31	18	15	21	32	42	81	136
NEUROTICISMO	50	50	60	60	65	55	40	45	45
Vulnerabilidade	50	50	70	55	60	50	40	45	50
Instabilidade	40	45	50	45	50	50	35	45	35
Passividade	50	50	65	65	70	60	50	50	45
Depressão	55	60	60	70	70	60	55	55	55
EXTROVERSÃO	50	60	45	50	50	55	60	50	50
Nível comunicação	50	60	40	40	40	50	55	40	50
Altivez	50	55	40	60	50	50	50	45	45
Dinamismo	50	50	50	50	45	50	60	55	50
Interações sociais	55	55	40	50	55	60	60	55	55
SOCIALIZAÇÃO	40	30	50	50	30	40	50	50	40
Amabilidade	40	35	50	60	35	35	55	45	35
Pró-sociabilidade	45	35	45	35	25	40	50	50	50
Confiança nas pessoas	40	30	50	50	40	50	35	50	40
REALIZAÇÃO	50	50	50	55	40	40	60	50	55
Competência	50	50	45	50	35	40	65	50	50
Ponderação	50	50	50	50	45	50	55	55	50
Empenho	50	45	60	55	40	35	55	45	55
ABERTURA	20	30	15	35	35	25	25	15	20
Abertura a ideias	40	40	25	45	30	25	35	30	40
Liberalismo	20	25	30	40	40	30	25	20	20
Busca por novidades	35	40	25	35	50	45	35	25	25

Quanto às interpretações dos perfis médios de personalidade, seja na amostra total de atletas ou nas investigações por modalidades, foram tratadas somente quanto aos traços de personalidade que apresentaram diferenças qualitativas em relação ao percentil médio da

população de normatização do teste BFP. Tal medida foi adotada para que as interpretações não ficassem repetidas nas descrições das modalidades, o que poderia causar fadiga na leitura dos dados deste estudo.

4.3.1. Interpretações do perfil médio de personalidade do atleta

Figura 7. Amostra total de atletas (376 sujeitos)

Na maior parte das escalas investigadas e suas facetas, a amostra de atletas apresentou escores médios, mais especificamente acima de percentis 30 e abaixo de 70, com exceção do fator Abertura, em que tanto o escore desta escala e a faceta Liberalismo apresentaram escores abaixo da média (percentis de 20), que caracterizariam escores considerados “baixos” neste fator. Já as facetas Abertura a ideias e Busca por novidades, apresentaram percentis um pouco mais elevados, porém muito próximos da margem mais rebaixada da média, ou seja, respectivamente as facetas apresentaram percentis 40 e 35.

Abertura para novas experiências, segundo o manual do teste, está relacionado aos comportamentos exploratórios e de reconhecimento da importância de ter novas experiências, sendo que esse fator avalia interesse por novas ideias, liberalismo e busca por novidades, de forma que o grupo de atletas em comparação a população normativa, apresentou escore considerado rebaixado neste fator, indicando maior rigidez em sua forma de encarar as novas

experiências, novos conceitos ou ideias, indicando baixo padrão do uso da imaginação e da fantasia.

Escore rebaixados em Abertura a ideias, sugere pessoas que são pouco curiosas para conhecer novos temas, são mais conservadoras e fiéis a seus gostos, de maneira a apresentarem postura rígida quanto a conceitos e regras. Em mesmo sentido de escore rebaixado, a faceta Liberalismo descreve a forma como as pessoas lidam com diferentes valores morais e sociais e a noção que estes podem ser relativizados. Os escores baixos, conforme os resultados da amostra de atletas, indicam pessoas que não costumam relativizar valores e conceitos sociais, sendo mais dogmáticas. Usualmente defendem a ideia que os valores adotados não devem ser mudados com o passar do tempo.

E quanto a última faceta de Abertura, com perfil médio no grupo de atletas, foi a busca por novidades, que indica o quanto as pessoas gostam e buscam vivenciar novos eventos e ações, bem como a forma como lidam com a rotina. Níveis baixos sugerem desconforto com a quebra de rotina, bem como menor interesse para fazer coisas que nunca fizeram antes.

Por último, em se tratando dos resultados de Abertura, reforça-se que as análises de confiabilidade por meio do Alfa de Cronbach se mostram abaixo de 0,7 considerado mínimo para inferências mais seguras a este respeito. Desta maneira, evidencia-se a necessidade de mais estudos exploratórios com este fator e suas facetas, antes que sejam levantadas quaisquer conclusões a este respeito, de diferenças entre amostras de outros contexto comparado ao esporte.

Em continuidade serão detalhados os aspectos em que o grupo de atletas se apresentou dentro da média comparado com o grupo de normatização do teste. Tais resultados medianos indicam que o grupo apresenta padrões comportamentais, cognitivos e emocionais comuns à maior parte da população, contudo, dada as especificidades de cada modalidade, sugere-se que seja realizada também a análise e interpretação dos resultados considerando não somente os percentis muito baixos ou muito altos, mas possa ser observado, mesmo que dentro da média, alguns traços ou características que diferenciam os sujeitos dentro de seus subgrupos, com base nos níveis de significância entre tais diferenças seja na condição de comparação entre o manual e a amostra total do esporte desta pesquisa, ou mesmo entre as modalidades investigadas, níveis de diferenças significativas já descritas anteriormente.

No fator Neuroticismo o grupo de atletas apesar de manter-se dentro da média, apresentou percentil um pouco mais rebaixado, comparado com a amostra normativa do manual, indicando nível estável de ajustamento emocional, com menor instabilidade de humor

do que o grupo normativo, sem exageros na preocupação com a opinião dos outros a seu respeito, e menor presença de sintomas depressivos, comportamentos passivos ou falta de energia para agir em situações importantes.

À partir da interpretação sugerida pelo manual do teste a respeito deste fator, não fica evidenciado no grupo baixa autoestima e preocupação dentro da média de que as pessoas os aceitem. Se necessário mostram-se capazes de ter atitudes que vão um pouco contra a vontade, com o objetivo de agradar os outros, mas dentro do que é comum à população. Não demonstram insegurança ou serem dependentes das pessoas próximas, nem dificuldades em tomar decisões em situações do dia a dia.

O próximo fator mediano foi Extroversão, que refere-se à quantidade e à intensidade das interações interpessoais preferidas, nível de atividade, necessidade de estimulação e capacidade de alegrar-se. Os atletas não apresentaram diferenças significativas estatisticamente na faceta Nível de comunicação, com resultados semelhantes da amostra de normatização. O mesmo foi observado na faceta Altivez, no qual os resultados da amostra do esporte mantiveram-se dentro da média, não sugerindo uma maior tendência a ser humilde, ou mesmo a se vangloriar pelos bens e capacidades pessoais, se comparado com a normatização da BFP.

Ainda neste fator, os atletas apresentaram-se dentro da média em Dinamismo, porém médias um pouco mais elevadas em Interações sociais, sendo que nesta última faceta verificou-se diferenças estatisticamente significativas entre atletas e amostra do manual, que refletem, conseqüentemente, em características um pouco mais dinâmicas, envolvendo-se em atividades simultaneamente e preferindo, mesmo quando estão fora da rotina diária, manter-se ocupados com atividades variadas. Níveis um pouco mais elevados de dinamismo também podem ser associados a uma tendência à liderança e alto nível de assertividade. Do aspecto das interações sociais, por sua vez, indicaram tendência a serem um pouco mais gregários e esforçarem-se para manter contato com seus conhecidos, além de preferência às atividades em grupo e se envolvem mais rapidamente com os outros.

Em relação ao fator Socialização, considerado como uma dimensão interpessoal, que avalia o interesse do sujeito pelo bem-estar dos outros, confiança nas pessoas e adesão a regras ou normas sociais, as médias do grupo de atletas foi um pouco mais rebaixada que a do grupo normativo do teste, variando nas facetas entre percentil 45 e 40. Tais resultados sugerem disponibilidade para com os demais, não se mostrando como pessoas autocentradas e indiferentes às necessidades alheias. Demonstram preocupação em promover o bem-estar dos outros de maneira comum à população, nem pouco, nem em demasia, podendo dirigir-se a

elas de forma cuidadosa quando necessário, tratando de assuntos delicados de forma não muito sensível, mas não chegando a serem hostis. Os atletas apresentaram percentis um pouco rebaixados (percentil 40) na escala Confiança nas pessoas, porém considerado dentro da média se comparado com a população normativa do teste. Escores um pouco rebaixados nesta faceta podem indicar uma certa preocupação de que as pessoas podem estar tentando prejudicá-las em algumas situações, mas não se mostrando exacerbada tal preocupação, e podem apresentar uma certa dificuldade em desenvolver intimidade com os demais, o que acredita-se ser um traço comum considerando o nível de competição exigida pelo contexto esportivo.

Ressalta-se que o percentil um pouco mais rebaixado também em Pró-sociabilidade, sendo este um percentil 45, e sendo a diferença entre o manual e os atletas estatisticamente significativa, entende-se portanto passíveis de comportamentos e atitudes dentro da média da população no que tangem a se envolverem-se em situações que podem colocá-los (ou outras pessoas) em perigo, preocupação comum aos demais em seguir leis e regras sociais, não tendendo a um padrão hostil de interação com os demais, não se mostrando de maneira desrespeitosa ou opositora usualmente.

O último fator ainda não discutido, refere-se ao fator Realização, que representa o grau de organização, persistência, controle e motivação para alcançar objetivos, avaliando especificamente o senso de competência pessoal, a ponderação e o comprometimento na busca de objetivos. De forma que assim como a maioria dos fatores na amostra esportiva investigada, mostrou-se dentro da média, quase não se diferenciando de maneira percentílica da amostra normativa, porém, quando comparado entre manual e amostra de atleta, apresenta-se com diferenças estatisticamente significativas entre o fator, com médias um pouco mais elevadas para o contexto esportivo, permanecendo ainda no percentil 50, mostrando que os atletas tendem à motivações e comprometimento com a busca de seus objetivos em intensidades comuns a maioria da população.

Em relação a faceta competência, os atletas mostraram acreditar no próprio potencial para realizar várias tarefas ao mesmo tempo, a gostar de atividades complexas e desafiadoras e a possuírem clareza sobre seus objetivos de vida. Apresentaram-se na faceta Ponderação de maneira cuidadosa e controlada quanto ao que dizem e fazem, tentando controlar sua impulsividade ao resolver problemas. Por fim, na faceta Empenho apresentaram tendência a dedicarem-se bastante às suas atividades, valorização do planejamento para depois sair para a ação e gostarem de obter reconhecimento por seus esforços.

Desta maneira, vale ressaltar que as interpretações discutidas nos parágrafos que antecedem se referem as médias da amostra total do contexto esportivo, e não representam um perfil único ou característico do atleta, já que os estudos desta pesquisa corroboram para a necessidade de um olhar específico por modalidades em diferentes fatores e facetas da escala. Ressalta-se ainda que muitas facetas apresentaram níveis de precisão pouco satisfatórios, o que poderia indicar que a ferramenta não apresenta-se preparada para seu uso no contexto esportivo.

Assim, a seguir serão apresentadas algumas facetas que se diferenciaram nas modalidades. Sugere-se que não sendo encontrada uma descrição do fator ou faceta nos textos de interpretação das modalidades, significa que a interpretação é a mesma já descrita anteriormente no perfil de interpretação da amostra total esportiva.

4.3.2. Interpretações do perfil de personalidade do atleta por modalidade esportiva

- **Modalidade Atletismo**

Figura 8. Perfil médio para a modalidade Atletismo

No que tange a modalidade Atletismo, verificou-se percentis mais rebaixados em Socialização, já que os percentis ficaram entre 30 e 35, e se mostraram limítrofes podendo ser considerados como níveis baixos, tendo como base o grupo amostral do teste BFP. Assim, as

interpretações de escores baixos neste fator representam rebaixada disponibilidade para com os demais, se mostrando mais autocentradas e indiferentes às necessidades alheias. Demonstram menor preocupação em promover o bem-estar dos outros, podendo dirigir-se aos demais de forma pouco cuidadosa, tratando de assuntos delicados de forma menos sensível, podendo a apresentar comportamentos mais hostis.

O fator Extroversão também foi o outro que se mostrou mais diferenciado nesta modalidade, podendo ser observados escores mais elevados de extroversão para esta modalidade investigada. Entendem-se escores mais elevados nesta escala, como facilidade para falar em público, para conhecer novas pessoas e, tendência a apresentar um maior senso de intimidade, rapidamente avaliando como profundas relações relativamente recentes. Além disso, tendem a iniciar conversas com os outros, expressar suas opiniões e interesses quando estão em grupo e indicam que dificilmente sentem-se constrangidas em situações sociais.

Contudo, deve-se atentar em relação a estes achados, que resultados também mais elevados em Altivez podem representar maior necessidade de receber atenção dos outros, possibilidades de crença de que os demais os invejam e uma predisposição para falar excessivamente sobre si, suas qualidades e suas posses. Usualmente se mostram como pessoas mais dinâmicas, que envolvem-se em várias atividades simultaneamente, mostram-se gregários e esforçam-se para manter contato com seus conhecidos.

Por fim, não será retomada a interpretação do fator Abertura e suas facetas, pois o grupo de Atletismo apesar de mostrar-se com pontuações um pouco mais elevadas que a amostra total de atletas, mantem-se ainda rebaixadas em relação a amostra normativa, o que sugere as mesmas interpretações já descritas que versão sobre abertura na amostra esportiva.

- **Modalidades Tênis de mesa olímpico e paraolímpico**

Para a análise da modalidade Tênis de Mesa, apesar de inicialmente os dados terem sido estudados separando as características entre as duas modalidades do Tênis de Mesa, sendo uma amostra de atletas paraolímpicos e outra amostra de atletas olímpicos, para a interpretação dos dados não serão considerados grupos heterogêneos quanto as características de personalidade investigadas. Isso se dá em razão da comparação de médias entre os dois grupos não ter mostrado diferenças significativas estatisticamente ($p < 0,05$), por meio do teste *t* de *Student*. Sendo apresentados os gráficos contendo os dois subgrupos de Tênis de mesa juntos.

Figura 9. Perfil médio para a modalidade Tênis de Mesa

Foi observado que o grupo de atletas de Tênis de mesa apresentaram pontuações médias próximas da amostra geral de atletas, e também do manual de padronização do teste na maioria dos fatores e suas facetas. Contudo, a faceta Vulnerabilidade ao sofrimento apresentou um aumento na média de pontuação do grupo desta modalidade, indicando uma tendência a vivenciarem com um pouco mais de intensidade o sofrimento emocional, presença de ansiedade, dificuldade maior para tolerar a frustração causada pela não realização de desejos e respostas de *coping* mal adaptadas, de acordo com a interpretação do manual do teste para a pontuação média do grupo nesta faceta.

Um outro fator que apresentou diferenças significativas foi Abertura e suas facetas, sobretudo apresentaram alterações de classificação quando comparados com as amostras de padronização do manual do instrumento, apresentando-se de maneira mais rebaixada neste grupo de atletas, de forma estatisticamente significativa. De acordo com o manual do instrumento, classificações baixas nessa dimensão tendem a sugerir comportamento de pessoas convencionais nas suas crenças e atitudes, conservadoras nas suas preferências, dogmáticas e rígidas. Porém, vale ressaltar que estas características do fator abertura, mostraram-se mais rebaixadas para todas as modalidades, em maior ou menor intensidade.

- **Modalidades Rugby e Rugby olímpico**

Assim como na descrição da modalidade Tênis de Mesa, os atletas de Rugby desta pesquisa foram adicionados numa mesma tabelas que os atletas de Rugby olímpico, por ser verificada que os dois subgrupos não apresentam diferenças estatisticamente significativas entre si, com exceção da faceta Pró-sociabilidade, que será descrita posteriormente junto aos resultados dos gráficos.

Figura 10. Perfil médio para a modalidade Rugby

No que tange a modalidade Rugby, verificou-se percentis mais rebaixados na faceta Pró-sociabilidade, no qual a equipe de Rugby olímpico apresentou um percentil mais próxima da amostra de normatização do manual de 40, enquanto o outro subgrupo de Rugby apresentou um percentil muito baixo de 25. Quanto a interpretação destes achados, sujeitos com baixos escores em Pró-sociabilidade tendem a envolverem-se em situações que podem colocá-los, ou às demais pessoas, em perigo. Também apresentam pouca preocupação em seguir leis e regras sociais, podendo apresentar uma visão que minimiza, ignora ou desqualifica a sua importância. Indivíduos com baixos resultados em Pró-sociabilidade podem ser manipuladores, agindo ativamente para que as demais pessoas façam o que eles desejam.

Podem apresentar um padrão hostil de interação com os demais, tratando-os de forma desrespeitosa ou opositora.

Desta maneira, apesar de não ter sido evidenciadas diferenças nesta faceta entre o manual do teste e a amostra total de atletas, quando se analisa os dados por modalidades, vemos que esta faceta apresenta variações significativas, em especial para uma modalidade com alto nível de contato e força física como na modalidade Rugby. Tal achado, apesar de parecer esperado em equipes de Rugby, alerta para a necessidade de um olhar com mais especificidade na conduta destes atletas quanto aos aspectos de cumprimento de regras e leis, interação hostil etc.

Segundo os autores do manual da BFP, escores mais elevados em Neuroticismo, em especial na faceta Passividade, representam tendência para um comportamento de procrastinação, maior dificuldade para iniciar tarefas, podendo vir a apresentar rebaixamento na motivação em afazeres longos ou difíceis, tendendo a abandoná-los antes de sua conclusão. Os autores também complementam que pessoas com perfil elevado necessitam de estímulo externo para conseguirem levar adiante seus planos e, com frequência, abstêm-se de tomar decisões mesmo sobre assuntos de seu interesse. Reforça-se que o percentil médio da equipe de Rugby equivale a 70 em Passividade, ainda considerado pelos autores dentro da média, porém por se tratar de um percentil próximo a classificação alta, os dados devem ser considerados com atenção nesta faceta.

Ainda sobre as demais facetas e do fator Neuroticismo, também verifica-se que a equipe de Rugby apresentou médias de pontuações um pouco mais elevadas, sobretudo para a equipe de Rugby não olímpica, mas mantendo-se dentro da classificação média, porém próximas a classificação alta. Segundo os autores do teste, pessoas com níveis de Neuroticismo mais elevado tendem a vivenciar de forma mais intensa sofrimento psicológico, instabilidade emocional e vulnerabilidade, além de relatarem ter experiências intensas de eventos negativos, dando pouca ênfase aos aspectos positivos dos fatos.

Em relação ao fator Extroversão e suas facetas, apesar de ser observado algumas variações de média entre os sub grupos de Rugby e também em relação a amostra do manual, não evidenciou-se diferenças estatisticamente significativas. Já em relação a Socialização, além da faceta Pró-sociabilidade já descrita, também observam-se percentis mais rebaixados em Amabilidade, o que corrobora com os aspectos de pouca disponibilidade para com os demais, sendo autocentradas e indiferentes às necessidades alheias. Demonstram pouca preocupação em promover o bem-estar dos outros, podendo dirigir-se a elas de forma pouco cuidadosa.

Fica evidenciado também percentis rebaixados na faceta Empenho, podendo ser traduzidas em uma certa despreocupação e cuidado com a forma de realização e conclusão das tarefas, comprometimento rebaixado com tarefas e compromissos assumidos. Pessoas com níveis baixos de Empenho tendem a colocar pouca energia nas atividades em que se envolvem e podem, com alguma frequência, fazê-las de tal forma que a qualidade de seu trabalho seja insuficiente ou prejudicada. Comparando com as demais modalidades investigadas nesta pesquisa, tal interpretação corrobora também com os resultados de Competência, no qual também observam-se resultados mais rebaixados para a modalidade Rugby, e indicam pouca disposição para atingir objetivos e pessoas que facilmente desistem frente a obstáculos ou necessidade de fazer sacrifícios.

- **Modalidade Futebol e Futebol base 1 e 2**

Assim como ocorreu na descrição das modalidades Tênis de Mesa e Rugby, os atletas da modalidade Futebol desta pesquisa foram adicionados numa mesma tabelas que os atletas de Futebol base. O objetivo desta junção é estudar a modalidade futebol como um todo no grupo pesquisado e também diferenças entre os dois grupos.

No que tange as diferenças entre o Futebol e o subgrupo Futebol base, conforme pode ser observado na figura 11, foram observadas diferenças estatisticamente significativas, por meio do teste *t* de *Student* ($p < 0,05$) em quatro facetas. A primeira delas, refere-se a Vulnerabilidade ao sofrimento, no qual enquanto a equipe de Futebol base apresentou médias mais próximas da normatização, para os atletas de Futebol os resultados interpretativos indicam maior independência emocional em relação aos demais.

Pessoas com esse perfil tendem a ser menos preocupadas com as opiniões alheias e usualmente tomam decisões e enfrentam problemas sem levar necessitar do contato com os demais, o que pode afetar a qualidade de suas relações interpessoais. Já em relação Amabilidade, que descreve o quão atenciosas, compreensivas e empáticas as pessoas procuram ser com as demais, nota-se que enquanto ao equipe de Futebol apresentou resultados médios pouco acima da média do manual da BFP, já os atletas de base do Futebol apresentaram resultados abaixo da média, demonstrando menor preocupação com os outros.

Figura 11. Perfil médio para a modalidade Futebol e Futebol base

Considerando o futebol como um único agrupamento, destacam-se as facetas Instabilidade Emocional, no qual os resultados desta modalidade se mostraram mais rebaixados que os demais atletas de outras modalidades, e ainda de magnitude ainda mais distante comparada com o manual de normatização. Tais resultados rebaixados em instabilidade podem indicar pouca variações de humor, baixa tomada de decisões de maneira impulsiva, e apresentam alta tolerância a frustrações.

Podem ser observados também resultados rebaixados em Confiança nas pessoas indicando possibilidades de percepção dos demais ao redor como se tivessem intensão de prejudicá-las, o que também se relacionaria com uma dificuldade em desenvolver intimidade com outros. Em contra partida, destacam-se resultados mais elevados em competência, que sugerem crenças no próprio potencial para realizar várias tarefas ao mesmo tempo, a gostar de atividades complexas e desafiadoras e a possuir clareza sobre seus objetivos de vida.

Por fim, o fator Abertura, assim como nas demais modalidades, também apresentaram resultados mais rebaixados nos fatores e facetas, o que sugere sujeitos que tendem a ser mais convencionais nas suas crenças e atitudes, conservadores nas suas preferências e crenças.

Reforça-se que os resultados foram classificados como muito baixos em abertura sobretudo na equipe futebol base, mas de maneira rebaixada também na equipe de futebol.

Também a respeito das diferenças entre praticantes e não praticantes de esporte, considerando entre as análises a influência dos fatores relacionados a idade, Naveira et al. (2011) pesquisaram sobre os traços de personalidade citados por Costa e McCrae e sua relação com atletas praticantes de futebol e não atletas, de diferentes idades. Inicialmente, os autores formularam as hipóteses de que os esportistas amadores adultos seriam mais extrovertidos, emocionalmente estáveis e responsáveis do que os não esportistas adultos, a segunda hipótese era de que os esportistas de alto nível adultos seriam mais extrovertidos, emocionalmente estáveis e responsáveis do que os não esportistas adultos, enquanto que a terceira hipótese sugeria que os esportistas de alto nível adultos seriam mais extrovertidos, emocionalmente estáveis e responsáveis do que os esportistas amadores adultos, e por última hipótese, que os esportistas de alto nível adultos seriam mais emocionalmente estáveis, responsáveis, afáveis e abertos para novas experiências do que esportistas de categorias menores (iniciantes e juvenis). De maneira que o estudo que contou com a participação de 243 homens, dentre eles esportistas de alto nível, esportistas amadores e não esportistas, nos quais os atletas eram jogadores de futebol de alto nível desde categorias iniciantes a partir de 15 anos até adultos maiores de 18, nos quais foram submetidos ao Inventário de Personalidade NEO (NEO-FFI) durante a temporada esportiva.

Os autores destacaram à partir das análises dos dados que, mesmo não sendo observadas diferenças entre as personalidades de jogadores de futebol adultos amadores e adultos não esportistas, os jogadores de futebol adultos de alto nível mostraram-se mais estáveis emocionalmente, extrovertidos e responsáveis do que os não atletas e também se comparados aos jogadores amadores. Verificou-se também que os jogadores de alto desempenho são mais estáveis emocionalmente do que os jogadores juvenis, apresentam abertura para novas experiências em maior intensidade do que os iniciantes e juvenis, se mostrando ainda mais responsáveis do que os iniciantes. Desta maneira, concluiu-se que apenas a primeira hipótese inicial não foi confirmada.

Desta maneira, espera-se que os aspectos destacados na pesquisa e as orientações interpretativas aqui discutidas contribuam para o entendimento das características de personalidade dos atletas, trazendo elementos que auxiliem aos técnicos e equipes esportivas nas tomadas de decisão frente aos seus atletas no que tange aos aspectos comportamentais e emocionais. Reforça-se a necessidade de mais estudos que analisem testes e sobretudo características psíquicas peculiares em amostras esportivas.

Espera-se que este estudo possa motivar mais pesquisadores a realizarem investigações com o enfoque na avaliação psicológica de personalidade de atletas. Nos próximos estudos serão apresentados mais dados sobre a personalidade de equipes esportivas, corroborando com os achados dos estudos já apresentados nesta tese, e objetivando contribuir com evidências de validade para o teste BFP.

4.4. ESTUDO 4 - Avaliação de traços de personalidade em atletas olímpicos brasileiros do Tênis de mesa

No último século o esporte e a atividade física conquistaram uma enorme importância na sociedade, de maneira que para melhor compreender este significado, basta analisar o crescimento da importância do evento “Jogos Olímpicos” observado entre Grécia em 1896 e Londres no ano 2012. Os resultados apontam que de 241 atletas na Grécia, o total em Londres cresceu para em torno de 10.500 participantes. Além disso, o número de países com comissões passou de 13 para 204 e o número de modalidades de nove para trinta e quatro (OLYMPIC, 2013).

A Psicologia do Esporte e Exercício evolui neste caminho, a fim de acompanhar as demandas dos atletas, técnicos e instituições. E entre os temas de grande relevância destacam-se a necessidade de estudo da personalidade de atletas de alto rendimento, como este realizado com uma equipe de tênis de mesa olímpico.

Uma das mais recentes modalidades a entrar nos Jogos foi o tênis de mesa. A modalidade faz parte do programa Olímpico desde os Jogos Olímpicos de Seul, em 1988 (FPTM, 2013). O tênis de mesa, conhecido popularmente como ping-pong é uma das modalidades esportivas mais praticadas no mundo. É um esporte que teve sua origem na Inglaterra no século XIX e se espalhou pelo mundo ao longo do século XX. O esporte chegou ao Brasil por meio dos turistas ingleses, mas foi por meio de da grande colônia asiática existente no país que a modalidade se desenvolveu, basicamente pelos seus descendentes.

O Brasil participou do seu primeiro campeonato oficial de tênis de mesa em 1947, no Terceiro Campeonato Latino americano. Em 1942 as regras oficiais foram traduzidas o que levou à oficialização do Tênis de Mesa pela Confederação Brasileira de Desporto - CBD (MARINOVIC; NAGAOKA; IIZUKA, 2006). Ainda de acordo com os autores, a modalidade tênis de mesa é um esporte que chama atenção pela capacidade dos seus praticantes em aprenderem e controlarem seus movimentos. É um jogo para duas ou quatro (quando em duplas) pessoas que acontece num ambiente fechado. A mesa é dividida por uma rede e a raquete é usada para rebater a bola pequena e leve para o outro lado, sendo o objetivo rebater a bola de maneira que o adversário não tenha como rebater. A atividade do tênis de mesa é multicoordenada, é regulada por rígidos limites de tempo, baixa predição das ações do adversário e alta precisão. A tarefa do jogador é complexa e se modifica todo o tempo, gerando diferentes tipos de emoção, que precisam ser gerenciadas pelo atleta para que ele

consiga ter sucesso. O jogo tem muitos conflitos e tensões psicológicas, uma vez que o jogador precisa perceber as intenções do adversário e, antecipá-las, sem revelar as suas.

Nizetich (1994) revela que um jogo de tênis de mesa é de alta complexidade das técnicas de coordenação, pelo ritmo rápido, pela qualidade acumulativa/ explosiva de esforço físico, alta precisão e um amplo ponto de mira, para que a colocação das bolas seja realizada em toda área do jogo. As principais capacidades motoras envolvidas na modalidade são velocidade de reação, velocidade do movimento, potência e orientação espacial. Essas capacidades são requisitos para um desempenho técnico, tático, físico e psíquico estável em competição.

Outro aspecto importante para ser trabalhado num atleta de tênis de mesa é o psicológico. Pesquisas demonstram que variáveis psicológicas são representativas no esporte de alto rendimento. Assim, estados de humor, personalidade e fatores cognitivos estão relacionados ao desempenho esportivo (RAGLIN, 1992)

Entre os diferentes tipos de instrumentos voltados à avaliação da personalidade, encontramos os inventários e as escalas. Pesquisas internacionais têm evidenciado que estas ferramentas estão entre as mais utilizadas para avaliação de personalidade em aplicações coletivas, pois podem oferecer importantes dados à prática clínica (PIOTROWSKI, 2000). Além disso, os instrumentos de avaliação de personalidade por meio de questionários costumam proporcionar benefícios em relação aos não estruturados, uma vez que seus itens são selecionados empiricamente (MEEHL, 2000).

Sendo assim, o objetivo do presente estudo é levantar um perfil médio do atleta desta modalidade, e também analisar a adaptação do teste de personalidade utilizado para esta pesquisa no contexto esportivo. Esta pesquisa contou com a colaboração da Psicóloga e pesquisadora Gabriela de C. M. Gonçalves, que é aluna do programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE/USP), juntamente com o autor deste manuscrito. O estudo contou com a participação de 17 atletas de alto rendimento, sendo 10 sujeitos (58,8%) do sexo masculino, com escolaridade variando do ensino fundamental (11,8%), ensino médio (64,7%) e superior (23,5%), que atuam como atletas da equipe olímpica brasileira de tênis de mesa, com sede na cidade de São Paulo. As idades dos participantes variaram de 13 a 30 anos, com média de 19,4, mediana 18 anos e desvio padrão de 4,72.

Como instrumento também foi utilizada a Bateria Fatorial de Personalidade (NUNES et al., 2010), já descrita anteriormente. Portanto, passando para o procedimento de coletas de dados, este teve a duração de quatro semanas, realizado durante os meses de dezembro de 2010

e janeiro de 2011. A aplicação do instrumento fez parte da segunda etapa da coleta de dados iniciais para intervenções da equipe multidisciplinar composta por médicos, psicólogos, nutricionistas, fisioterapeuta e preparadores físicos na equipe olímpica de tênis de mesa.

O contato inicial foi feito por meio de uma entrevista individual e coleta de anamnese. O agendamento da aplicação aconteceu à partir da prévia autorização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por parte do esportista, e quando menor de idade pelos responsáveis. Antes da aplicação os atletas foram informados dos objetivos do uso do instrumento e da pesquisa. Posteriormente foi realizada a aplicação do instrumento individualmente.

Considerando os objetivos do presente estudo, as informações a seguir referem-se aos resultados obtidos a partir coleta de dados na Bateria Fatorial de Personalidade (BFP), no referido grupo de esportistas. No que se refere à fidedignidade geral da escala, considerada a partir da análise da precisão dos 126 itens (escala total), verificou-se um coeficiente alfa de Cronbach de 0,76. Como o índice apresenta-se satisfatório, isto é, superior a 0,70, pode-se inferir que o teste possui um bom nível de precisão, sendo considerado um instrumento confiável para a medida do respectivo construto neste grupo analisado. Os fatores que compõem a bateria apresentaram os seguintes índices de coeficiente alfa de Cronbach: Neuroticismo=0,85 (29 itens), Realização=0,83 (21 itens), Socialização=0,81 (28 itens), Extroversão=0,70 (25 itens), e Abertura=0,48 (23 itens).

Para estudar a relação da pontuação dos atletas com os dados de normatização do manual do instrumento, realizou-se uma comparação das médias por meio do *Test t (one-sample t test)*. Os resultados desta análise podem ser observados na tabela 31.

Tabela 31. Descrição da pontuação da amostra de atletas do Tênis de mesa

FATOR / FACETA	Manual			Tênis de mesa		<i>t</i>	<i>p</i>
	Média	DP	N	Média	DP		
NEUROTICISMO (NE)	3,19	1,00	3291	3,50	0,77	1,675	0,113
N1. Vulnerabilidade	3,49	1,23	3322	4,33	1,08	3,203	0,006
N2. Instabilidade	3,68	1,42	3299	3,41	1,19	-0,928	0,367
N3. Passividade	3,45	1,24	2351	3,93	1,01	1,964	0,067
N4. Depressão	2,33	1,11	3301	2,35	0,85	0,083	0,935
EXTROVERSÃO (EX)	4,34	0,87	2959	4,14	0,61	-1,386	0,185
E1. Nível de comunicação	4,28	1,28	3193	3,90	1,32	-1,182	0,254
E2. Ativez	3,67	1,07	2961	3,27	0,84	-1,976	0,661
E3. Dinamismo	4,79	1,03	1884	4,85	0,81	0,290	0,775
E4. Interações sociais	4,82	1,11	3195	4,52	0,63	-1,959	0,068

FATOR / FACETA	Manual			Tênis de mesa		<i>t</i>	<i>p</i>
	Média	DP	N	Média	DP		
SOCIALIZAÇÃO (SO)	5,30	0,75	3328	5,32	0,65	0,143	0,888
S1. Amabilidade	5,59	0,93	3325	5,61	0,85	0,115	0,910
S2. Pró-sociabilidade	5,59	1,01	3331	5,61	0,96	0,068	0,947
S3. Confiança nas pessoas	4,73	1,01	3329	4,75	0,99	0,100	0,921
REALIZAÇÃO (RE)	4,96	0,82	2353	5,07	0,88	0,532	0,602
R1. Competência	5,17	0,93	2354	5,13	0,73	-0,231	0,820
R2. Ponderação	4,92	1,20	2315	4,84	1,43	-0,236	0,816
R3. Empenho	4,78	1,07	2355	5,25	1,16	1,688	0,111
ABERTURA (AB)	4,68	0,72	1995	3,93	0,53	-5,767	<0,001
A1. Abertura a ideias	4,58	1,02	1996	3,86	0,96	-3,105	0,007
A2. Liberalismo	4,84	1,01	1994	4,12	0,72	-4,144	0,001
A3. Busca por novidades	4,61	1,03	2009	3,83	0,96	-3,339	0,004

Verifica-se, por meio da tabela 31, que o grupo apresentou uma pontuação média próxima a da amostra do manual de padronização do instrumento na maior parte dos fatores e suas facetas. Contudo, observou-se que a faceta Vulnerabilidade ao sofrimento (N1) apresentou um aumento na média de pontuação do grupo de esportistas, passando de classificação média para classificação alta, o que nos permite inferir que este grupo de esportista tende a vivenciar com um pouco mais de intensidade o sofrimento emocional, presença de ansiedade, dificuldade maior para tolerar a frustração causada pela não realização de desejos e respostas de *coping* mal adaptadas.

Figura 12. Médias de pontuações no fator Neuroticismo

Segundo uma pesquisa brasileira realizada com 42 universitários quanto ao temperamento, à autoestima e ao Neuroticismo (ITO; GOBITA; GUZZO, 2007), as autoras utilizaram a Escala Fatorial de Neuroticismo (EFN), a Escala de Autoestima de Rosenberg e a *Pavlovian Temperament Survey* (PTS). O PTS avalia três fatores: força de inibição, de mobilidade e de excitação, que correspondem, respectivamente, à capacidade de inibir comportamentos quando necessário, de efetuar uma mudança de reação e, por fim, de manter-se sem inibição diante de uma situação de estimulação intensa e prolongada.

A Escala de Autoestima avalia um fator geral referente ao construto vinculado ao nome da escala. Quanto aos resultados encontrados, foi observado correlações significativas negativas para a faceta *vulnerabilidade* (N1) com a autoestima ($r=-0,67$) e com força de excitação ($r=-0,40$); de *ansiedade* (N3) com força de excitação ($r=-0,36$) e de inibição ($r=-0,41$) e correlações significativas positivas entre *desajustamento psicossocial* (N2) com força de mobilidade ($r=0,38$). *Depressão* (N4) não apresentou correlação significativa com nenhuma das variáveis analisadas.

Na interpretação dos resultados, as autoras sugeriram correlações negativas coerentes com a teoria, em razão dos níveis altos de Neuroticismo sugerirem problemas na adaptação do sujeito ao meio, em função de elevada frequência dos rompantes emocionais, tendendo a dificultar o controle do temperamento quanto aos aspectos da excitação e inibição (NUNES; et al., 2010).

Retornando aos achados observados na tabela 31, destacam-se as facetas do fator Abertura que também apresentaram alterações de classificação percentílica e de interpretação quando comparados com as amostras de padronização do manual do instrumento. Nas três facetas A1, A2 e A3, os resultados modificaram de classificações medianas para classificações baixas, em média passando de percentis maiores que 45 para percentis menores que 20. A seguir é apresentado o gráfico referente as pontuações no fator Abertura.

Figura 13. Médias de pontuações dos atletas no fator Abertura

Já em relação ao fator Abertura a novas experiências (AB), o grupo de esportista apresentou um percentil médio do grupo de 19,71, que ao ser comparado com a média do manual da BFP é classificado em sua interpretação como nível baixo. Vale ressaltar que essa diferença se mostrou significativa estatisticamente ao comparar os resultados entre o manual e a amostra coletada nesta pesquisa. O fator Abertura refere-se aos comportamentos exploratórios e de busca por novas experiências.

De acordo com o manual do instrumento, indivíduos com altos níveis tendem a serem curiosos, imaginativos, criativos, divertem-se com novas ideias e com valores não convencionais. Classificações baixas nessa dimensão tendem a sugerir comportamento de pessoas convencionais nas suas crenças e atitudes, conservadoras nas suas preferências, dogmáticas e rígidas (COSTA; WIDIGER, 2002; NUNES et al., 2010).

Tais resultados corroboram com os dados apresentados no primeiro estudo desta pesquisa, que contou com uma amostra mais abrangente de 489 atletas, em que o fator abertura e suas facetas se mostraram rebaixados em relação a população normativa do teste. De tal forma que corroboram também com a pesquisa de Nagaoka e Ilzuka (2006), que inferem à respeito da modalidade, que entre as exigências da prática dessa atividade, estão o nível elevado de precisão sob alta pressão, capacidade de controle rígido de movimentos, tentativa de antecipação do movimento adversário, que pressupõem a previsibilidade do ato do adversário, logo demonstrando uma certa tendência a poucos movimentos novos e criativos, como é possibilitado por esportes tais como futebol, basquete, entre outras. Essas

características descritas de rigidez, em parte contrastam com as características de abertura a novas experiências, liberalismo etc.

Observou-se também que os fatores Passividade (N3) e também Interações Sociais (E4) demonstraram variações nas pontuações ao comparar os resultados da amostra no contexto esportivo. Porém tal variação manteve a média de classificação de interpretação dentro do mesmo nível mediano, e o nível de significância ainda que pouco, acima de 0,05, não demonstrando relevância estatística.

Figura 14. Médias dos atletas nos fatores Extroversão, Socialização e Realização

Vale ainda descrever que alguns índices como Nível de comunicação (E1) e Empenho (R3) apresentaram ainda uma maior elevação de variação de percentil, alterando de 45 para percentil 65. No entanto, como este aumento ainda mantém a classificação interpretativa mediana de acordo com o manual do instrumento, que defini classificação mediana com

percentil entre 30 e 70, e a comparação entre médias por meio da *one-sample t test* não mostrou que a diferença é estatisticamente significativa, não foi dado destaque para tal diferença.

Estes achados podem indicar a necessidade de mais estudos comparativos entre amostras de normatização dos instrumentos em grupos específicos do contexto esportivo, pois observa-se que há facetas que apresentam características diferentes quando se altera o contexto, isso pode relacionar-se aos traços específicos de esportistas quanto a sua forma de encarar os desafios, sua interação com as pessoas ao seu redor, seja cooperativamente ou competitivamente, e diferentes aspectos como percepção de esforço, superação de limites, entre outras características que diferem atletas de sujeitos que compreendem as amostras de normatização de instrumentos, que em geral, não são compostas por atletas e praticantes de atividades esportivas de programas de alto rendimento.

Para averiguar a relação entre os fatores e suas facetas da BFP e o percentil apresentado pelos atletas, utilizou-se a prova de correlação de *Pearson* com nível de significância de 0,05. Os resultados dessas análises apresentaram amplitudes de correlações significativas conforme pode ser observado na tabela 32.

Tabela 32. Correlações significativas entre as facetas (N=17)

	N4	S2	R1	R2	R3	A2	A3
N1	0,73**			-0,48*			
N2							0,50*
N4		-0,54*				0,51*	0,50*
E3			0,60*				-0,57*
S2			0,56*				-0,53*
S3				0,53*			
R1					0,56*		-0,69**

** $p < 0,001$; * $p < 0,05$.

Observa-se por meio da tabela 32 correlações moderadas significativas entre diferentes facetas, tanto positivas quanto negativas. Destacam-se na comparação entre os dados obtidos a correlação alta positiva entre N1 e N4 ($r=0,73$; $p<0,01$), indicando uma forte tendência aos sujeitos que apresentaram alta vulnerabilidade tenderem a apresentar pontuações altas na faceta Depressão e vice-versa.

Ressalta-se também a correlação moderada negativa entre Depressão e Pró-Sociabilidade ($r=-0,54$; $p<0,05$). Esse resultado nos permite inferir uma relação inversa entre estas duas facetas na amostra estudada, o que pode indicar que os indivíduos com níveis de depressão mais elevados tendem a apresentar índices de pró-sociabilidade rebaixados, o que,

segundo o manual do instrumento a interpretação deste segundo fator pode significar comportamentos de risco, tendência a confronto com leis e regras sociais, moralidade, auto e hetero-agressividade, e padrões de consumo de bebidas alcoólicas. Indivíduos com baixos escores em pró-sociabilidade tendem a se envolver em situações que podem colocá-los, ou as demais pessoas, em perigo. Enquanto também vale ressaltar que índices muito baixos em depressão também podem significar pessoas com altos resultados em Pró-sociabilidade que tendem a evitar situações de risco, bem como transgressões a leis ou regras sociais. Tendem a apresentar uma postura franca com os demais, evitando pressioná-los ou induzi-los a fazerem algo que não queiram (NUNES et al., 2010).

Observaram-se também correlações moderadas negativas entre Vulnerabilidade e Ponderação ($r=-0,48$; $p<0,05$), e da faceta Busca por novidades com Dinamismo ($r=-0,57$; $p<0,05$) e Pró-sociabilidade ($r=-0,53$; $p<0,05$). Esse resultado nos permite inferir uma relação inversa entre estas facetas na amostra estudada.

Por fim, verifica-se uma correlação altamente significativa e negativa entre Competência e Busca por novidades, também indicando uma relação inversa entre estas duas facetas nesta amostra. De acordo com o manual do instrumento a faceta Competência é composta por itens que descrevem uma atitude ativa na busca dos objetivos e a consciência de que é preciso fazer alguns sacrifícios pessoais para se obter os resultados esperados, enquanto a faceta Busca por novidades relaciona-se a itens que descrevem preferência por vivenciar novos eventos e ações. Pessoas que apresentam altos níveis nessa faceta relatam não gostar de rotinas em contextos variados; têm pouca motivação para realizar tarefas repetitivas e ficam facilmente entediados quando não podem vivenciar eventos novos. Pessoas com níveis baixos de A3 relatam se sentirem desconfortáveis com a quebra de rotina, bem como pouco interesse para fazer coisas que nunca fizeram antes e conhecer lugares e objetos novos (NUNES et al., 2010).

Correlações moderadas positivas significativas ($p<0,05$) também foram verificadas entre Depressão e as facetas Liberalismo e Busca por novidades, entre Competência e as facetas Dinamismo e Pró-sociabilidade, e também entre as facetas Confiança nas pessoas e Ponderação, da faceta Competência com Empenho e entre Instabilidade e Busca por novidades. As demais facetas não apresentaram correlações significativas estatisticamente.

Em conclusão, considerando os objetivos do presente estudo de levantar traços comuns de personalidade dos atletas, e também analisar a adaptação do teste de personalidade utilizado para esta pesquisa, aplicado na análise de esportistas de alto rendimento de uma equipe olímpica de atletas de tênis de mesa, no que se refere à fidedignidade da escala

verificou-se coeficientes satisfatórios na escala geral (126 itens). Verificaram-se também índices satisfatórios de precisão também na maior parte dos fatores e facetas que compõem a escala, indicando que o instrumento mostra-se confiável para a medida do respectivo construto neste grupo analisado.

Foi observado que o grupo de atletas apresentou uma pontuação média próxima a da amostra do manual de padronização do instrumento na maior parte dos fatores e suas facetas. Contudo, a faceta Vulnerabilidade ao sofrimento apresentou um aumento na média de pontuação do grupo de esportistas, indicando uma tendência a vivenciar com um pouco mais de intensidade o sofrimento emocional, presença de ansiedade, dificuldade maior para tolerar a frustração causada pela não realização de desejos e respostas de *coping* mal adaptadas, de acordo com a interpretação do manual do teste para a pontuação média do grupo nesta faceta.

O fator Abertura e suas facetas também apresentaram alterações de classificação quando comparados com as amostras de padronização do manual do instrumento, apresentando-se de maneira mais rebaixada neste grupo de atletas, de forma estatisticamente significativa. De acordo com o manual do instrumento, classificações baixas nessa dimensão tendem a sugerir comportamento de pessoas convencionais nas suas crenças e atitudes, conservadoras nas suas preferências, dogmáticas e rígidas. Contudo, assim como no estudo anterior, este fator e suas facetas apresentaram níveis de confiabilidade, abaixo do considerados mínimos satisfatórios, ou seja, nesta população os resultados desta faceta ficaram abaixo de 0,6. Por fim, ainda sobre esta precisão rebaixada, fica evidenciado no manual da BFP, assim como em diferentes artigos de outros contextos, que o fator Abertura e suas facetas ainda apresentam os índices mais rebaixados de fidedignidade comparado aos demais quatro fatores e suas respectivas facetas.

Destaca-se também que foram observadas correlações significativas moderadas e algumas altas, entre diferentes facetas, tanto correlações positivas quanto negativas. Todos estes resultados apanhados pela pesquisa podem indicar relações entre as facetas e fatores no grupo de sujeitos, e se analisadas com cautela, somadas aos demais dados que compõem o processo de avaliação psicológica do atleta, podem vir a permitir uma análise inicial do perfil psicológico do esportista desta modalidade específica.

Por fim, tais achados, acima de tudo corroboram com a necessidade de mais estudos comparativos entre amostras de normatização em grupos característicos do contexto esportivo, considerando a existência de facetas que apresentam particularidades diferentes quando se altera o contexto e em muitos casos diferenças entre modalidades, como no estudo principal. Ressalta-se que a avaliação psicológica é um processo dinâmico, no qual a

utilização de testes psicológicos é apenas uma parte de todo o processo avaliativo, e que as conclusões levantadas acerca da testagem psicológica, devem considerar o uso de mais de uma ferramenta, método ou técnica, sempre associado a entrevistas e considerando os aspectos singulares de cada sujeito.

4.5. ESTUDO 5 - Investigação de traços de personalidade no Rugby e Futebol

A Psicologia do Esporte tem sido considerada como uma das áreas emergentes da Psicologia no Brasil nesse princípio de século XXI. Isso poderia sugerir que não estamos mais tratando de uma ciência tão jovem, afinal, apesar dos registros apontarem para o início da atividade como um produto dos anos 80, a Psicologia do Esporte tem sua história escrita a partir do início do século XX na Rússia e Estados Unidos e, mais precisamente, a partir da Copa do Mundo de Futebol de 1958, para o Brasil com o psicólogo João Carvalhaes, no S.P.F.C. e na seleção brasileira de futebol (RUBIO, 2000).

E não é por acaso que a Psicologia do Esporte emerge no Brasil por meio da atividade considerada mais popular entre os brasileiros, o futebol. De acordo com Leonhardt (2010) o futebol é o esporte mais conhecido do Brasil. Considerando que o esporte é uma prática cultural tão significativa quanto o teatro, o cinema, as artes plásticas, nenhuma dessas manifestações consegue, como o futebol, mobilizar tanta gente, ao mesmo tempo, influenciando tão forte e amplamente com paixões, desejos e sentimentos.

Segundo De Lima (2002) o futebol é compreendido como esporte moderno, pois foi criado na Inglaterra do século XIX. Entretanto, o jogo de bola, tanto realizado com os pés como com as mãos é praticado bem anteriormente ao século XIX. O futebol tem origens possivelmente de uma atividade esportiva praticada na Itália medieval, porém, praticado anualmente na cidade de Florença, de nome Calcio. Tal esporte consiste de um jogo entre duas equipes que, em um campo de terra têm que atravessar uma bola até uma área ao final do campo adversário. O jogo pode ser caracterizado como muito violento, pois os ataques físicos entre os jogadores dos dois times são constantes e permitidos.

De Lima (2002) acrescenta que os italianos acreditam que a origem do futebol está no Calcio, tanto que, na Itália, o futebol como conhecemos é chamado de Gioco Calcio. Assim como o Calcio, na Inglaterra, um jogo era praticado desde mais ou menos o ano de 1300, chamado *Hurling*. Tal jogo tinha características muito parecidas com o Calcio, e era também muito violento. O Calcio tem características muito parecidas com um esporte que surge na Inglaterra ao mesmo tempo que o futebol denominado Rugby. Aliás, podemos dizer que o futebol e o rugby tem uma raiz comum, pois são muito parecidos, e que se dividiram na metade do século XIX na Inglaterra, devido a dissidências na questões das regras entre os participantes.

De acordo com Del Priore e Melo (2009), como se pode imaginar, o futebol é o esporte mais praticado no mundo e o mais popular no Brasil. Seu nome vem do inglês *football*, que corresponde a *foot* = pé e *ball* = bola. Sendo assim conhecido como "o esporte das multidões", já que é praticado por 200 milhões de pessoas em aproximadamente 191 países, e apesar do Brasil ser chamado de "o país do futebol", no entanto, não foi o seu criador. Apesar da polêmica a respeito de sua origem, a organização do futebol deve-se à Inglaterra. Mas foi no início do século XIX, que o futebol passou a ser tratado de forma mais organizada. Entretanto, foi em 1894 que o paulista Charles Miller trouxe duas bolas da Inglaterra, onde estudava, para que os brasileiros pudessem jogar constantemente. Charles Miller trouxe também roupas, tênis e meias adequadas a prática do esporte naquela época. No Brasil, o futebol tornou-se bastante popular e é praticado por diferentes classes sociais e faixas etárias. Atualmente o Brasil é o único país pentacampeão em Copas do Mundo, e ocupa o terceiro lugar no ranking das Copas Américas.

Diferentemente do futebol que é jogado com os pés, o Rugby pode ser praticado com as mãos e com os pés. Entretanto, segundo McIntosh (1975), desde os mais remotos tempos o homem e a sua sociedade sempre praticaram jogos, ou para se divertirem entre a comunidade, ou como ritual religioso. Tais práticas são aspectos das mais variadas culturas ao redor de todo o mundo. Podemos dizer então que o Futebol nasceu daí. Porém esses jogos não tinham um nome definido e variavam de regiões e regiões da Inglaterra, da Europa e do Mundo. A Inglaterra foi berço do Futebol chamado de moderno, com jogos praticados pelas camadas populares, que vinham praticando essas atividades culturais há várias gerações. Talvez elas não fossem iguais ao Futebol, ao Rugby, mas tinham um objetivo cultural de diversão e ligamento entre os membros da comunidade.

A história conta que a aristocracia não praticava esse jogos, pois provavelmente os achavam como atos de barbárie, praticados por pessoas sem cultura, além de serem muito violentos. A aristocracia preferia praticar outros jogos, como a equitação, a caça e a esgrima. Esses jogos eram chamados, na Inglaterra do século XVIII e XIX de esportes, e os esportes que conhecemos hoje, ou algo parecido com eles, eram chamados de passatempo. Esses jogos populares, no século XIX, começaram a ser praticados, em seus horários livres, pelos alunos das escolas da aristocracia e da alta burguesia inglesa. O colégio de Rugby talvez seja a mais famosa dessas escolas, pois dele saíram as regras do Rugby. O Rugby e o Futebol eram praticados pelos alunos deste colégio, fazendo com que os diretores dos colégios proibissem a prática dessas atividades, devido ao fato delas serem populares, violentas e "bárbaras". De nada adiantou tal proibição, pois os alunos continuavam praticando esses esportes. Como a

repressão a esses jogos não deu muito certo, as questões tiveram que ser resolvidas de outra forma. Já que não parariam de ser praticadas a melhor maneira era de que tais jogos fossem regulamentados. Daí começaram a surgir as regras nesses jogos, criando-se assim as regras do Futebol e do Rugby, além de outros jogos (ELIAS; DUNNING, 1992).

Porém, tais jogos haviam sido regulamentados apenas nas escolas da elite inglesa. Era preciso regulamentar esses jogos também entre as classes mais "baixas" da sociedade inglesa. O início do século XIX foi o período do ápice da primeira Revolução Industrial na Inglaterra. A classe operária já estava praticamente consolidada e já começava a ter a sua consciência de classe. A classe operária inglesa também praticava esses jogos, principalmente nos horários livres que foram conquistando no processo de conscientização de classe e do movimento operário sindical.

No entanto estes jogos eram muito violentos e por vezes eram praticados sem regras algumas. Tal violência do esporte fazia com que a produção do operariado caísse, devido a lesões e cansaços, prejudicando assim o lucro dos grandes patrões da burguesia industrial. Era preciso, assim como foi feito nas escolas, regulamentar esses jogos, para torná-los menos violentos e trazê-los para dentro da esfera do controle do Estado. Tal regulamentação do Futebol foi expandida, com a ajuda do Estado, para toda a sociedade inglesa. A classe burguesa industrial triunfou, e suas regulamentações esportivas se massificaram, tornando o futebol em um esporte de massa (MCINTOSH, 1975).

Assim, a origem do Rugby e sua história em países mais tradicionais do esporte se mostraram mais bem difundidas, e juntamente com o Futebol tem origens históricas que se entrelaçam. Conforme apontado por Duarte (2000), a história moderna do Rugby possui aproximadamente 190 anos, entretanto existem indícios de jogos similares praticados há 2000 anos por tropas romanas. Na idade média existem também registros de jogos caracterizados por chutes e empurrões com objetivo de levar uma bola de um vilarejo a outro. A história clássica e mais difundida de como surgiu o Rugby conta que, em 1823, ao se frustrar durante uma partida de futebol que estava sendo realizada na cidade de Rugby, na Inglaterra, no *Rugby School*, o goleiro William Web Ellis pegou a bola com as mãos e correu em direção ao gol adversário para tentar efetuar o ponto. Os jogadores do time adversário, vendo essa ação, tentaram segurá-lo para impedir o seu progresso, surgindo o esporte conhecido como Rugby.

Segundo Elias e Dunning (1992) nos países colonizados pelos ingleses, o Rugby foi introduzido primeiramente na Austrália, em 1864, em seguida no Canadá, em 1868, na Nova Zelândia, em 1870, nos Estados Unidos da América do Norte, em 1874, e na África do Sul, em 1875. Nos demais países da Europa, podem-se citar a França, em 1872, a Itália, em 1911,

a Romênia, em 1915, Portugal, em 1920, e Espanha, em 1921. Na América do Sul, tem-se registro de que os primeiros clubes de Rugby surgiram em 1861, no Uruguai, e 1873, na Argentina. Em seguida ele é difundido no Chile, Paraguai, Peru, Venezuela e Colômbia.

De acordo com a Confederação Brasileira de Rugby - CBRu (2013), o Rugby foi introduzido no Brasil também no século XIX. Em 1875 foi fundado o primeiro clube de esportes no Rio de Janeiro, o Paissandu Cricket Club, no qual há registro de práticas ligadas ao “soccer” (futebol) e ao Rugby. O segundo clube, também criado no Rio de Janeiro em 1891, o Clube Brasileiro de Futebol Rugby, foi o primeiro a cultivar o Rugby no Brasil. Em 1895, Charles Miller organizou o primeiro time de Rugby brasileiro em São Paulo. Já em 1925, o Rugby começou a ser jogado regularmente e surgiram novas equipes em Santos e Rio de Janeiro. Em 1926 foi organizado o primeiro jogo de uma série de confrontos esportivos interestaduais entre São Paulo e Rio de Janeiro. Entre 1926 e 1940 eram realizados anualmente uma ou duas partidas entre equipes paulistas e cariocas, e foram realizados também jogos internacionais como contra os *Springboks* (seleção da África do Sul) em 1932 e contra a seleção britânica em 1936.

Durante o período da Segunda Guerra Mundial entre 1926 e 1946, o Rugby deixou de ser jogado devido ao recrutamento dos estrangeiros residentes no Brasil e brasileiros adeptos do Rugby. Em 1947, o Rugby voltou a ser praticado. Já na década de 60, os jogadores sócios do SPAC (São Paulo Athletic Clube) começaram a jogar representando o clube, criando a Aliança Rugby Football Clube formado por franceses, ingleses, argentinos e alguns poucos brasileiros. Surgiu também nessa década o São Paulo Rugby Football Clube, composto pela colônia japonesa. Nesse momento surgiu a necessidade da criação de uma entidade organizadora do esporte e, no dia 6 de outubro de 1963 foi fundada a URB (União de Rugby do Brasil) por Harry Donovan, com sede em São Paulo. A partir da criação da URB foram organizados campeonatos maiores como III Campeonato Sul Americano de Rugby, onde o Brasil foi vice-campeão. Com o esporte em evolução no fim da década de 60 e início da década de 70, as categorias infanto-juvenil, juvenil e universitária foram estimuladas. Ocorreram jogos entre equipes do Colégio Liceu Pasteur, São Paulo Athletic Clube, e Bertioxa Rugby Clube na categoria juvenil, e entre equipes da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e a Escola de engenharia da Universidade Mackenzie, na categoria universitária, respectivamente, nos anos 1964 e 1966. Nesse mesmo período o Rugby voltou a ser jogado regularmente no Rio de Janeiro.

No dia 20 de dezembro de 1972, a URB foi substituída pela ABR, a Associação Brasileira de Rugby, sendo reconhecida pelo Conselho Nacional de Desportos, marcando uma

nova fase do Rugby brasileiro. Com o objetivo de poder obter apoio financeiro das entidades governamentais, atendendo à legislação esportiva vigente no Brasil daquela época, a ABR, após três décadas, estruturou e difundiu o esporte, chegando ao patamar atual. No dia 15 de janeiro de 2010, a ABR se transformou na CBRu (Confederação Brasileira de Rugby) se adequando à estrutura da gestão esportiva brasileira (demanda da nova legislação esportiva no Brasil) e ao surgimento de diversas federações estaduais de Rugby. Além disso, a escolha do Rugby Sevens como modalidade olímpica a partir dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, incentivou tal mudança (CBRU, 2013).

Atualmente são disputadas várias competições nas categorias adulto, feminino, juvenil e universitário no país segundo a CBRu (2013). As principais competições realizadas são o Super 10 (Campeonato Brasileiro de Rugby da Primeira Divisão), Copa do Brasil (Campeonato Brasileiro da Segunda Divisão), o Campeonato Brasileiro de Seven's e o Campeonato Paulista e o Campeonato Paulista do Interior. Também são disputadas a Liga Sul de Rugby, Campeonato Paranaense e o Campeonato Fluminense Adulto. No momento, quatorze estados (Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo) possuem equipes de Rugby, que praticam o desporto em diversas categorias e destes, sete estados possuem federações. A Seleção Brasileira de Rugby XV é filiada à IRB (*International Rugby Board*), classificada atualmente entre as 30 melhores seleções do mundo, segundo o ranking mundial da entidade.

Desta maneira, considerando todos os aspectos que envolvem as duas referidas modalidades, seus significados particulares e suas histórias, o objetivo do presente estudo é comparar os traços de personalidade apresentados pelos grupos de modalidades Rugby e Futebol. Ressalta-se que o estudo contou com a preciosa colaboração de amigos parceiros de pesquisa, sendo a Psicóloga e pesquisadora Dra. Priscilla Marck Rodrigues e o psicólogo e pesquisador Diego Alves Tajés.

No que tange aos dados coletados neste estudo, colaboraram com a pesquisa 46 atletas de alto rendimento, sendo 21 sujeitos (45,7%) de uma equipe de Rugby, composta por 18 atletas do sexo masculino e apenas 3 atletas do sexo feminino. O segundo grupo foi composto por 25 sujeitos (54,3%) de uma equipe de Futebol, composta apenas por atletas do sexo masculino. As escolaridades em ambas modalidades variaram do ensino fundamental ao ensino superior, com maior proporção de atletas com nível de escolaridade de ensino médio. Os atletas atuam em equipes de alto rendimento, sendo cada grupo de modalidade de uma cidade diferente no interior do estado de São Paulo. As idades dos participantes variaram de

18 a 35 anos, com média de 22,10, mediana 21 anos e desvio padrão de 4,74 para o grupo de Rugby, e de 20 a 36 anos, com média de 29,6 anos, mediana e moda de 30 anos e desvio padrão de 4,01 para o grupo de Futebol.

A ferramenta utilizada para avaliação da personalidade dos atletas foi a Bateria Fatorial de Personalidade (NUNES et al., 2010), já descrita anteriormente. O procedimento de coletas de dados foi realizado por diferentes aplicadores em cada grupo de modalidade, em dias variados, porém ambos realizados entre os meses de abril e junho de 2013. O agendamento da aplicação aconteceu por meio de contato com os responsáveis técnicos dos atletas, e coletado somente após a prévia autorização por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Antes da aplicação os participantes foram informados dos objetivos do uso do instrumento e da pesquisa. Posteriormente foi realizada a aplicação do instrumento BFP coletivamente. Para a análise de dados, foi utilizado o programa estatístico SPSS versão 17.0.

Com luz aos objetivos já descritos a respeito do presente estudo, as informações a seguir referem-se aos resultados obtidos a partir coleta de dados na Bateria Fatorial de Personalidade (BFP), nos referidos grupos de esportistas. No que se refere à fidedignidade geral da escala, considerada a partir da análise da precisão dos 126 itens (escala total) na amostra geral, composta pelas duas modalidades, verificou-se um coeficiente alfa de Cronbach de 0,89. Resultados semelhantes também foram encontrados com a escala total, para cada modalidade, sendo que o coeficiente alfa de Cronbach da equipe de Rugby foi de 0,91, e da equipe de Futebol de 0,86. Os fatores que compõe a bateria também apresentaram índices de coeficiente alfa de Cronbach satisfatórios, conforme pode ser observado na tabela 33.

Tabela 33. Precisão por Alpha de Cronbach para os cinco grande fatores

FATOR	Rugby	Futebol	Amostra Geral Esporte	Manual BFP
Neuroticismo	0,91	0,84	0,89	0,89
Extroversão	0,76	0,74	0,74	0,84
Socialização	0,75	0,65	0,69	0,85
Realização	0,80	0,78	0,81	0,83
Abertura	0,40	0,67	0,56	0,74

Conforme exposto na tabela 33, os índices apresenta-se satisfatórios em sua maior parte, isto é, superior a 0,70, o que permite inferir que o teste possui um bom nível de precisão, sendo considerado um instrumento confiável para a medida do respectivo construto

neste grupo analisado. Destaca-se contudo, assim como nos outros estudos anteriores, que o fator Abertura apresentou índices mais rebaixados de alfa de Cronbach, exigindo que os dados oriundos deste fator sejam analisados com mais cautela, e que novos estudo sejam replicados para verificar a consistência dos dados em equipes esportivas no que se refere a abertura a novas ideias, liberalismo, busca por novidades, facetas que compõe este fator da escala.

Observa-se ainda que foi a equipe de Rugby que apresentou níveis de consistência interna do fator Abertura mais rebaixados, sugerindo que há mais erro de medida para essa população, podendo estar relacionada ao tipo de linguagem ou descontextualização referente as questões oriundas do esporte, nos itens que compõe este fator da BFP.

De acordo com o autores do manual da BFP, diferenças relacionadas a consistência interna são mais perceptíveis em facetas que possuem itens que podem envolver maior desejabilidade social, nos quais as pessoas apresentem uma tendência a responder de maneira mais adequada socialmente, o que pode gerar um problema de pouca consistência entre respostas (NUNES et al., 2010). Em complemento, podemos também inferir que alguns itens podem ser considerados pouco aplicáveis à realidade desse grupo, por não se tratar de itens específicos do contexto, podendo gerar ambiguidade de interpretação para àquele que se submete a escala.

Após a verificação da consistência dos dados oriundos da aplicação da BFP no grupo de esportista, procurou-se analisar a pontuação dos atletas em suas modalidades específicas e apresentar os dados de normatização do manual do instrumento para comparação posterior. Tais achados podem ser observados na tabela 34.

Tabela 34. Descrição da pontuação da amostra Rugby e Futebol

FATOR / FACETA	Rugby		Futebol		Amostra Total: Rugby + Futebol		Manual BFP	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
NEUROTICISMO (NEU)	3,59	0,87	2,90	0,82	3,21	3,21	3,19	1,00
N1. Vulnerabilidade	3,86	1,14	2,96	0,98	3,37	1,14	3,49	1,23
N2. Instabilidade	3,53	1,19	3,00	1,07	3,24	1,15	3,68	1,42
N3. Passividade	4,28	0,98	3,36	1,15	3,78	1,16	3,45	1,24
N4. Depressão	2,66	1,05	2,30	1,12	2,46	1,09	2,33	1,11
EXTROVERSÃO (EXT)	4,31	0,66	4,54	0,79	4,43	0,73	4,34	0,87
E1. Nível de comunicação	4,01	0,85	4,53	1,11	4,29	1,02	4,28	1,28
E2. Ativez	3,59	1,15	3,55	1,07	3,57	1,09	3,67	1,07
E3. Dinamismo	4,61	0,91	5,00	0,91	4,82	0,92	4,79	1,03
E4. Interações sociais	4,98	0,79	5,06	0,95	5,03	0,87	4,82	1,11

SOCIALIZAÇÃO (SOC)	4,92	0,62	5,25	0,40	5,10	0,53	5,30	0,75
S1. Amabilidade	5,42	0,73	5,75	0,70	5,60	0,73	5,59	0,93
S2. Pró-sociabilidade	4,88	0,94	5,72	0,57	5,33	0,87	5,59	1,01
S3. Confiança nas pessoas	4,45	0,99	4,28	0,75	4,36	0,86	4,73	1,01
REALIZAÇÃO (REA)	4,75	0,58	5,23	0,63	5,01	0,64	4,96	0,82
R1. Competência	4,90	0,70	5,64	0,84	5,30	0,86	5,17	0,93
R2. Ponderação	4,79	0,76	5,21	0,88	5,02	0,85	4,92	1,20
R3. Empenho	4,56	0,78	4,84	0,84	4,71	0,81	4,78	1,07
ABERTURA (ABE)	4,38	0,52	4,17	0,51	4,26	0,52	4,68	0,72
A1. Abertura a ideias	4,01	0,98	4,05	0,86	4,03	0,90	4,58	1,02
A2. Liberalismo	4,43	0,89	4,10	0,74	4,25	0,82	4,84	1,01
A3. Busca por novidades	4,70	0,79	4,35	0,92	4,50	0,87	4,61	1,03

Para estudar a diferença de médias das pontuações dos atletas no referido teste, no que tange as suas respectivas modalidades e em relação aos dados de normatização do manual do instrumento, realizou-se uma comparação das médias por meio do *Test t* de *Student*. Os resultados desta análise podem ser observados na tabela 35.

Tabela 35. Comparação entre médias por meio do teste t de Student

Origem dos dados	Diferença de média significativa* nos fatores e facetas
Rugby x Futebol	N1, N3, S2, R1, NEU, SOC e REA
Amostra Total Esporte x Manual BFP	N2, S2, S3, A1, A2, SOC e ABE
Rugby x Manual BFP	N3, S2, A1, A2, NEU, SOC e ABE
Futebol x Manual BFP	N1, N2, S3, R1, A1, A2, REA e ABE

(*) $p < 0,05$ e $t > 2,0$.

Verifica-se por meio da tabela 35, que os grupos apresentaram pontuações médias distintas entre as modalidades investigadas e também em relação a amostra do manual de padronização do instrumento nos fatores e suas facetas. Contudo, observou-se por meio da análise de comparação entre médias (tabela 34), que a diferença de média só foi significativa estatisticamente em alguns fatores e facetas, seja ao comparar modalidades esportivas, ou mesmo entre os resultados das equipes esportivas em comparação a amostra de sujeitos que participaram da normatização do teste.

No que se refere ao fator Vulnerabilidade ao sofrimento (N1), verifica-se que a modalidade Rugby apresentou médias mais elevadas em relação a equipe de Futebol, e ao comparar a classificação média nas duas modalidades, enquanto a primeira equipe é

classificada no percentil 60 desta faceta, a equipe de Futebol apresentou um percentil 40. Apesar do manual do instrumento classificar ambos os percentis como “dentro da média”, tal diferença se mostrou estatisticamente significativa entre as modalidades. O gráfico da figura 15 ilustra as pontuações médias de acordo com o grupo amostral. Tais resultados nos permitem inferir que o grupo de atletas de Rugby demonstraram tender a vivenciar com um pouco mais de intensidade o sofrimento emocional, presença de ansiedade, dificuldade maior para tolerar a frustração causada pela não realização de desejos e respostas de *coping* mal adaptadas, em comparação com a equipe de Futebol.

Figura 15. Comparação das médias entre as pontuações do fator Neuroticismo

Verificou-se também que esta faceta Vulnerabilidade ao sofrimento (N1) apresentou um pequeno decréscimo na média de pontuação do grupo de esportistas da modalidade Futebol, em comparação a amostra geral do manual da BFP. Apesar do resultado entre o manual e esta modalidade representar apenas uma variação de 10 pontos de percentil, nos permite inferir que este grupo de esportista tende a vivenciar com um pouco menos intensidade o sofrimento emocional. Ainda em relação a variável N1, deve-se atentar que padrões rebaixados de classificação também podem indicar maior independência emocional, e rebaixada preocupação com as opiniões dos demais.

Foi observado em relação ao fator Instabilidade Emocional (N2), no qual o grupo de esportistas (somando as duas modalidades) apresentaram resultados um pouco mais

rebaixados nesta faceta em relação a amostra de normatização da BFP. Resultados abaixo da média nesta faceta indicam pessoas que apresentam poucas variações de humor, que geralmente não tomam decisões de forma impulsiva e que apresentam alta tolerância a frustrações. Contudo, ressalta-se que a diferença de percentil foi de apenas 10 pontos, e a classificação dos esportistas continua dentro do nível considerado “dentro da média”, denotando portanto maior flexibilidade, uma vez que em algumas situações a pessoa pode demonstrar certa característica mais intensamente e em outras, não.

Outra faceta com diferenças significativas estatisticamente entre grupos foi a faceta Passividade / Falta de Energia (N3). Enquanto a equipe de Futebol apresentou resultados dentro da média, muito próxima da amostra geral do manual, a modalidade Rugby mostrou resultados mais elevados. Segundo os autores do manual da BFP, escores mais elevados nesta faceta tendem a apresentar um comportamento de procrastinação, tendo dificuldade para iniciar tarefas, podendo vir a apresentar dificuldade para manter a motivação em afazeres longos ou difíceis, tendendo a abandoná-los antes de sua conclusão. Os autores também complementam que pessoas com perfil elevado necessitam de estímulo externo para conseguirem levar adiante seus planos e, com frequência, abstêm-se de tomar decisões mesmo sobre assuntos de seu interesse. Reforça-se que o percentil médio da equipe de Rugby equivale a 70, ainda considerado pelos autores dentro da média, porém por se tratar de um percentil próximo a classificação alta, os dados devem ser considerados com atenção nesta faceta.

Ainda sobre o fator Neuroticismo, também verifica-se que o grupo de Futebol apresentou médias próximas as da amostra geral do manual, enquanto a equipe de Rugby apresentou média de pontuação mais elevada, mantendo-se dentro da classificação media, mas próximas a classificação alta. Segundo os autores do teste, pessoas com níveis de Neuroticismo mais elevado tendem a vivenciar de forma mais intensa sofrimento psicológico, instabilidade emocional e vulnerabilidade, além de relatarem ter experiências intensas de eventos negativos, dando pouca ênfase aos aspectos positivos dos fatos (NUNES et al., 2010).

Em relação ao fator Extroversão e suas facetas, apesar de ser observado algumas variações de média entre os grupos e também em relação a amostra do manual, não evidenciou-se diferenças estatisticamente significativas. Tais resultados podem corroborar para uma não inclinação de necessidade de criação de normas específicas para grupos do esporte, já que os resultados deste contexto específico não se mostram particularidades em relação a amostra geral do manual do referido teste. O gráfico da figura 16 elucida as pontuações médias de acordo com o grupo amostral.

Figura 16. Comparação das médias entre as pontuações do fator Extroversão

Vale destacar que se trata de uma amostra de esporte pouco representativa, em razão do número baixo de sujeitos, e que novos estudos especificamente com o fator Extroversão devem ser realizados para verificar a não necessidade de normas peculiares, considerando sobretudo a investigação em modalidades esportivas diferenciadas, já que as amostras desta pesquisa, apesar de serem de modalidades diferentes, ainda estão dentro do mesmo perfil ao considerar se tratarem de modalidade de contato e coletiva, entre outras características comuns do Rugby e Futebol.

Já em relação ao fator Socialização, observou-se diferenças estatisticamente significativas na faceta Pró-sociabilidade (S2), com maior destaque em relação a equipe de Rugby, seja na diferença com a outra modalidade, assim como também da amostra de padronização do manual, mostrando-se muito mais rebaixada, conforme pode ser observado na figura 17. De acordo com o manual da BFP, pessoas com baixas pontuações em pró-sociabilidade tendem a envolverem-se em situações que podem colocá-los, ou às demais pessoas, em perigo, por apresentam pouca preocupação em seguir leis e regras sociais, podendo apresentar uma visão que minimiza, ignora ou desqualifica a sua importância. Indivíduos com baixos resultados em Pró-sociabilidade podem ser manipuladores, agindo ativamente para que as demais pessoas façam o que eles desejam. Podem apresentar um

padrão hostil de interação com os demais, tratando-os de forma desrespeitosa ou opositora. Já a modalidade Futebol apresentou resultados muito próximos da média da amostra geral do manual.

Figura 17. Comparação das médias entre as pontuações do fator Socialização

A faceta S3 denominada de Confiança nas pessoas, apresentou diferenças de média significativas entre a equipe de Futebol e a amostra do manual da BFP, assim como resultado análogo também foi observado, considerando a amostra total do contexto esportivo. Segundo descrições do manual da BFP, indivíduos com escores mais rebaixados nessa escala podem relatar uma percepção de que as pessoas podem tentar prejudicá-las em diferentes contextos, tendem a ser mais ciumentas no que diz respeito às relações amorosas e a apresentar certa dificuldade em desenvolver intimidade com os demais. A equipe de Rugby também apresentou um resultado um pouco abaixo da média, porém tal diferença não se mostrou significativa estatisticamente.

Por fim, no que se refere ao grande fator Socialização, foi observado diferenças de média estatisticamente significativas entre a modalidade Rugby e a modalidade futebol e a amostra geral do manual, e também entre a amostra geral do esporte e a amostra geral do manual da BFP. Em razão de percentis rebaixados entre 30 e 35, tais resultados permitem indicar tendência a ser mais hostis com os demais, incluindo uma postura manipuladora, em razão do seu próprio benefício. Em razão disso, há uma tendência maior a desconfiança em relação aos outros. Pessoas com escores baixos em Socialização relatam ter poucos amigos ou pessoas significativas. Podem apresentar padrões mais elevados de consumo de substâncias

psicoativas, bem como quebra de leis e regras sociais, infidelidade recorrente e outros comportamentos associados ao transtorno Antissocial, quando muito rebaixado.

Outro dado investigado foi o fator Realização, no qual dentre suas facetas, apenas aquela relacionada a Competência (R1) apresentou diferenças de média estatisticamente significativa entre Rugby e Futebol, no qual a média da equipe de Rugby mostrou-se mais rebaixada em relação ao Futebol, e também diferença significativa entre os resultados da modalidade futebol e as normas da amostra geral da BFP, com pontuações mais elevadas para o contexto do Futebol. Resultados de níveis de significância semelhantes foram observados entre Rugby e Futebol, e entre esta segunda modalidade e a amostra geral do manual da BFP em relação ao fator Realização. O gráfico da figura 18 apresenta as pontuações médias de acordo com o grupo amostral.

Figura 18. Comparação das médias entre as pontuações do fator Realização

Conforme pode ser verificado no manual da BFP, a faceta Competência está relacionada ao quanto as pessoas buscam atingir suas metas e objetivos, e as predisposições para fazer sacrifícios pessoais. Esta faceta refere-se também à percepção que as pessoas apresentam sobre si sobre sua capacidade para realizar ações desafiantes e importantes. Assim, pode-se inferir que a equipe de Futebol apresentou-se com uma maior tendência a acreditarem no próprio potencial para realizar várias tarefas ao mesmo tempo, a gostar de atividades complexas e desafiadoras e a possuir clareza sobre seus objetivos de vida, em relação ao grupo de Rugby desta amostra, e também comparado a normatização geral do teste

BFP. Destaca-se que a modalidade Rugby ainda apresentou uma média mais rebaixada em relação a amostra geral do manual do teste, porém tal diferença não mostrou-se estatisticamente significativa, mas pode ser uma sugestão de dado a ser investigado com maior atenção. O fator Realização representa traços de personalidade que se relacionam com motivação para o sucesso, perseverança, capacidade de planejamento, nível de organização e pontualidade.

Por último, no que tange ao Fator Abertura e suas facetas, foi observado que as duas modalidades não apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre suas médias, porém, ambas as modalidades apresentaram diferenças com resultados muito rebaixados, Rugby com percentil 35 e Futebol com percentil 25, quando considerados em comparação a amostra geral de normatização do teste. Isso pode indicar uma necessidade de novos estudos com este fator e suas facetas dentro do contexto do esporte, sobretudo para analisar o que representa tais conteúdos investigados pelos itens deste fator, dado que além dos resultados das médias de pontuações neste escore terem sido rebaixadas, ainda verifica-se que a precisão desta subescala mostra-se com confiabilidade baixa, podendo vir a representar confusões por parte dos respondentes em relação aos itens, conforme já destacado anteriormente sobre a questão dos resultados de precisão do fator Abertura.

Figura 19. Comparação das médias entre as pontuações do fator Abertura

De qualquer modo, o fator Abertura relaciona-se a busca por novas experiências, e ao quanto os indivíduos mostram-se curiosos, imaginativos, criativos, divertem-se com novas ideias e com valores não convencionais. Classificações baixas nessa dimensão, segundo o

manual do teste, tendem a sugerir comportamento de pessoas convencionais nas suas crenças e atitudes, conservadoras nas suas preferências, dogmáticas e rígidas (COSTA; WIDIGER, 2002; NUNES et al., 2010).

No que tange as facetas, tanto em relação à Abertura a ideias (A1) assim como em Liberalismo (A2), os sujeitos apresentaram médias com diferenças significativas estatisticamente que corroboram com o parágrafo descrito anteriormente sobre o fator Abertura, com médias rebaixadas para ambas as modalidades do contexto esportivo, em relação ao manual do teste. Segundo os autores da BFP, indivíduos com baixos escores tendem a ser pouco curiosos em conhecer coisas novas, tendem a ser mais conservadoras e fiéis a seus gostos artísticos e possuem postura rígida quanto a conceitos. Já pontuações rebaixadas em Liberalismo (A2) podem indicar pessoas que não costumam relativizar valores e conceitos sociais, sendo mais dogmáticas. Usualmente defendem a ideia que os valores adotados não devem ser mudados com o passar do tempo.

Estes achados podem indicar a necessidade de mais estudos comparativos entre amostras de normatização dos instrumentos em grupos específicos do contexto esportivo, pois observa-se que há facetas que apresentam características diferentes quando se altera o contexto, isso pode relacionar-se aos traços específicos de esportistas quanto a sua forma de encarar os desafios, sua interação com as pessoas ao seu redor, seja cooperativamente ou competitivamente, e diferentes aspectos como percepção de esforço, superação de limites, entre outras características que diferem atletas de sujeitos que compreendem as amostras de normatização de instrumentos, que em geral, não são compostas por atletas e praticantes de atividades esportivas de programas de alto rendimento.

Considerando os objetivos do presente estudo de comparar o perfil médio dos atletas, e também analisar a adaptação do teste de personalidade utilizado para esta pesquisa, aplicado na análise de esportistas de alto rendimento, no que se refere à fidedignidade da escala verificou-se coeficientes satisfatórios na escala geral (126 itens). Verificaram-se também índices satisfatórios de precisão na maior parte dos fatores e facetas que compõe a escala, indicando que o instrumento mostra-se confiável para a medida do respectivo construto neste grupo analisado. Foi observado porém que a equipe de Rugby e Futebol apresentaram níveis de consistência interna do fator Abertura mais rebaixados, do que o considerado satisfatório, sugerindo a necessidade de mais estudos com os itens que compõe este fator da BFP dentro do contexto esportivo.

Foi observado que o grupo de atletas apresentou uma pontuação média próxima a da amostra do manual de padronização do instrumento na maior parte dos fatores e suas facetas.

De uma maneira geral, comparando as médias da amostra do manual com a amostra total do esporte (Rugby + Futebol), os fatores Socialização e Abertura foram aqueles que apresentaram médias um pouco mais rebaixada no contexto esportivo, assim como nas facetas Instabilidade emocional, pró-sociabilidade, confiança nas pessoas, abertura a ideias e liberalismo, também com médias estatisticamente significativas e mais rebaixadas do que a média do manual.

Porém, destaca-se que fica evidenciado diferenças significativas estatisticamente, quando compara-se os atletas de modalidades diferentes, nas quais pode-se destacar médias mais elevadas para a equipe de Rugby quanto ao fator Neuroticismo e suas facetas, e também média mais elevada na faceta Confiança nas pessoas, assim como no fator Abertura e suas facetas. Já a modalidade futebol apresentou médias mais elevadas nos fatores Extroversão, Socialização e Realização, juntamente com as respectivas facetas ao comparar com a média da amostra de normatização da BFP.

O fator Abertura e suas facetas também apresentaram diferenças nas pontuações quando comparado com as amostras de padronização do manual do instrumento, apresentando-se de maneira mais rebaixada no grupo de atletas de ambas modalidades, de forma estatisticamente significativa. De acordo com o manual do instrumento, classificações baixas nessa dimensão tendem a sugerir comportamento de pessoas convencionais nas suas crenças e atitudes, conservadoras nas suas preferências, dogmáticas e rígidas. Porém, destaca-se que a equipe de Futebol apresentou média mais elevada no que se refere a Busca por novidades, mas tal diferença não apresentou nível de significância considerável.

Em conclusão, tais achados, acima de tudo, se propõem a indicar a necessidade de mais estudos comparativos entre amostras de normatização em grupos característicos do contexto esportivo, considerando a existência de facetas que apresentam particularidades diferentes quando se altera o contexto. Algumas diferenças existentes entre o perfil médio nos fatores e facetas do instrumento em relação a modalidade esportiva também sugerem maior necessidade de investigação da influência da modalidade, quiçá do posicionamento em campo, estilo de competição, entre outras variáveis externas que podem apresentar diferenças de perfis. Ressalta-se por último que a avaliação psicológica é um processo dinâmico, no qual a utilização de testes psicológicos é apenas uma parte de todo o processo avaliativo, e que a escolha da técnica a ser utilizada é fator fundamental para uma avaliação com qualidade, responsabilidade e ética.

4.6. ESTUDO 6 - Perfil de personalidade no Atletismo: aspirantes e aprovados em um programa de olimpismo

O objetivo do presente estudo é investigar o perfil do esportista da modalidade atletismo, por meio da análise do papel desempenhado pela personalidade no contexto esportivo, à partir da aplicação da subescala Neuroticismo, da Bateria Fatorial de Personalidade (BFP), na identificação de traços de personalidade de participantes em um processo seletivo para um programa de treinamento de atletas de alto desempenho na modalidade Atletismo.

Entre os objetivos do referido programa de atletismo, visa oferecer uma oportunidade na prática da cidadania e no desenvolvimento das potencialidades infanto-juvenis, pelo patrocínio de ações esportivas, culturais e educacionais. Também destacam-se a transmissão dos valores do esporte tais como a disciplina, sociabilidade, solidariedade, companheirismo, desenvolvimento físico e motor. Objetiva-se também proporcionar a prática do atletismo às comunidades carentes, revelando talentos. O instituto é uma entidade sem fins lucrativos, de direito Privado, classificada como OSCIP (Organização da Sociedade Civil de interesse Público), pelo Ministério da Justiça, atuando no terceiro setor.

Atualmente o projeto atende cento e vinte crianças e jovens, à partir dos doze anos, proporcionando orientação esportiva e cidadania, uniforme, complemento alimentar e participações em eventos competitivos. Os núcleos de desenvolvimento do projeto se localiza em Brasília e abrange as cidades e subdistritos aos redor. Ressalta-se que este estudo contou com o apoio do instituto que promove o programa e a dedicação do parceiro de pesquisa, amigo e psicólogo Paulo Vinícius Carvalho Silva, dos quais os limites da pesquisa em parceria não se restringem aos achados contidos neste manuscrito.

Segundo Teixeira (1995) o Atletismo é considerado o esporte-base, pois segundo faz uso das principais características básicas do homem, dividindo-as em três tipos, provas como as corridas, os saltos e os arremessos e lançamentos, todas originárias de atividade naturais e fundamentais do homem desde seus primórdios, e porque o desenvolvimento dessas habilidades é essencialmente necessário para a prática ou execução de gestos esportivos ou atléticos em outras modalidades esportivas além do aprimoramento físico, mental e motor.

Contudo, faz-se uma ressalva que no programa em que os resultados foram coletados, os atletas participavam apenas de competições de corrida. Assim sendo, participaram da coleta de dados 237 sujeitos de um processo seletivo do Programa Rumo ao Pódio Olímpico (PRPO) em uma cidade do interior do estado de São Paulo. A amostra foi composta por 84%

de sujeitos do sexo masculino, as idades dos participantes variaram de 14 a 21 anos ($M=16,63$; $DP=1,67$).

Tabela 36. Estatística descritiva do grupo amostral do atletismo

Sexo	Grupo de 237 jovens		Grupo do PRPO (30 jovens)	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Masculino	199	84%	26	86,7%
Feminino	38	16%	4	13,3%
Média de Idade	16,63 ($DP=1,667$)		16,73($DP=1,721$)	

Nesta pesquisa foi utilizada somente a subescala Neuroticismo da Bateria Fatorial de Personalidade (BFP). A primeira versão da Escala Fatorial de Neuroticismo (EFN) é composta por 82 itens, divididos em quatro subescalas: vulnerabilidade, desajustamento psicossocial, ansiedade e depressão (HUTZ; NUNES, 2001). Já em relação a escala aplicada nesta pesquisa, utilizou-se da versão da subescala Neuroticismo retirada do teste BFP, composta por 29 itens que descrevem as facetas: Vulnerabilidade ao sofrimento (VU), Instabilidade emocional (IN), Passividade/Falta de energia (PA) e Depressão (DE). O fator Neuroticismo tem sido considerado, no modelo dos CGF, o mais associado às características emocionais das pessoas. Refere-se ao nível crônico de ajustamento e instabilidade emocional dos indivíduos e representa as diferenças individuais que ocorrem quando pessoas experienciam padrões emocionais associados a desconforto psicológico (aflição, angústia, sofrimento, etc.) e os estilos cognitivos e comportamentais decorrentes (MCCRAE; JOHN, 1992). Pessoas com altos níveis de Neuroticismo são propensas a vivenciar mais intensamente sofrimentos emocionais. Neuroticismo também inclui ideias irreais, ansiedade excessiva ou dificuldade para tolerar a frustração causada pela não saciação de um desejo e respostas de *coping* mal adaptadas.

O procedimento de coletas de dados foi realizado em uma única aplicação, durante o PRPO, já descrito anteriormente. Os atletas respondiam ao instrumento assim que terminavam a prova de corrida, no intervalo entre a próxima bateria de corrida. Vale ressaltar que os testes foram aplicados no contexto de uma pesquisa (não tiveram peso na definição dos atletas que passariam para as outras fases da seletiva).

Considerando os objetivos do presente estudo, as informações a seguir referem-se aos resultados obtidos a partir coleta de dados na subescala Neuroticismo da Bateria Fatorial de Personalidade (NUNES et al., 2010), no grupo de esportistas. Inicialmente será apresentada a precisão do instrumento, seguido de estudos de correlação e influências de variáveis tais como

idade, sexo, aprovados em etapas do processo, entre outras, e também análises das variações de médias dos totais de pontos nas facetas em relação a estas variáveis.

No que se refere à precisão geral da escala, considerada como índice geral de Neuroticismo, verificou-se um coeficiente alfa de Cronbach de 0,93. Como o índice apresenta-se satisfatório, isto é, superior a 0,70, pode-se inferir que o teste possui um bom nível de precisão, sendo considerado um instrumento confiável para a medida do respectivo construto neste grupo analisado. As demais facetas apresentaram os seguintes índices satisfatórios de coeficiente alfa de Cronbach: VU=0,85 (9 itens); IN=0,73 (6 itens); PA=0,74 (6 itens) e DE=0,77 (8 itens).

Para estudar a relação da pontuação dos atletas são apresentadas as estatísticas descritivas, conforme tabela 37. A partir destes dados observa-se que o grupo de atletas apresentou um resultado mais rebaixado em Neuroticismo comparado com o grupo geral de padronização da escala, assim como também em relação às facetas: Vulnerabilidade ao sofrimento, Instabilidade e Passividade. Já em relação à faceta Depressão os resultados dos atletas foi mais elevado comparado com a amostra geral desta faceta no manual do referido instrumento.

Tabela 37. Descrição da pontuação do grupo de atletas

PONTUAÇÃO	VU	IN	PA	DE	NEU
N	237	237	237	237	237
Média	3,02	3,05	3,00	2,51	2,90
Mediana	2,78	3,00	2,72	2,25	2,73
Moda	2,33	4,00	2,00	1,50	1,35a
DP	1,23	1,17	1,18	1,10	1,02
Min.	1,00	1,00	1,00	1,00	1,30
Máx.	6,67	7,00	6,83	5,75	6,31
Média Manual	3,49	3,68	3,45	2,33	3,19
DP Manual	1,23	1,42	1,24	1,11	1,00
N Manual	3322	3299	2351	3301	3291

a. Múltiplas modas existentes. O menor valor é apresentado.

Procurou-se também verificar se haviam variações de médias significativas estatisticamente entre os resultados dos atletas, também por meio do teste *t* de *Student* dos dados encontrados comparando agora apenas os 50 atletas aprovados para a próxima fase do programa. Considerando se tratar de um processo de seleção de atletas, que contou com uma equipe multidisciplinar para a escolha dos 50 candidatos a continuarem no processo, podemos

considerar que estes atletas poderiam ser considerados como “mais bem preparados” logo, com um perfil mais próximo do esperado para o esportista do atletismo. Os resultados obtidos comparando os aprovados nesta etapa e os reprovados, podem ser apreciados na tabela 38.

Tabela 38. Comparação das médias da equipe dos 50 atletas

Facetas/Fator	N	Média	<i>t</i>	<i>p</i>	%til	<i>Classificação Interpretativa*</i>
Vulnerabilidade	50	2,68	-2,20	< 0,05	30	Média
	187	3,11	-2,42		40	Média
Instabilidade Emocional	50	2,53	-3,59	< 0,001	30	Média
	187	3,18	-4,24		40	Média
Passividade	50	2,66	-2,33	< 0,05	30	Média
	187	3,10	-2,74		45	Média
Depressão	50	2,22	-2,14	< 0,05	55	Média
	187	2,59	-2,36		65	Média
NEUROTICISMO	50	2,52	-2,94	< 0,05	30	Média
	187	2,99	-3,45		45	Média

* Segundo manual da BFP (NUNES et al., 2010).

Os resultados da tabela 38 sugerem diferenças de média significativas estatisticamente entre todas as variáveis de personalidade investigadas, tanto para o fator Neuroticismo, como em suas facetas. Tais resultados, apesar de não evidenciarem diferenças percentílica que justificariam a alteração da interpretação da magnitude dos resultados entre os 50 aprovados e os demais, segundo o manual do teste, observam-se médias mais rebaixadas para este primeiro grupo, conforme pode ser observado no gráfico da figura 20.

Figura 20. Comparação das médias da equipe dos 50 atletas

Desta maneira, considerando que este fator descreve características emocionais das pessoas, de acordo com a interpretação sugerida no manual do instrumento, escores baixos indicam indivíduos geralmente mais calmos, relaxados, estáveis e menos agitados. Porém, baixos escores não significam necessariamente que o indivíduo tenha boa saúde mental. Escores mais elevados indicariam indivíduos que são mais propensos a vivenciar mais intensamente sofrimento emocional com ideais dissociadas da realidade, ansiedade excessiva, dificuldade para tolerar frustração causada pela não realização de desejos e respostas de *coping* mal adaptadas, ansiedade, hostilidade, depressão, baixa autoestima, impulsividade e vulnerabilidade. De forma que estes atletas selecionados para a próxima etapa mostraram, do ponto de vista do Neuroticismo, respostas mais adaptadas às necessidades do contexto, entre elas, maior estabilidade emocional, menor propensão ao sofrimento emocional, menor passividade etc.

Dando continuidade aos estudos, procurou-se também evidenciar se as variações entre os resultados dos atletas mostravam-se significativas estatisticamente, também por meio do teste *t* de *Student*, comparando agora os 30 atletas selecionados na segunda etapa classificatória. Os resultados obtidos podem ser apreciados na Tabela 39.

Tabela 39. Comparação das médias da equipe dos 30 atletas

Facetas/Fator	N	Média	<i>t</i>	<i>p</i>	% <i>til</i>	<i>Classificação Interpretativa*</i>
Vulnerabilidade	30	2,69	-1,59	0,112	30	Média
	207	3,07	-1,79		40	Média
Instabilidade Emocional	30	2,52	-2,68	< 0,05	30	Média
	207	3,12	-3,90		40	Média
Passividade	30	2,75	-1,25	0,214	35	Média
	207	3,04	-1,44		45	Média
Depressão	30	2,11	-2,15	< 0,05	50	Média
	207	2,57	-2,63		65	Média
NEUROTICISMO	30	2,52	-2,19	< 0,05	30	Média
	207	2,95	-2,84		45	Média

* Segundo manual da BFP (NUNES; HUTZ; NUNES; 2010).

Em relação às diferenças entre os grupos, observa-se que a equipe apresentou diferenças de médias estatisticamente significativas em relação as facetas Instabilidade Emocional e Depressão e com o fator Neuroticismo, indicando médias mais baixas para a equipe dos 30 atletas finalistas do processo. A figura 21 possibilita uma visualização das pontuações entre as equipes.

Figura 21. Comparação das médias da equipe dos 30 finalistas

Estes resultados permitem inferir que esta equipe dos finalistas apresentam escores baixos na faceta Instabilidade Emocional que sugere um humor relativamente mais estável, com menor manifestações de impulsividade e tendência a tolerância a frustrações mais elevadas, quando comparado com os demais atletas investigados que não compõem o grupo dos finalistas. Já indivíduos que apresentam escores mais baixos em Depressão tendem a ter uma expectativa muito positiva em relação ao seu futuro, acreditando em sua capacidade para lidar com as eventuais dificuldades que podem ocorrer.

Ainda vale a pena destacar, e acredito que esta seja uma pergunta que o leitor esteja se indagando, se os resultados em relação a comparação entre os 50 selecionados na primeira etapa e os 30 selecionados na segunda etapa (etapa final) apresentaram diferenças. Contudo, não foram observadas diferenças significativas ao compararmos as médias destes 30 atletas com o grupo dos 50 finalistas, que incluem os demais 20 atletas que não passaram na última etapa do processo seletivo.

Ressalta-se que os resultados desta pesquisa apontaram um alto grau de fidedignidade da escala, ou seja, a variabilidade entre as respostas não ocorre por acaso e sim devido a aspectos realmente ligados à personalidade dos atletas. Isso é importantíssimo para que a escala seja considerada válida, o que permite que ela seja utilizada em outros estudos e também em futuras reaplicações da escala a esse mesmo grupo de atletas. A tabela 38 informa todos os dados da comparação entre os grupos.

Tabela 40. Comparação das médias dos atletas em relação ao manual da BFP

Facetas/Fator	Equipe	N	Média
Vulnerabilidade	50 atletas	50	2,68
	30 atletas	30	2,69
	Grupo Atletismo	237	3,02
	Amostra Manual	3322	3,49
Instabilidade Emocional	50 atletas	50	2,53
	30 atletas	30	2,52
	Grupo Atletismo	237	3,05
	Amostra Manual	3299	3,68
Passividade	50 atletas	50	2,66
	30 atletas	30	2,75
	Grupo Atletismo	237	3,00
	Amostra Manual	2351	3,45
Depressão	50 atletas	50	2,22
	30 atletas	30	2,11
	Grupo Atletismo	237	2,51
	Amostra Manual	3301	2,33
NEUROTICISMO	50 atletas	50	2,52
	30 atletas	30	2,52
	Grupo Atletismo	237	2,90
	Amostra Manual	3291	3,19

Por fim, é apresentado o gráfico da figura 22 para ilustrar as diferenças encontradas. Ressalta-se que não foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos em momentos diferentes da seleção (primeira e segunda etapa), mas que os dados se diferenciam da amostra do manual neste fator e facetas, quando comparado ao grupo de atletas, o que já seria uma evidência inicial da necessidade de normas específicas para esta modalidade esportiva.

Figura 22. Comparação das médias entre as pontuações das equipes

Para avaliar a influência da variável idade sobre os dados estudados, procedeu-se à prova de análise de variância (ANOVA), com nível de significância de 0,05 para se analisar as diferenças nesse grupo de idade. Contudo os resultados não sugeriram diferenças significativas em relação à variável idade e as pontuações e percentis alcançados pelos participantes.

Apesar de haverem diferenças nos resultados e observações empíricas, em estudos de comparação de médias, por meio de ANOVA e da correlação de Pearson a idade dos atletas não mostrou diferenças de resultados estatisticamente significativos, neste grupo estudado, demonstrando que a variável idade não apresenta variações neste grupo. Por último procurou-se também investigar as variações entre os resultados dos atletas em relação a variável sexo.

Para tal realizou-se um teste *t* de *Student* dos dados encontrados comparando os resultados de homens e mulheres. Os dados pode ser analisados na tabela 41.

Tabela 41. Comparação de médias por meio da variável sexo

	Sujeitos	N	Média	DP	<i>t</i>	gl (<i>df</i>)	<i>p</i>
Vulnerabilidade	Masc.	199	2,93	1,16	-2,72	235	0,007
	Fem.	38	3,51	1,37			
Instabilidade	Masc.	199	2,98	1,14	-1,88	235	0,061
	Fem.	38	3,37	1,29			
Passividade	Masc.	199	3,01	1,16	-0,07	235	0,946
	Fem.	38	3,02	1,31			
Depressão	Masc.	199	2,50	1,11	-0,48	235	0,629
	Fem.	38	2,59	1,07			
NEUROTICISMO	Masc.	199	2,85	1,01	-1,50	235	0,136
	Fem.	38	3,12	1,08			

Em relação às diferenças entre o sexo masculino e feminino, observa-se que apenas a faceta Vulnerabilidade ao sofrimento apresentou diferenças de médias estatisticamente significativas em relação ao gênero dos, indicando médias mais baixas para o sexo masculino. Este resultado permite inferir que os homens apresentam escores baixos na faceta Vulnerabilidade ao sofrimento e sinalizam uma tendência em ser mais independente emocionalmente em relação as mulheres, indicam também menor preocupação com a opinião dos outros, menor necessidade de agradar aos outros em suas ações e escolhas diárias, quando comparada com o grupo de atletas feminino.

O presente estudo demonstrou que a Bateria Fatorial de Personalidade foi sensível às diferenças, em alguns fatores e facetas, entre as amostras iniciais do processo do PRPO e os finalistas, que indicam aqueles sujeitos que foram classificados na seleção como “aptos” para

participarem do programa. Foram verificados nos instrumentos índices de confiabilidade satisfatórios, permitindo inferir um bom nível de precisão do teste.

Diante da importância da avaliação psicológica, como um processo integrado, que abrange várias etapas, uma delas podendo envolver a utilização de instrumentos psicológicos (ANASTASI; URBINA, 2000; PASQUALI, 2001), o presente estudo contribuiu para o aprofundamento de pesquisas de traços de personalidade em esportistas. Pasquali (1997) afirma que os testes psicológicos devem assegurar as características psicométricas básicas para sua utilização, permitindo qualificar uma avaliação como cientificamente respaldada. No processo de escolha do instrumento, é possível encontrar testes que preencham apenas parcialmente os requisitos necessários, exigindo uma análise que busca investigar até que ponto o teste avalia aquele aspecto que se pretende medir.

Pode-se observar a partir dos resultados encontrados que a amostra do contexto esportivo e a média da amostra de normatização do teste diferenciaram-se de maneira estatisticamente significativa em diferentes fatores e facetas, tanto na comparação entre os dados da amostra de normatização do teste, quanto entre modalidades, em determinadas variáveis da BFP.

Ressalta-se a necessidade de mais pesquisas e evidências sobre os dados investigados, em razão das inconsistências entre pesquisas na área relatadas. Sugere-se pesquisas que visem a ampliação da quantidade de modalidades esportivas analisadas, bem como entre atletas e não-atletas, ou mesmo como nesta pesquisa, entre atletas e dados de normatização de manuais de instrumentos, pois tais estudos poderão contribuir para a análise da adaptação de determinados testes aos contexto esportivo, e quando possível e necessária a criação de tabelas específicas para atletas.

Estudos de validade preditiva, estudos longitudinais que permitam avaliar o desenvolvimento da personalidade do atleta desde seus primeiros anos até atingir o alto rendimento, comparação entre níveis de *performance* com diferentes amostras, entre tantos outros estudos importantes e necessários, permitirão que os profissionais que atuam com o contexto esportivo possam fazer uso de diferentes ferramentas para compreender nosso objeto de estudo, o “atleta-ser-humano”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No universo das Ciências do Esporte depara-se com uma vasta gama de possibilidades e necessidades de investigação, tanto relacionadas ao estudo dos atletas de alto rendimento, como em atividades físicas consideradas esportivas como as práticas de tempo livre e as atividades não regulamentadas e institucionalizadas. O termo esporte tem sido utilizado, segundo Rubio (2000), para referir-se não apenas ao alto rendimento, ao esporte profissionalizado, mas também à atividade física de uma forma mais ampla e abrangente.

Apesar do surgimento progressivo de estudos e pesquisas dentro do contexto da Psicologia do Esporte e Exercício, ainda se tem poucos estudos sobre traços de personalidade em esportistas, ou mesmo a publicação de ferramentas de avaliação psicológica com amostras esportivas. Considerando a ampla variedade de especificidades do contexto esportivo, que envolvem questões vinculadas às características das modalidades, sejam de contato ou não, coletivas ou individuais, que competem com um adversário, uma equipe, um índice ou o recorde, é de se esperar que profissionais que atuam em Psicologia do Esporte tenham que ter um olhar vasto a respeito das características que envolvem habilidades, motivações, intensidades, comportamentos etc., no ambiente psicológico de um esportista.

Rubio (2010) esclarece que além do conhecimento específico trazido da psicologia como o uso de ferramentas de diagnóstico e modelos de intervenção, é imprescindível que o profissional tenha uma ampla noção das questões relacionadas ao universo do esportista, desde aspectos do ponto de vista do atleta individualmente, tais como noções de fisiologia, biomecânica, características específicas das modalidades esportivas, regras, além da dinâmica de grupos esportivos. Esse conjunto de conhecimento e habilidades se faz necessário na medida que o trabalho em Psicologia do Esporte envolve pessoas e grupos que estão numa conjuntura determinada pelo contexto competitivo, de treinamentos, competições, como por exemplo na interação com um meio restritivo com períodos de isolamento, concentração etc.

Assim sendo este trabalho contribuiu para a investigação do uso de uma ferramenta de avaliação psicológica de personalidade em atletas de diferentes modalidades. Foram realizados também investigações dos índices de confiabilidade da escala, por meio do coeficiente de alfa de Cronbach, que se mostraram satisfatórios em alguns dos fatores e facetas do teste nos diferentes estudos.

Contudo, destaca-se que as facetas relacionadas aos fatores Extroversão e Realização, assim como o fator Abertura a experiências e suas facetas, apresentaram os índices mais rebaixados de precisão, sugerindo que os dados nesta pesquisa em relação ao teste aplicado nos atletas sejam tratados com mais cautela, em razão desta instabilidade de respostas. Também ressalta-se que algumas modalidades, entre elas Atletismo, seguido de Futebol base, apresentaram mais fatores com índices rebaixados de precisão.

No que tange as comparações relacionadas a amostra de atletas, foram observadas diferenças significativas estatisticamente entre a amostra no contexto esportivo e os resultados médios da amostra de normatização da escala. No entanto, alguns fatores e facetas não se apresentaram de maneira a diferenciar tais grupos, ou mesmo diferenças entre as modalidades. Considerando a diversidade de variáveis estudadas e, principalmente, pela dificuldade de coletar testes com atletas, cuidados metodológicos e a validade externa das pesquisas devem ser consideradas na análise dos resultados e suas interpretações.

Enfatiza-se que este estudo também sugere não existir um agrupamento único de atletas que determinariam um perfil de personalidade comum deste contexto, mas enfatiza características comuns em alguns casos, e distintas em outros, tanto para os diferentes fatores e subfatores de personalidade quanto em relação às modalidades esportivas. Nos casos em que não foram observadas diferenças de médias entre os contextos, porém entre modalidades, sugere-se que sejam ampliadas estas amostras de modalidades para que os estudos possam ser replicados, e com um número maior de contingente por modalidade seja verificada a necessidade de tabelas específicas, ou mesmo por agrupamentos de modalidades, se empiricamente evidenciado tal necessidade.

Referente ao embasamento teórico sob o qual o teste foi estruturado, ressalta-se que os Cinco Grandes Fatores já são citados como uma abordagem empírica relevante nas poucas pesquisas sobre personalidade e esporte, porém com lacunas a serem melhor investigadas. Entretanto, considerando todo o exposto nesta pesquisa, seja por meio dos dados evidenciados, e das informações das outras pesquisas citadas, parece ser existente a relação entre a prática de esportes e a construção da personalidade, em graus variados em função de influências de variáveis externas tais como as descritas nestes estudos, e muitas outras a serem investigadas, haja vista os poucos estudos empíricos que confirmem de fato tal relação entre personalidade e esporte neste referido modelo.

Concluiu-se que os resultados não corroboram para a existência de um perfil comum de atleta, nem para o sentido de um perfil médio. De maneira que são encontrados traços em comum no grupo de esportistas, tais como, rebaixada instabilidade emocional, índices médios

um pouco mais baixos em socialização e também rebaixados em abertura para novas experiências.

Sugere-se que mais estudos sejam realizados com instrumentos de investigação de personalidade em sportistas, buscando uma maior compreensão psíquica e emocional dos atletas. Tais pesquisas devem compreender as investigações entre determinantes das modalidades esportivas, em situações específicas de jogo, treinos e em momentos de competição, de maneira a contribuir com treinadores, equipes técnicas e sobretudo com os próprios atletas.

Em suma, os estudos apresentados e os resultados obtidos neste trabalho associam-se às preocupações da comunidade científica e do Conselho Federal de Psicologia (CFP), visto que se propõe a suplantar a precariedade dos instrumentos psicológicos utilizados no Brasil e a restringir as práticas errôneas, o que torna evidente a necessidade de adaptação e de aperfeiçoamento dos instrumentos e práticas utilizadas na avaliação psicológica (NORONHA et al., 2004). Neste sentido, os psicólogos do esporte devem trabalhar com atenção e exatidão científica na compreensão da prática esportiva para que a Psicologia não seja convertida em uma área que simplifica os fenômenos do esporte. Portanto, deve ser dado à importância devida à normatização de testes psicológicos, como meio para aumentar a probabilidade de que as ferramentas para avaliação psicológica estejam cada vez mais adequadas ao trabalho desenvolvido por profissionais, mas sobretudo contribuir para a interpretações dos resultados investigados.

Segundo a proposta de Rudik (1990), em relação à avaliação dentro do contexto esportivo, o autor sugere a elaboração de um psicograma das diversas modalidades esportivas que contemple aspectos tais como a determinação uniforme e rigorosa das ações esportivas que serão realizadas, considerando, por exemplo, o levantamento de peso, corridas, lançamentos etc., observar também a complexidade e diversidade relativa dos métodos vinculados a cada tipo de modalidade. Considerar o tempo de duração da atividade ou competição, e para alguns casos duração e frequência das repetições de algumas ações. Exigências da duração dos processos de reação. Conteúdo e complexidade relativa do processamento da atividade. Particularidades das manifestações de força. Exigências relacionadas à resistência física. Particularidades dos estados emocionais no processo de competição. Particularidades relacionadas à tática (individual ou grupal), entre outras preocupações a serem investigadas. À partir destas análises gerar indicadores da dinâmica do desenvolvimento das principais funções psíquicas, segundo dados de medidas experimentais, entre elas, tempo de reação, percepção motora, excitabilidade, intensidade e estabilidade dos

processos de atenção, assim como também a respeito das reações emocionais, e características de personalidade.

Ainda, segundo o mesmo autor, a organização desses índices pode ser feita de forma a compor o perfil psicológico do atleta, que em um trabalho de cunho longitudinal poderá oferecer subsídios para a compreensão do desenvolvimento das suas capacidades e habilidades e quais características precisam ser mais bem trabalhadas. A partir do cruzamento de todas essas informações pode-se vir a chegar em um perfil comum do atleta. O perfil de atletas de alto rendimento é consideravelmente diferente da média da população, bem como também é distinto o perfil de praticantes de diferentes modalidades esportivas, na medida em que estas se distinguem pelo tipo de enfrentamento (com ou sem contato físico), tipo de enquadre (individual ou coletivo) ou ainda pelo uso de instrumentos (bolas, raquetes ou bastões).

Conforme destacado por Assef e Grupenmacher (2007), deve-se enfatizar que a importância do uso do instrumento é significativa, porque em muitos casos é o primeiro contato do psicólogo com o sujeito, seja ele atleta ou não. Além disso, as condições de análise de um psicólogo a partir da utilização de instrumentos podem acrescentar muitas informações importantes no processo de avaliação psicológica. Esta avaliação mais cuidadosa traz em si muita responsabilidade, pois, quando se está em equipe multiprofissional e no contexto esportivo, na relação com treinadores, preparadores físicos, massoterapeutas, o instrumento pode se tornar um facilitador do contato e do vínculo, apresentando-se fundamental para o desenvolvimento do plano de trabalho.

Analisar o sujeito, suas peculiaridades e necessidades, com foco em investigações apuradas e embasadas empiricamente poderão possibilitar uma compreensão pessoal e profissional do atleta, adequando-se metodologias às especificidades de cada modalidade e acima de tudo de cada esportista. Mas para isso, é necessário que o profissional avaliador encare a responsabilidade do compromisso com o melhor manuseio do ferramental, de maneira que isso seja um desafio integrante do papel do Psicólogo do Esporte, se comprometendo com o estudo do instrumento escolhido, para melhor aproveitamento dos resultados da utilização do teste.

Os testes psicológicos, em sua grande maioria, poderiam ser usados na Psicologia do Esporte e Exercício, desde que atendessem ao mínimo de condições, entre elas, de serem devidamente validados e padronizados para a realidade brasileira, desejavelmente adaptados à área esportiva e aplicados e avaliados por psicólogos formados, pois interpretações errôneas podem causar sérios danos à saúde psíquica do indivíduo (THOMAS, 1994). É de extrema

importância que as pessoas envolvidas direta ou indiretamente, sejam elas atletas, comissão técnica, árbitros, pais ou psicólogos, reconheçam que a avaliação psicológica é fruto de um processo no qual os resultados de um teste descontextualizado, não trará benefícios a compreensão deste sujeito avaliado.

Uma avaliação assertiva deve considerar o indivíduo como um todo, seu histórico de vida e o momento que vivencia. Informações básicas são imprescindíveis antes de interpretar os resultados de instrumentos, pois dados como sexo, idade cronológica, estado civil, nível socioeducacional, tipo de atividade esportiva praticada, quantidade de horas de treino, se refere-se a uma modalidade coletiva ou individual, posicionamento em quadra etc., podem representar aspectos que diferenciam pessoas de grupos e os integram dentro de outros agrupamentos. É interessante combinar um teste com outros subsídios de avaliação psicológica para consolidar a suposição diagnóstica e de intervenção. Por fim, destaca-se que a avaliação psicológica apresenta tendências de como o indivíduo está naquele momento em que foi avaliado e não considerando-o como uma estrutura rígida, imutável.

Considerando os aspectos enfatizados nos escritos deste trabalho, mesmo com o número ainda reduzido de pesquisas na área, o que se tem é um amplo campo de atuação da Psicologia do Esporte e Exercício, conferindo necessidade de instrumental que possa refletir características da realidade do atleta, nesta posição atual de poucos testes ou estudos de adaptação de ferramentas psicológicas para o contexto esportivo propriamente dito. De tal modo, confirma-se a necessidade de dispor de uma maior variedade de instrumentos orientados para medidas de construtos no âmbito esportivo, valendo-se de temas, tais como, bem-estar psicológico, habilidades cognitivas e psicomotoras, processamento de resposta, motivação, agressividade, violência, personalidade, liderança, habilidades sociais e vários outros aspectos da prática esportiva e da atividade física. Tais necessidades exigirão estudos e muito empenho por parte dos profissionais da área, entendendo-se que o nível técnico de atletas e equipes de alto rendimento também se mostra vinculada à características emocionais, podendo ser considerada como um diferencial atenuante no desempenho do atleta.

6. REFERÊNCIAS

- ALCHIERI, J. C.; CRUZ, R.M. **Avaliação Psicológica: Conceito, Métodos, Medidas e Instrumentos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- ALCHIERI, J. C., NORONHA, A.P. P.; PRIMI R. **Guia de referência: testes psicológicos comercializados no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- ALLPORT, G.W. **Pattern and Growth in Personality**. New York, NY: Holt, Rinehart and Winston, Inc, 1961.
- ALLPORT, G. Traits Revisited. **American Psychologist**, v.21. 1966.
- ALMEIDA, L.S., PRIETO, G., MUÑIZ, J.; BARTRAM, D. O uso dos testes em Portugal, Espanha e Países Iberoamericanos. **Psychologica**, n.20, p.41-55, 1998.
- AMBROSELLI, C. (org.). **Comitês d'Éthique a Travers Le Monde: recherches en cours 1986**. Obra coletiva publicada por L'Inserm, p.5-12, Paris: Éditions Tierce, 1987.
- ANASTASI, A. **Testes Psicológicos**. São Paulo: EPU, 1977.
- ANASTASI, A.; URBINA, S. **Testagem Psicológica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- ANGELO, L.F.; RUBIO, K.(org). **Instrumentos de Avaliação Psicológica em Psicologia do Esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- ASSEF, D.M.; GRUPENMACHER, R. Da entrevista à anamnese: com objetivos, estratégias, alcances e limitações. In L.F. Angelo; K. Rubio. **Instrumentos de Avaliação Psicológica em Psicologia do Esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- AUWEELE Y.V.; CUYPER B.; MELE V.; RZEWNICKI R. Elite performance and personality: from description and prediction to diagnosis and intervention. In Singer RN, Nurfhey M, Tennant LK, editors. **Handbook of research in sport psychology**. New York: Macmillan, p.257-89, 1993.
- AUWEELE Y.V.; NYS K.; RZEWNICKI R.; MELE V. Personality and athlete. In: Singer R, Haussenblas HA, Janelle CM, editors. **Handbook of sport psychology**. New York: John Wiley & Sons, p.239-68, 2001.
- BACKMAND H.; KAPRIO J.; KUJALA U.; SARNA S. Personality and mood of former elite athletes-a descriptive study. **International Journal of Sports Medicine**. v.22, p.215-21, 2001.
- BARA FILHO, M.G.; RIBEIRO, L.C.S.; GARCIA, F.G. Comparação de características da personalidade entre atletas brasileiros de alto rendimento e indivíduos não-atletas. **Rev Bras Med Esporte**. v.11, n.2, p.115-120, 2005. ISSN 1517-8692.
- BARTHOLOMEU, D.; MACHADO, A.A.; SPIGATO, F.; BARTHOLOMEU, L.L.; COZZA, H.F.P.; MONTIEL, J.M. Traços de personalidade, ansiedade e depressão em jogadores de futebol. **Rev. bras. psicol. esporte**, São Paulo, v.3, n.1, jun, 2010.
- BORGATTA, E. F. (1964). **The structure of personality characteristics**. **Behavioral Science**, v.12, p.8-17, 1966. doi: 10.1002/bs.3830090103.
- BRANDÃO, M.R.F. A Psicologia do exercício e do esporte e seus desafios para o milênio. In Brandão, M. R. F., Machado, A. A. (org.). **Coleção Psicologia do esporte e do exercício**. São Paulo: Atheneu, v.1, p.143-157, 2007.

- BRIGGS, S. Assessing the Five-Factor Model of personality description. **Journal of Personality**, v.60, 1992.
- BUTLER, J. Personality and emotional correlates of right-wing authoritarianism. **Social Behavior and Personality**, v.28, p.1-14, 2000. doi: 10.2224/sbp.2000.28.1.1.
- BUTT, D.S. Personality of the athlete. In: Butt DS (org.). **The psychology of sport**. New York: VNR, p.95-105, 1987.
- CASTRO, I.J. **Efeito da frequência relativa do feedback extrínseco na aprendizagem de uma habilidade motora discreta simples**. Dissertação de Mestrado. São Paulo; Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo. 1988.
- CATTELL, R.B. Confirmation and clarification of primary personality factors. **Psychometrika**, v.12, p.197-220, 1947. doi: 10.1007/BF02289253.
- CATTELL, R.B. The primary personality factors in women compared with those in men. **British Journal of Psychology**, v.1, p.114-130, 1948.
- CATTELL, R. B. **The scientific analysis of personality**. Londres: Penguin, 1965.
- CATTELL, R. **16 PF, Cuestionario factorial de personalidad**. Madrid: Tea. Ediciones, S.A, 1975.
- CHIESA, M. **Radical behaviorism: The philosophy and the science**. Boston: Autors Cooperative, 1994.
- CHRISTAL, Raymond; TUPES, Ernest. **Recurrent personality factors based on trait ratings**. *Journal of Personality*, Texas, 60. 1992.
- CLONINGER, S.C. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY. **História do Rugby**. Disponível em: <http://www.brasilrugby.com.br/>. Acesso em: 10 jul 2013.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução 002 de 24 de março de 2003**. Brasília, DF: CFP, 2003.
- COSTA, P. T. JR.; MCCRAE, R. R. Domains and facets: Hierarchical personality assessment using the Revised NEO Personality Inventory. **Journal of Personality Assessment**, 64, 21 - 50. 1992.
- COSTA, P. T. JR.; MCCRAE, R. R. Primary traits of Eysenck's P-E-N system: Three and five factor solutions. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 69, p.308-317. 1995a.
- COSTA, P. T. JR.; MCCRAE, R. R. **Neo-PI-R: Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R)**. Odessa, F.L: Psychological Assessment Resources, 1995b.
- COSTA, P.T.JR.; WIDIGER, T.A. Introduction. In P. T. COSTA; JR. T. A. WIDIGER (org.), **Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality**, 2.ed., p.3-16. Whashington, DC: American Psychological Association, 2002.
- COX, R.H. **Sport Psychology: concepts and applications**. 2ed. Dubuque: Brown & Benchmark, 1994.
- CRONBACH, L. J. **Fundamentos da testagem psicológica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CUNHA, J. A. **Psicodiagnóstico-V**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- DANCEY, C.P.; REIDY, J. **Estatística sem matemática para psicologia**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

- DAVIS, R. D. Millon's: Essentials of his science, theory, classification, assessment, and therapy. **Journal of Personality Assessment**, 72 (3), p.330-352, 1999.
- DE LIMA, Marco Antunes. As origens do futebol na Inglaterra e no Brasil. **Klepsidra: Revista virtual de história**, n. 14, p. 5, 2002.
- DEL PRIORE, M.; MELO, V. A. **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- DAVIS, F.B. **Educational measurements and their interpretation**. Wadsworth Publishing Co.: Belmont, California, 1964.
- DEVELLIS, R.F. **Scale development: Theory and applications**. Newbury Park, CA: SAGE Publications, 1991.
- DIGMAN, J. M. Historical Antecedents of the Five-Factor Model. In P. T. Costa & T. A. Widiger (Eds.), **Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality** (2 ed., p. 17-22). Washington, DC: American Psychological Association, 2002.
- DOBOSZ, R.; BEATY, L. The relationship between athletic participation and high-school student's leadership ability. **Adolescence**, v.34, n.133, p.215-220, 1999.
- DUARTE, O. **História dos esportes**. São Paulo: MAKRON Books, 2000.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- EYSENCK, H. J. **Dimensions of personality**. New York, NY: Praeger, 1947.
- EYSENCK, H. J. **The structure of human personality**. Londres: Methuen, 1970.
- FISHER, A. C. New directions in sport personality research. In J. M. Silva; R. Weinberg (org.) **Psychological foundations of sport**. Champaign: Human Kinetics, 1984.
- FISKE, D. W. Consistency of the factorial structures of personality ratings from different sources. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, 44, 329-344, 1949. doi: 10.1037/h0057198.
- FEDERAÇÃO PAULISTA DE TÊNIS DE MESA - FPTM. **A origem do Tênis de Mesa**. 2013. Acessado em 15 fev. 2013, da Federação Paulista de tênis de mesa: http://www.fptm.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=174:a-origem-do-tenis-de-mesa&catid=21:historia&Itemid=74.
- FORTES, B.S.; CONRADO, J.M. Os traços de personalidade dos jogadores de futebol: Uma revisão sistemática. **Revista da Graduação**, v.5, n.1, 2012.
- FRASCARELI, L.S. **Interfaces entre psicologia e esporte: sobre o sentido de ser atleta**. 198 pg. Dissertação – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.
- FURNHAM, A., CHAMORRO-PREMUZIC, T.; MCDOUGALL, F. Personality, cognitive ability, and beliefs about intelligence as predictors of academic performance. **Learning and Individual Differences**, v.14, p.49-66, 2003.
- GONZÁLES, J.L. **Psicología del Deporte**. Madri, Editorial Biblioteca Nueva, 1997.
- GOULD, D.; WEINBERG, R. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício** (trad. Cristina Monteiro, 4 ed.) Porto Alegre: Artmed, 2008.
- GUILFORD, J. P. **Personality**. New York: McGraw-Hill, 1959.
- GUILLÉN F.; CASTRO JJ. Comparación de la personalidad en deportistas y no deportistas, utilizando como instrumento el EPQ-A de Eysenk. **Rev Psicol Deporte**. v.5, p.5-14, 1994.

- HALFHILL, T.; SUNDSTROM, E.; LAHNER, J.; CALDERONE, W.; NIELSEN, T.M. Group personality composition and group effectiveness. **Small Group Research**, v.36, p.83-105, 2005.
- HALL, C.S.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J.B. **Teorias da Personalidade**. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- HERNÁNDEZ-ARDIETA I.P.; LOPEZ J.C.; DOLORES M.; RUIZ, E.J.G. Personalidad, diferencias individuales y ejecución deportiva. In: Zafra A, Ruiz HJ, Garcia GN (org.). **Manual de psicología del deporte**. Murcia: DM, p.105-23, 2002.
- HUTZ, C. S.; NUNES, C. H. S. S. **Escala Fatorial de Neuroticismo (EFN)**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- HUTZ, C.S.; NUNES, C.H.; SILVEIRA, A.D.; SERRA, J.; ANTON, M.; WIECZOREK, L.S. O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n.11, p.395-411, 1998. Acessado em 15 nov 2012, doi: 10.1590/S0102-79721998000200015.
- INSTITUTO JOAQUIM CRUZ - IJC. Disponível em <http://www.ijcdf.org/p4779.aspx>. Acesso em 30 set 2013.
- ITO, P.C.P.; GOBITA, M.; GUZZO, R.S.L. Temperamento, neuroticismo e auto-estima: estudo preliminar. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v.24, n.2, p.143-153, 2007. doi: 10.1590/S0103-166X2007000200001.
- JACK, S.J.; RONAN, K.R. Sensation seeking among high- and low-risk sports participants. **Personality and Individual Differences**, n.14, p.1063-1083, 1998.
- KIRCHNER, T., TORRES, M.; FORNS, M. El modelo de polaridad de Millon. Em **Evaluacion Psicológica: modelos y técnicas**. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1998.
- LAGE, G.M.; UGRINOWITSCH, H.; MALLOY-DINIZ, L.F. Práticas Esportivas. In: L.F. Malloy-Diniz, D. Fuentes, P. Mattos, N. Abreu, et al. **Avaliação neuropsicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- LAURIN, R. **The influence of the “big-five” factors on the demands-abilities fit in soccer academies**. Perceptual and Motor Skills, n.109, 2009.
- LEME, I.F.A.S.; PELLINI, M.C. A ética no uso de testes no processo de Avaliação Psicológica. In: R. A. M. Ambiel, I.S. Rabelo, S. V. Pacanaro, G. A. S. Alves, I. F. A. S. Leme (orgs.) **Avaliação Psicológica. Guia de consulta para estudantes e profissionais de psicologia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- LEONHARDT, L. O Psicólogo auxiliando na qualificação do Treinador: Potencializando Talentos no cotidiano de um clube de futebol. p. 141-154. In RUBIO, K. (org). **Psicologia do esporte aplicada**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- LLEWELLYN, D.J.; SANCHEZ, X. Individual differences and risk taking in rock climbing. **Psychology of Sport and Exercise**, n.9, p.413-426, 2008.
- MACHADO, Afonso Antônio. **Psicologia do esporte: temas emergentes I**. São Paulo: Ápice Editora, 1997.
- MANOEL, E.J. Desenvolvimento motor: implicação para a educação física escolar I. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v.8, p.82–97, jan/jun, 1994.

- MARESH C.M.; SHECKLEY B.G.; ALLEN G.J.; CAMAIONE D.N.; SINATRA S.T. Middle age male distances runners: physiological and psychological profiles. **The Journal of Sports Medicine and Physical Fitness**. v.31, n.3, p.461-470, 1991.
- MARINOVIC, W.; ILZUKA, C.A.; NAGAOKA, K. **Tênis de mesa**. São Paulo: Editora Phorte, 2006.
- MATARAZZO, F. A tipologia junguiana e sua utilização no esporte. In Rubio, K. (org.). **Psicologia do Esporte: Interfaces, Pesquisa e Intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.67-85, 2000.
- MCCRAE, R.R.; COSTA, P.T. Personality Trait Structure as a Human Universal. **American Psychologist**, n.52, p.509-516. 1997. doi: 10.1037/0003-066X.52.5.509.
- MCCRAE, R.R.; JOHN, O. P. An introduction to the Five-Factor Model and its applications. **Journal of Personality**, n.60, p.175-216., 1992. doi: 10.1111/j.1467-6494.1992.tb00970.x.
- MCDUGALL, W. Of the words character and personality. **Character and Personality**, n.1, p.3-16, 1932.
- MCINTOSH, P. C. **O desporto na sociedade**. Lisboa, 1975.
- MEEHL, P.E. The dynamics of "structured" personality tests. **Journal of Clinical Psychology**, n.56, p.367-373, 2000.
- MESSIAS, A. M.; PELOSI, A. C. B. A. M. A relação entre personalidade e a prática esportiva. In A. A. Machado (org) **Psicologia do Esporte**. Jundiaí: Ápice, 1997.
- MILLON, T. Reflections on psychosynergy: a model for integrating science, theory, classification, assessment, and therapy. **Journal of Personality Assessment**, n.72, v.3, p.437-456, 1999.
- MILLON, T. **The Millon inventories: clinical and personality assessment**. New York: edited by Theodore Millon, 1997.
- MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MISCHEL, W. **Personality and Assessment**. Wiley: New York. 1968.
- MORGAN W.P.; COSTILL D.L. Selected psychological characteristics and health behaviors of aging marathon runners: longitudinal study. **Int J Sports Med**, v.17, p.305-12, 1996.
- MORRIS T. Psychological characteristics and talent identification in soccer. **Sports Sci**, v.18, p.715-26, 2000.
- MURPHY, K.R.; Davidshofer, C.O. (1988). **Psychological testing: Principles and applications**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall.
- NUNNALLY, J.C. **Psychometric theory**. New York: McGraw-Hill Inc., 1978.
- NAVEIRA, A.G.; BARQUÍN, R.; PUJALS, C. Diferencias em personalidade em função de la práctica o no deportiva, nível de competición y categoria por edad em jogadores de fútbol desde el modelo de Costa y McCrae. **Revista de Psicología del Deporte**. v.20, n.1, 2011.
- NOGUEIRA, C.M. Testes projetivos de diagnóstico e intervenção na psicologia do esporte. In L.F. Angelo & K. Rubio. **Instrumentos de Avaliação Psicológica em Psicologia do Esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

- NORMAN, W.T.; GOLDBERG, L.R. Raters, ratees, and randomness in personality structure. **Journal of Personality and Social Psychology**, n.4, p.681-691, 1966. doi: 10.1037/h0024002.
- NORONHA A.P.P.; BALDO C.R.; ALMEIDA, M.C. Conhecimento de estudantes a respeito de conceitos de avaliação psicológica. **Psicologia em Estudo**, maio/ago, n.9, v.2, p.263-269, 2004.
- NORONHA, A.P., VENDRAMINI, C.M.M., CANGUÇU, C., SOUZA, C.V.R., COBÊRO, C, PAULA, L.M., FRANCO, M.O., LIMA, O.M.P., GUERRA, P.B.C.; FILIZATTI, R. Propriedades psicométricas apresentadas em manuais de testes de inteligência. **Psicologia em Estudo**, n.8, v.1, p.93-99, 2003.
- NORONHA, A.P.P. Os problemas mais graves e mais frequentes no uso dos testes psicológicos. **Psicologia Reflexão e Crítica**, n.15, v.1, p.135-142, 2002.
- NUNES, C.H.S.; HUTZ, C.S. **Construção e Validação da Escala Fatorial de Socialização**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, n.20, v.1, p.20-25, 2007a.
- NUNES, C.H.S.S.; HUTZ, C.S. **Escala Fatorial de Extroversão: Manual Técnico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007b.
- NUNES, C.H.S.S.; HUTZ, C.S. **Escala Fatorial de Socialização: Manual Técnico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007c.
- NUNES, C.H.S.S., HUTZ, C.S.; NUNES, M.F.O. **Bateria Fatorial de Personalidade**. Manual Técnico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- NUNES, C.H.S.S.; NUNES, M.F.O.; CUNHA, T.F.; HUTZ, C.S. Relationships between chemical addiction and personality structure in a Brazilian sample. **Interamerican Journal of Psychology**, v.43, p.68-76, 2009.
- OLIVEIRA, K.L.; NORONHA, A.P.P.; DANTAS, M.A. O psicólogo comportamental e a utilização de técnicas e instrumentos psicológicos. **Psicologia em Estudo**, jan./abr., n.10, v.1, p.127-135, 2005.
- OLYMPIC (2013). Official website of the Olympic Movemen. Disponível em <http://www.olympic.org/> . Acessado em 13 mai 2013.
- PASQUALI, L. (org). **Instrumentação Psicológica: fundamentos e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- PASQUALI, L. (org). **Técnicas de Exames Psicológicos – TEP**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- PASQUALI, L. A sociedade não aceita mais qualquer coisa. **Psicologia: Ciência e Profissão – Debates**. Conselho Federal de Psicologia, 03 dez 2005, p.6-10, 2005.
- PASQUALI, L. **Instrumentos psicológicos: Manual prático de elaboração**. Brasília: LabPAM IBAPP, 1999.
- PASQUALI, L. **Teoria dos testes na psicologia e na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PERVIN, L.A.; John, O.P. **Personalidade: teoria e pesquisa**. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- PIEDMONT, R.; HILL, D.; BLANCO, S. Predicting athletic performance using the five-factor model of personality. **Personality and Individual Differences**. 1999.

- PIOTROWSKI, C. How popular is the Personality Assessment Inventory in practices and training. **Psychological Reports**, n.86, p.65-66, 2000.
- POTGIETER, J.; BISSCHOFF, F. Sensation seeking among medium and low-risk sports participants. **Perceptual and Motor Skills**, n.60, p.1203-1206, 1990.
- PRIMI, R. (org.). **Temas em Avaliação Psicológica**. São Paulo: IBAP/Casa do Psicólogo, 2005.
- RAGLIN, J.S. Anxiety and Sport performance. **Exercise and Sport Science Reviews**, v.20, p.243-74, 1992.
- RODIÓNOV, A.V. **Psicología Del Deporte de Altas Marcas**. Moscou, Vneshtorgizdat, 1990.
- RODRIGUEZ, M.C. **Diagnóstico de personalidad en deporte de competición: fútbol**. Tese de Doutorado. Facultad de Medicina. Universidad Las Palmas de Gran Canaria, 2003.
- RUBIO, K. A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. **Psicol. cienc. prof.**, 1999, n.19, v.3, p.60-69, 1999.
- RUBIO, K. O trajeto da Psicologia do Esporte e a formação de um campo profissional. In: K. RUBIO (org.), **Psicologia do Esporte: Interfaces, pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- RUBIO, K. (org.). **Instrumentos de Avaliação em Psicologia do Esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- RUBIO, K. (org.). **Psicologia do esporte aplicada**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- RUDIK, P.A. **Objeto Específico y Tareas de la Psicología Del Deporte**. Moscou, Editorial Fiskultura y Sport, 1990.
- SAINT-PHARD, D.; VAN DORSTEN, B.; MARX, R.G.; YORK, K.A. Self-perception in elite collegiate female gymnastics, cross-country runners and track-and-field athletes. **Mayo Clinical Procedures**. v.74, p.770-74, 1999.
- SANTOS, E.; SILVA NETO, N.A. **A Ética no Uso de Testes Psicológicos, na Informatização e na Pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- SAROGLOU, V. Religion and the five factors of personality: A meta-analytic review. **Personality and Individual Differences**, n.32, p.15-25, 2002. doi: 10.1016/S0191-8869(00)00233-6.
- SILVA, J. M. Personality and sport performance: controversy and challenge. In: J. M. Silva; R. Weinberg (ed.) **Psychological foundations of sport**. Champaign: Human Kinetics, 1984.
- SISTO, F.F. **Teste de Raciocínio Inferencial (RIn). Manual**. Vetor Editora Psicopedagógica Ltda, 2006.
- SRIVASTAVA S.; JOHN, O. P.; GOSLING, S. D.; POTTER, J. Development of Personality in Early and Middle Adulthood: Set Like Plaster or Persistent Change?, **Journal of Personality and Social Psychology**, n.84, p.1041-1053, 2003.
- STRACK S. Millon's normal personality styles and dimensions. **Journal of Personality Assessment**, n.72, v.3, p.426-436, 1999.
- THOMAS, A. **Esporte: introdução à Psicologia**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1994.
- THURSTONE, L.L. The vectors of mind. **Psychological Review**, v.41, p.1-32, 1934. doi: 10.1037/h0075959.

- TIANO, M. **Youth sports and personality: an overview**. St. Olaf College, 2007.
- TREFFINGER, D.J. Research on creativity assessment. In S. G. Isaksen (org.), **Frontiers of creativity research: Beyond the basics** (p.103-119). Buffalo: Bearly, 1987.
- TUPES, E.C.; CHRISTAL, R.E. Recurrent personality factors based on trait ratings. **Journal of Personality**, n.60, v.2, p.225-25, 1992.
- TURATO, E.R. **Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico- Qualitativa**. Petrópolis:Vozes, 2003.
- ULLMANN, L.P.E.; KRASNER, L. **A Psychological Approach to Abnormal Behavior**. 2.ed. New Jersey: Prentice-Hall, 1975.
- URBINA, S. **Fundamentos da testagem psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- VEALEY, R.S. Personality and sport: a comprehensive view. In T. S. Horn (Ed.) **Advances in sport psychology**. Champaign: Human Kinetics, 1992.
- WEBBE, F.; OCHS, S. **Personality traits relate to heading frequency in male soccer players**. *Journal of Clinical Sport Pshicology*, v.1, 2007.
- WEINBERG, R.S.; GOULD, D. **Foundations of sport and exercise psychology**. Champaign: Human Kinetics, 1995.
- WEINBERG, Robert; GOULD, Daniel. **Foundations of sport and exercise psychology**. Human Kinetics, 2007.
- WERLANG, B. S. G., VILLEMOR-AMARAL, A. E.; NASCIMENTO, S. R. G. F. Avaliação psicológica, testes e possibilidades de uso. In Conselho Federal de Psicologia (org.). **Avaliação psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão** (p. 87-100). Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2010.
- WIDIGER, T.A., TRULL, T.J., CLARKIN, J.F., SANDERSON, C.; COSTA, P.T.A description of the DSM-IV personality disorders with the five-factor model of personality. In P.T. COSTA; T.A. WIDIGER (org), **Personality disorders and the Five- Factor Model of Personality**, 2.ed., Washington, DC: American Psychological Association, p.89-102, 2002.
- WILLIAMS, J.M. **Psicologia aplicada al deporte**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1991.

7. ANEXO

Anexo 1. Resultados brutos médios dos fatores e facetas da BFP no contexto esportivo

Fator / Amostra	BFP esporte	Atletismo	Tênis olimp.	Tênis paraolimp.	Rugby	Rugby olimp.	Futebol	Futebol base 1	Futebol base 2
Sujeitos (N)	376	31	18	15	21	32	42	81	136
NEUROTICISMO	3,08	3,12	3,50	3,43	3,58	3,24	2,89	3,03	2,96
Vulnerabilidade	3,46	3,39	4,28	3,71	3,86	3,46	3,07	3,28	3,50
Instabilidade	3,21	3,29	3,43	3,30	3,53	3,36	3,04	3,32	3,04
Passividade	3,40	3,38	4,00	4,09	4,28	3,84	3,27	3,31	3,10
Depressão	2,27	2,43	2,31	2,63	2,66	2,29	2,18	2,20	2,19
EXTROVERSÃO	4,42	4,57	4,18	4,39	4,30	4,46	4,60	4,37	4,39
Nível comunicação	4,22	4,63	3,93	4,00	4,01	4,23	4,53	4,03	4,23
Altivez	3,49	3,81	3,34	3,92	3,59	3,51	3,55	3,44	3,38
Dinamismo	4,89	4,86	4,87	4,81	4,61	4,91	5,08	5,00	4,84
Interações sociais	5,06	5,00	4,58	4,84	4,98	5,18	5,27	5,00	5,11
SOCIALIZAÇÃO	5,20	4,94	5,32	5,31	4,92	5,17	5,31	5,31	5,18
Amabilidade	5,50	5,30	5,63	5,91	5,43	5,39	5,80	5,58	5,37
Pró-sociabilidade	5,58	5,34	5,55	5,24	4,88	5,42	5,74	5,68	5,73
Confiança nas pessoas	4,52	4,17	4,79	4,77	4,45	4,71	4,38	4,69	4,45
REALIZAÇÃO	5,07	5,03	5,04	5,13	4,75	4,80	5,29	5,07	5,13
Competência	5,30	5,27	5,09	5,33	4,90	4,97	5,64	5,36	5,34
Ponderação	5,06	5,06	4,82	4,98	4,79	4,97	5,22	5,20	5,02
Empenho	4,86	4,77	5,21	5,09	4,56	4,46	5,00	4,66	5,03
ABERTURA	4,07	4,22	3,97	4,35	4,38	4,19	4,14	3,95	3,99
Abertura a ideias	4,13	4,21	3,87	4,32	4,01	3,86	4,06	4,02	4,30
Liberalismo	3,99	4,09	4,17	4,57	4,44	4,19	4,13	3,87	3,79
Busca por novidades	4,09	4,35	3,87	4,16	4,69	4,52	4,23	3,95	3,89